



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DAS CIÊNCIAS - PPGEC

KAROLINE BARBOSA DA SILVA

A SEXUALIDADE EM SUA DIMENSÃO BIOPSIKOSSOCIAL:
A FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS NOS FUNDAMENTOS DAS CIÊNCIAS
NATURAIS A PARTIR DE TEMAS CONTROVERSOS

RECIFE – PE

2025

KAROLINE BARBOSA DA SILVA

**A SEXUALIDADE EM SUA DIMENSÃO BIOPSISSOCIAL:
A FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS NOS FUNDAMENTOS DAS CIÊNCIAS
NATURAIS A PARTIR DE TEMAS CONTROVERSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências.

Linha de pesquisa: Formação e prática pedagógica de professores de Ciências e Matemática

Orientador: Prof. Dr. Thiago Araújo da Silveira

RECIFE – PE

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE

Bibliotecário(a): Lorena Teles – CRB-4 1774

B238s

Barbosa, Karoline.

A sexualidade em sua dimensão biopsicossocial: a formação dos pedagogos nos fundamentos das ciências naturais a partir de temas controversos / Karoline Barbosa. – Recife, 2025.

140 f.; il.

Orientador(a): Thiago Araujo da Silveira.

Co-orientador(a): Thiago Araujo da Silveira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Professores - Formação. 2. Educação sexual - Estudo e ensino. 3. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. 4. Ciência - Estudo e ensino 5. Igualdade na educação. I. Silveira, Thiago Araujo da, orient. II. Silveira, Thiago Araujo da, coorient. III. Título

CDD 507

KAROLINE BARBOSA DA SILVA

**A SEXUALIDADE EM SUA DIMENSÃO BIOPSISSOCIAL:
A FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS NOS FUNDAMENTOS DAS CIÊNCIAS
NATURAIS A PARTIR DE TEMAS CONTROVERSOS**

Defendida e aprovada em: 20/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Araújo da Silveira (Orientador)

Profa. Dra. Verônica Tavares Santos Batinga (Examinadora interna) -
PPGEC/UFRPE

Profa. Dra. Maria Danielle Araújo Mota (Examinadora externa) -
RENOEN/UFRPE

Dedico esta Dissertação ao Senhor José Ivan da Silva (*In Memoriam*), um homem de simplicidade, sonhos grandes e árduo trabalhador, o qual tive a honra indescritível de chamá-lo de Painho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me guiou durante todo o propósito de fazer este mestrado, desde a inscrição até a finalização dele. À Nossa Senhora da Conceição e a São Miguel Arcanjo, por toda intercessão e força quando eu mais precisei.

À minha mãe, Marluce Barbosa, que foi meu ponto de equilíbrio e apoio em toda minha jornada acadêmica. Sem ela, nada disso seria possível.

Aos meus irmãos, José Lucas Barbosa e Lúcio Barbosa, por todo apoio, incentivo e vibração constante.

Ao meu orientador, Thiago Araújo da Silveira, por todo apoio, incentivo e contínua inspiração. Sem você, esta vitória não aconteceria. Sua orientação e sabedoria foram fundamentais para o sucesso deste trabalho.

À banca de defesa, a Profa. Dra. Verônica Tavares Santos Batinga e a Profa. Dra. Maria Danielle Araújo Mota pelas contribuições gratificantes e instigantes. Foi uma honra tê-las em meu processo de avaliação. Suas considerações enriqueceram significativamente esta dissertação.

Aos meus amigos, desde aqueles que me incentivaram desde o início até os que conheci durante o percurso: José Vitor, José Edielson, Rivaldo, Paolla, Marcos, Samara, Roberta e Bruna. Vocês fazem parte de tudo isso.

Ao PPGEC, por dois anos incríveis e cheios de aprendizados relevantes. Aos professores que conheci durante o processo, vocês são grandes inspirações. Suas aulas e orientações foram essenciais para minha formação.

Ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (NEPEFOPI), por todas as trocas de conhecimento e colaboração. Vocês tornaram o ambiente de pesquisa um espaço enriquecedor e motivador.

À Capes, que financiou a pesquisa, proporcionando os recursos necessários para a realização deste estudo.

E a Ana Carla, Jaqueline Mendes e Vanda Gomes pelas correções gramaticais. Vocês foram incríveis. O trabalho meticuloso das três, ajudou a garantir a clareza e a qualidade do texto final.

"O educador libertador tem uma tarefa muito difícil. É a de lutar contra a opressão dentro e fora da sala de aula. É a de reconhecer nos alunos seus oprimidos e, ao mesmo tempo, seus irmãos."

Paulo Freire (1987)

RESUMO

A sexualidade tem sido amplamente discutida na sociedade e na ciência, mas ainda é considerada um tema controverso em muitos contextos educativos, incluindo espaços escolares e familiares, por diversos motivos, tais como os culturais, os religiosos e os ideológicos. Apesar de ser vista como tabu, a sexualidade raramente é discutida entre pais e crianças e, nas escolas, a abordagem pode ser trabalhada meramente do ponto de vista biológico, seja por receio ou por falta de preparo dos professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, além de outras razões. Neste contexto, este estudo analisa o processo formativo de futuros pedagogos na abordagem de temas controversos como a sexualidade. Para a formação, temos como referencial teórico as Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs), os temas controversos, e as dialogicidades freireana e dialética, com vistas a abordar a sexualidade de forma biopsicossocial. A pesquisa foi realizada em um componente curricular de Fundamentos das Ciências Naturais, que previa essa temática controversa e utilizou como fonte de dados as produções textuais, os planejamentos de ODIs e os formulários de autoavaliação de discentes, tutores e professor do componente. Nos resultados, a análise das produções textuais revelou que apenas 13 dos 62 discentes apresentaram concepções abrangentes e adequadas do ponto de vista científico-cultural sobre sexualidade, enquanto a maioria demonstrou uma compreensão limitada, o que reforça a necessidade de um investimento contínuo na formação de educadores. Além disso, os discentes informaram enfrentar diversos obstáculos, como a complexidade do tema e a falta de recursos adequados para trabalhar com a temática, mas, paralelamente, apresentaram potencialidades significativas, como a colaboração em grupo e a abordagem interdisciplinar e criativa na criação de atividades específicas. As Oficinas Didáticas Interdisciplinares se mostraram uma estratégia interessante na promoção de um ambiente de aprendizado dinâmico e colaborativo, sendo propícia para o desenvolvimento de habilidades fundamentais à prática pedagógica, incluindo criatividade, comunicação, planejamento, foco na criança como sujeito ativo da aprendizagem, tolerância, pensamento crítico e contextualização. A investigação também revelou que a formação inicial dos pedagogos ainda carece de uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre temas controversos. No entanto, o contexto colaborativo de trabalho, a interdisciplinaridade e os desafios enfrentados no planejamento da ODI foram importantes para trazer maior complexidade à formação dos discentes, revelando um movimento permanente e coletivo de desenvolvimento de habilidades e competências docentes. Por fim, a pesquisa evidenciou a importância de trazer à uma formação dos pedagogos o trabalho com temas controversos, como a sexualidade, de maneira sensível, científica e culturalmente adequada e interdisciplinar. Investir na formação de educadores é imprescindível para garantir uma educação de qualidade que promova o respeito, a igualdade e a saúde integral das crianças, preparando-as para uma vida consciente e responsável.

Palavras-chaves: Temas Controversos. Educação Sexual e Formação de Professores. Oficinas Didáticas Interdisciplinares. Ensino de Ciências.

ABSTRACT

Sexuality has been widely discussed in society and science, but it is still considered a controversial topic in many educational contexts, including school and family spaces, for various reasons, such as cultural, religious and ideological. Despite being seen as taboo, sexuality is rarely discussed between parents and children and, in schools, the approach can be worked on merely from a biological point of view, either due to fear or lack of preparation of teachers of Early Childhood Education and early years of Elementary School, in addition to other reasons. In this context, this study analyzes the formative process of future pedagogues in the approach to controversial topics such as sexuality. For the training, we have as a theoretical reference the Interdisciplinary Didactic Workshops (ODIs), the controversial themes, and the Freirean and dialectical dialogicities, with a view to addressing sexuality in a biopsychosocial way. The research was carried out in a curricular component of Fundamentals of Natural Sciences, which foresaw this controversial theme and used as a source of data the textual productions, the planning of ODIs and the self-assessment forms of students, tutors and teachers of the component. In the results, the analysis of the textual productions revealed that only 13 of the 62 students presented comprehensive and adequate conceptions from the scientific-cultural point of view about sexuality, while the majority demonstrated a limited understanding, which reinforces the need for continuous investment in the training of educators. In addition, the students reported facing several obstacles, such as the complexity of the theme and the lack of adequate resources to work with the theme, but, at the same time, they presented significant potentialities, such as group collaboration and the interdisciplinary and creative approach in the creation of specific activities. The Interdisciplinary Didactic Workshops proved to be an interesting strategy in promoting a dynamic and collaborative learning environment, being conducive to the development of fundamental skills for pedagogical practice, including creativity, communication, planning, focus on the child as an active subject of learning, tolerance, critical thinking and contextualization. The research also revealed that the initial training of pedagogues still lacks a more critical and reflective approach to controversial topics. However, the collaborative work context, interdisciplinarity and the challenges faced in the planning of the ODI were important to bring greater complexity to the training of students, revealing a permanent and collective movement of development of teaching skills and competencies. Finally, the research evidenced the importance of bringing to the training of pedagogues the work with controversial themes, such as sexuality, in a sensitive, scientific and culturally appropriate and interdisciplinary way. Investing in the training of educators is essential to ensure quality education that promotes respect, equality and the integral health of children, preparing them for a conscious and responsible life.

Keywords: Controversial Issues. Sexuality Education. Teacher Education. Interdisciplinary Didactic Workshops. Science Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Síntese do cronograma da disciplina _____	46
Quadro 2 Concepções sobre sexualidade _____	53
Quadro 3 Concepções limitadas sobre sexualidade _____	55
Quadro 4 Abordagens metodológicas evidenciadas nas produções textuais dos discentes _____	59
Quadro 5 Dificuldades citada pelos futuros pedagogos na abordagem da Educação Sexual _____	63
Quadro 6 Planos de ODIS _____	69
Quadro 7 Recorte dos planos que incluem a metodologia semáforo _____	79
Quadro 8 Recorte do plano prevenção do abuso Sexual _____	80
Quadro 9 Fragmento do plano de ODI: Descobrimo o corpo _____	81
Quadro 10 Fragmento do plano de ODI: Entendendo o corpo de os direitos sobre ele _____	82
Quadro 11 Fragmento do plano de ODI; Meu corpo, Meu tesouro _____	83
Quadro 12 Fragmento do plano de ODI: Meu tesouro: Conheço, respeito, protejo _	84
Quadro 13 Fragmento do Plano de ODI: Gravidez na Adolescência, Meios de Prevenção _____	85
Quadro 14 Fragmento do plano de ODI; Entendendo Meu Corpo, Meus Afetos e as Minhas Relações _____	86
Quadro 15 Fragmento do Plano de ODI: Descobrimo-se: Uma jornada para educar sobre a sexualidade _____	87
Quadro 16 Fragmento do plano de ODI: Conhecendo Seu Corpo e Relações Afetivas _____	88
Quadro 17: Justificativas que mencionam tabus _____	93
Quadro 18 Justificativas que mencionam resistências culturais _____	94
Quadro 19 Respostas da 1º pergunta do questionário de autoavaliação dos tutores e Professor _____	109
Quadro 20 Respostas da 2º pergunta do questionário de autoavaliação dos tutores e Professor _____	111
Quadro 21 Respostas da 3º pergunta do questionário de autoavaliação dos tutores e Professor _____	113
Quadro 22 Respostas da 4º pergunta do questionário de autoavaliação dos tutores e Professor _____	114

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Exemplo de uma oficina didática interdisciplinar.....	32
FIGURA 2: Organização dos dados.....	50
FIGURA 3: Sistematização dos dados.....	51
FIGURA 4: Distribuição das abordagens metodológicas nas produções textuais.....	61
FIGURA 5: Dificuldades na abordagem da sexualidade para os futuros pedagogos...	68
FIGURA 6: Número de repetições das disciplinas.....	71
FIGURA 7: Frequência do público alvo.....	75
FIGURA 8: Frequência nos planos.....	77
FIGURA 9: Resposta à pergunta: você acha que a temática trabalhada "sexualidade em seu contexto biopsicossocial" é controversa?.....	91
FIGURA 10: Experiências dos discentes ao trabalhar com a temática sexualidade em seu contexto biopsicossocial.....	97
FIGURA 11: Dificuldades ao abordar a sexualidade.....	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHD - Análise Hermenêutica Dialética

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EAD - Educação a Distância

ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências

HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

ODIs - Oficinas Didáticas Interdisciplinares

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1 Temas controversos.....	19
2.2 Concepção sobre educação sexual e educação para sexualidade.....	22
2.3 A formação inicial e continuada de professores para educação sexual.....	27
2.4 Oficinas didáticas interdisciplinar.....	30
2.4.1 Interdisciplinaridade.....	33
2.4.2 A dialogicidade.....	35
2.4.3 Complexidade.....	36
2.4.4 Hermenêutica.....	37
2.4.5 Dialética.....	39
3 METODOLOGIA.....	42
3.1 Análise de dados: análise hermenêutica-dialética.....	48
4 DISCUSSÃO DOS DADOS.....	52
4.1 Produção textual dos pedagogos em formação.....	52
4.2 Planos de ODIs elaborados pelos futuros pedagogos.....	69
4.3 Análise da autoavaliação dos discentes.....	89
4.4 Análise da autoavaliação dos tutores e do professor.....	108
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	122
APÊNDICES	130
APÊNDICE 1- FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO.....	129
APÊNDICE 2- FICHA DE AVALIAÇÃO DOS TUTORES.....	133
APÊNDICE 3- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	134

1 INTRODUÇÃO

A curiosidade pelo tema da educação sexual floresceu durante meus primeiros passos como docente. No início da minha prática, mesmo sem ter concluído a graduação, já estava em sala de aula quando a escola introduziu um projeto específico sobre educação sexual para ser trabalhado com os estudantes. Esse contato inicial me revelou diversas dificuldades ao abordar o tema com os alunos, dada a falta de recursos e preparação necessária para tratar questões de sexualidade de forma sensível e eficaz. Esse desafio instigou meu interesse em aprofundar os estudos, motivando-me a explorar e compreender melhor as dinâmicas e complexidades envolvidas na educação sexual.

Paralelamente, ensinar Ciências Naturais também me proporcionou uma visão clara dos desafios de uma sala de aula. Nela, pude observar que muitos alunos possuíam dúvidas e preconceitos sobre temas relacionados à sexualidade, o que confirmou a carência percebida de recursos didáticos e a falta de suporte adequado para tratar essas questões de maneira apropriada. Essa experiência prática despertou a necessidade individual urgente de um aprofundamento teórico e metodológico nesse campo. As dificuldades enfrentadas incluíam a carência de materiais didáticos apropriados, a resistência de alguns alunos em discutir o assunto, bem como o receio de algumas famílias em aceitar a abordagem do tema na escola, temendo que seus filhos fossem expostos a informações consideradas inadequadas.

Com o tempo, lendo e pesquisando ainda durante a graduação, surgiu a vontade de entender como os professores são formados para atuar nesta área. Essa busca incessante por respostas proporcionou uma conexão mais forte com a temática, inspirando-me a aprofundar meus conhecimentos em nível de mestrado. O que me levou a buscar formas de contribuir para a formação de educadores mais bem preparados para abordar a educação sexual de maneira integral e inclusiva, com sensibilidade e adequação biopsicossocial.

No primeiro e segundo semestre do mestrado, as reflexões e discussões realizadas nas disciplinas proporcionaram um amadurecimento significativo. Ao participar de debates acadêmicos e realizar leituras aprofundadas, pude expandir minha compreensão sobre a educação sexual, reconhecendo sua relevância em todos os níveis de ensino. Este processo de amadurecimento foi evidenciado pela oportunidade de discutir com colegas e professores casos práticos, experiências de

campo e análises teóricas que ilustravam a complexidade e a necessidade urgente dessa abordagem. Além disso, as disciplinas estimularam o desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva, permitindo-me identificar lacunas e oportunidades no ensino da temática.

Além disso, em minha prática, observei que abordar esse tema de maneira sensível e inclusiva é crucial para promover igualdade, respeito e a saúde integral dos estudantes. Acredito que a formação do pedagogo deve refletir essa importância, capacitando-os a tratar o tema com sensibilidade e embasamento científico. Compreender como ocorre a formação inicial de pedagogos tornou-se crucial para esta pesquisa, uma vez que esses profissionais desempenham um papel fundamental na introdução e manejo adequado da educação sexual desde os primeiros anos escolares.

No entanto, para entender o que é educação sexual, se faz necessário entender seu princípio fundamental, uma vez que a sexualidade vem sendo amplamente estudada por pesquisadores em todo o mundo, e diferentes conceitos vêm sendo discutidos ao longo dos anos. Em 2019, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apresentaram uma definição elaborada por especialistas, a qual foi amplamente aceita por pesquisadores da área. Nessa perspectiva, a sexualidade é entendida como uma das dimensões do ser humano, que inclui a compreensão e o relacionamento com o corpo humano, o vínculo emocional, o amor, o sexo, o gênero, a identidade de gênero, a orientação sexual, a intimidade sexual, o prazer e a reprodução. Portanto, a sexualidade se constitui a partir de aspectos mais amplos dela (Unesco, 2019).

Além disso, a sexualidade é um tema que vem sendo considerado controverso em muitos contextos sociais, incluindo escolas e famílias. De acordo com o artigo "O tabu da educação sexual: Gênese e perpetuação dos preconceitos na infância", publicado na revista *Cadernos Pagu*, muitas pessoas têm crenças e valores diferentes sobre a sexualidade, o que pode levar a conflitos e debates acalorados. Essa controvérsia pode ser atribuída a uma variedade de fatores, incluindo diferenças culturais, religiosas e ideológicas (Gabarino, 2021).

Acerca de tais fatores, Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) realizaram um estudo sobre educação sexual na família e na escola, concluindo que a sexualidade no contexto brasileiro ainda é considerada um tabu permeado de princípios morais e preconceitos, pelos quais crianças e adolescentes se sentem reprimidos em expor

as suas dúvidas e expectativas em relação à temática. Esses autores também apontam a necessidade de participação da família e de professores para que jovens e adolescentes possam desenvolver comportamentos saudáveis, com valores positivos em relação ao próprio corpo e à sexualidade, livre de medos e preconceitos.

É importante destacar: a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que engloba múltiplas transformações biológicas, como o desenvolvimento de órgãos e o amadurecimento das características sexuais secundárias. Essa etapa também é marcada por conflitos emocionais, questionamentos sobre a vida, necessidade de aceitação, formação da identidade e a iniciação na vida sexual. Como afirmam Nery *et al.* (2015), é na adolescência que os jovens experimentam sentimentos conflitantes, crises, e inseguranças que podem ser ampliadas ou não, a depender dos traços de personalidade e do convívio cultural, social e familiar.

Diante disso, os mesmos autores afirmam argumentam que o diálogo entre pais e filhos, envolvendo temas de educação sexual, ainda é insuficiente e incompleto. A abordagem no âmbito familiar, quando acontece, se caracteriza por conversas aligeiradas, superficiais, que pouco contribuem para suprir os questionamentos dos adolescentes. Somado a isso, a abordagem do tema na escola é povoada de crenças e pressões vindas das famílias, da sociedade e dos próprios estudantes. Assim, no estudo desenvolvido por Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), foi identificado que há o receio entre os pais de que o diálogo sobre o assunto acabe por antecipar a prática sexual dos filhos.

Entretanto, de acordo com a UNESCO (2019), o processo de ensino aprendizagem em Educação e Sexualidade tem como objetivo transmitir conhecimentos, atitudes e princípios aos estudantes, que garantam mais saúde, bem-estar e dignidade; desenvolvimento de relacionamentos sociais e sexuais de respeito; avaliação de suas escolhas e como elas afetam o bem-estar próprio e o de outras pessoas; além do entendimento e garantia da proteção de seus direitos ao longo de toda a vida.

Nesse sentido, é importante evidenciar o conceito de sexo e sexualidade. O sexo pode ser compreendido como uma marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da evolução da espécie humana. Já a sexualidade é um conceito cultural (Nunes; Silva, 2000). Assim, na sexualidade como fenômeno cultural, o comportamento sexual não está relacionado apenas ao aspecto biológico (sexo), mas também é interpretado a partir da construção social. Esse caráter social e cultural

reforça ainda mais a necessidade de que o tema da sexualidade esteja presente nas vivências escolares e mais ainda: que sua abordagem englobe diferentes enfoques, para além da dimensão estritamente biológica.

Contudo, mais recentemente, o que pôde ser observado foi um silenciamento sobre as questões envolvendo educação sexual e sexualidade na constituição do currículo para a educação básica. Como ressalta Monteiro e Ribeiro (2020), todos os aspectos referentes à sexualidade, à educação sexual e ao gênero foram retirados da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Barroso e Silva (2020) afirmam que, ao comparar as versões iniciais com as finais da BNCC, verifica-se a exclusão de termos como identidade de gênero e orientação sexual, ao longo de todo o documento.

Assim, a BNCC configura-se como um retrocesso em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), no qual a orientação sexual era considerada um tema transversal. A proposta era englobar pontos principais referentes à sexualidade, incluindo as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro, e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Os PCNs também incluíam a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis/AIDS e da gravidez na adolescência. Desse modo, o objetivo de abordar esse tema transversal era, entre outros, contribuir para a superação de tabus e preconceitos, bem como trazer ao debate tópicos relativos à saúde e bem-estar no que se refere à sexualidade, ainda amplamente controverso no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, 1997).

Embora a orientação sexual tenha sido incluída como tema transversal desde a década de 1990, ainda há predominante nas escolas uma abordagem limitada. Nesse cenário, Sarmiento *et al.* (2018) identificaram dificuldades das escolas na inserção da educação sexual como tema transversal. Entre os motivos, esses autores apontam resistência dos docentes de outras áreas, que consideram ser objeto de trabalho de professores de ciências ou biologia; relações de confiança fragilizada entre estudante-professor, pois alguns docentes possuem tabus e preconceitos, não se sentindo por isso confortáveis em abordar conteúdos relacionados; etc. Além disso, mesmo nas disciplinas de ciências e biologia, nas quais o tema é comumente tratado, as abordagens limitam-se aos aspectos biológicos e não oportuniza uma compreensão ampliada a partir da exploração da relação social e psicológica do tema.

Desse modo, evidencia-se uma lacuna na formação de professores para educação sexual e para sexualidade na escola. Isso porque, se na formação inicial o licenciando não teve a oportunidade de discuti-la, tal fator pode refletir em ausência da construção dos saberes para abordá-la no exercício de sua profissão. Assim, entende-se que as práticas formativas precisam estar relacionadas com os desafios que serão vividos pelos futuros docentes em seus cotidianos, trabalhando os saberes que serão exigidos para o exercício da profissão (García, 1999; Raissa; Karita, 2021).

Silva (2021), em sua monografia no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, concluída no ano de 2021, intitulada como: “Formação de professores para educação em sexualidade: Um estudo a partir das publicações do Encontro Nacional de Pesquisas em Educação e Ciências - ENPEC”, fez um levantamento das pesquisas sobre a formação de professores para educação em sexualidade, publicadas nas atas de ENPEC entre os anos de 2011 a 2019. Nelas, foram encontrados 71 artigos abrangendo a temática educação em sexualidade, sendo 39 deles de cunho empírico, e 16 com foco a formação de professores para a educação em sexualidade.

Com a análise dos 16 trabalhos, foi possível identificar que a maioria desses artigos está voltada ao levantamento, identificação e análise dos conhecimentos de professores, em formação inicial ou continuada, sobre conceitos relacionados com a sexualidade. Além disso, também foi possível verificar estudos mais recentes envolvendo as questões de identidade de gênero, os quais foram entendidos como um movimento de resistência à BNCC (2017), que excluiu qualquer discussão nessa direção para a educação básica.

Desse modo, decidimos investigar: “Como se desenvolve a formação dos licenciandos em Pedagogia para abordar temas controversos relacionados a sexualidade para crianças da Educação Infantil e/ou anos iniciais do Ensino Fundamental?”

Para atender essa problemática de pesquisa, esse projeto teve como objetivo geral: Investigar o processo formativo desenvolvido por futuros pedagogos na abordagem de temas controversos relacionados à sexualidade para crianças.

Buscando tal análise, tivemos como objetivos específicos:

- Analisar concepções de sexualidade dos participantes a partir de relatos apresentados no processo formativo;

- Identificar potencialidades e obstáculos encontrados pelos licenciandos em Pedagogia ao lidar com a tarefa de desenvolver Oficinas Didáticas Interdisciplinares sobre a sexualidade para crianças;
- Analisar o uso das Oficinas Didáticas Interdisciplinares como estratégia para o trabalho com temas controversos em sala de aula; e
- Analisar a formação inicial do pedagogo a partir dos princípios do trabalho com temas controversos em um contexto colaborativo e interdisciplinar de trabalho.

Observamos as contribuições da nossa pesquisa, principalmente em três áreas principais: científica, social e pessoal. Em primeiro lugar, investigamos as percepções e necessidades formativas dos licenciandos em Pedagogia em relação ao tema controverso como a educação sexual. Isso possibilitou analisar a partir de dados empíricos algumas situações: como esses professores em formação inicial concebem a própria temática para o trabalho com as crianças; como eles escolhem e adaptam os métodos de ensino para atender às suas demandas; qual o lugar da controvérsia trazida pelo tema e, como ela impacta essa formação. Paralelamente, nossa pesquisa também analisa como a estratégia didática das ODIs pode contribuir para o ensino desse tema.

Da mesma forma, nossa pesquisa buscou compreender como os professores adquirem conhecimentos, desenvolvem habilidades e tomam decisões relacionadas ao ensino a partir de temáticas controversas, situando essa investigação na linha de pesquisa intitulada Formação e Prática Pedagógica de Professores das Ciências e Matemática.

O presente estudo está organizado em seis capítulos: o primeiro traz a introdução, contendo a problemática, objetivos gerais e específicos e contribuições da pesquisa; o segundo traz a revisão de literatura; o terceiro capítulo engloba a metodologia que foi utilizada na elaboração do trabalho; o quarto aborda a análise dos dados coletados; o quinto traz as considerações da pesquisa, sendo seguido das referências e dos apêndices.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sexualidade, segundo Campos, Schamm e Nogueira (2013), é uma dimensão importante da vida humana que inclui o sexo, gênero, identidade, papéis e orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Ademais, Pontes (2011) vem afirmando que ela é influenciada pelas relações de poder, questões de gênero, valores, culturas, comportamentos, contextos políticos, econômicos e espirituais, questão de raça/cor e modelos de sociedade. Já Cardoso (2015) relata que a construção da sexualidade na sociedade ainda se caracteriza pelo compartilhamento de saberes e experiências de pais, mães, responsáveis e aqueles do seu convívio social, além de se dá também pela tradição.

Cientes disso, neste capítulo, então, abordamos os temas controversos bem como sua relação com a educação sexual no ambiente escolar e com a formação de professores. Para tanto, discutimos as principais concepções sobre temas controversos na literatura; a educação sexual e educação para sexualidade; e a formação de professores em temas controversos, especialmente a sexualidade.

Por fim, realizamos uma discussão sobre as Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs) e seus principais fundamentos, visto que esta foi a estratégia didática utilizada pelos professores em formação inicial para desenvolverem suas atividades, trabalhando essa temática proposta neste estudo.

2.1 Temas controversos

Sheid (2018) afirma que a escola é fundamental na construção da sociedade, pois cabe às instituições de ensino promover o pensamento crítico para o exercício da cidadania. Busato (2001) e Sheid (2018), nesse sentido, contestam que um exercício democrático com responsabilidade visa ao entendimento sobre realidade social, política, civil e cultural. Dessa forma, percebe-se que o papel da escola transcende à transmissão de conhecimentos, pois ela desempenha um trabalho crucial na formação de cidadãos conscientes e ativos, capazes de compreender e questionar a realidade que os cerca.

Sendo assim, é essencial discutir temas que incentivem o debate e expressões significativas sobre a vida em sociedade. Bezerra (2018) defende que a inserção de temáticas controversas na educação favorece o desenvolvimento tanto de habilidades

de pensamento crítico quanto da moral e da ética, fortalecendo habilidades discursivas e científicas nos estudantes. Ou seja, a inclusão desses temas na educação, prepara os alunos para enfrentar os desafios no mundo real, promovendo uma sociedade crítica, consciente, plural, tolerante e informada, introduzindo os cidadãos à temáticas científicas que fazem apelo às discussões que percorrem à própria sociedade no seu tempo.

Sabendo da relevância dos temas controversos, cabe, portanto, enfatizar a definição adotada neste estudo. Segundo Rudduck (1986), um tema controverso é aquele que provoca opiniões divergentes entre as pessoas e está associado a diferentes valores e julgamentos. Essas questões são frequentemente debatidas e suscitam opiniões divergentes, tornando-se foco de discussões científicas, políticas, econômicas e sociais. Dessa forma, percebe-se que a sexualidade é um tema controverso, visto que é um assunto polêmico, polissêmico e plural, que gera diferentes pontos de vista. Gabarino (2021) afirma que essa controvérsia pode ter várias explicações, incluindo diferenças culturais, religiosas e ideológicas.

Para Reis (2009), as controvérsias podem ser classificadas em três categorias distintas: científicas, sociocientíficas e socioambientais. As controvérsias científicas estão diretamente relacionadas ao âmbito da comunidade científica. Elas envolvem debates e divergências de opiniões entre especialistas em um determinado campo do conhecimento, como, por exemplo, as discussões sobre teorias científicas, métodos de pesquisa ou resultados de estudos.

As controvérsias sociocientíficas, por outro lado, são questões ligadas aos impactos sociais produzidos pelas inovações científicas e tecnológicas. Elas vão além dos aspectos puramente científicos e consideram as implicações sociais, éticas e culturais dessas inovações.

Já as controvérsias socioambientais estão relacionadas ao meio político, social e/ou científico. Elas abordam questões complexas que afetam o ambiente natural e a sociedade como um todo. Exemplos disso incluem debates sobre mudanças climáticas, preservação de ecossistemas, gestão de recursos naturais e políticas ambientais.

Sendo assim, podemos classificar a sexualidade como uma controvérsia do tipo sociocientífica, pois suas implicações vão além do âmbito biológico e envolvem aspectos sociais, culturais e éticos. Nesse contexto, conforme David, Sadler e Dana (2018): “quando os professores empregam uma abordagem de questões

sociocientíficas em sala de aula, envolvem os alunos no desenvolvimento e avaliação de argumentos sobre problemas desafiantes de importância pública”. Ou seja, ao abordar questões sociocientíficas como a sexualidade, os professores não apenas fornecem informações biológicas, mas também incentivam os alunos a considerar as implicações sociais, culturais e éticas desse tema. Essa abordagem não se limita à sala de aula; ela prepara os alunos para participar ativamente do debate público, desenvolvendo habilidades críticas e contribuindo para uma sociedade mais informada e reflexiva.

Perante as potencialidades da abordagem dos temas controversos, cabe ressaltar a abordagem desses temas no âmbito educacional. Segundo Saucedo e Pietrocola (2019) afirmam, as pesquisas sobre a referida temática vêm aumentando no Brasil. Porém, Gregorio (2020) enfatiza em seus estudos o fato de ainda perdurar o apontamento de Reis (2007), indicando que a abordagem desses temas não é uma prática comum em salas de aula, por influência de diferentes fatores, como a ausência de conhecimentos didáticos necessários para gerenciar, organizar e elaborar avaliações que contemplem discussões e debates por parte dos professores. Percebe-se dessa forma uma lacuna na formação inicial e uma ausência de formação continuada para o ensino aprendizagem de temas controversos como a sexualidade.

De acordo com Oulton, Dillon e Grace (2007), questões controversas frequentemente fazem parte dos currículos escolares em muitos países. Por isso mesmo, o professor de ciências deve apoiar seus alunos para uma compreensão realista e a resolução dessas controvérsias. Para isso, os docentes devem estar conscientes da natureza dos temas controversos, a fim de abordá-los adequadamente em seu ensino. Como afirmou Leib (1998), “é dever dos educadores não se esquivar de abordar temas controversos”. Essa postura corajosa e comprometida com o diálogo e a reflexão contribui para uma educação mais significativa e para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

Além disso, como argumenta Dewhurst (1992), os alunos enfrentam diferentes dilemas tanto dentro quanto fora da escola. Portanto, cabe à escola auxiliar os estudantes a lidar com questões de valor e a desenvolver habilidades para fazer julgamentos independentes. Essa preparação não apenas fortalece a capacidade crítica dos estudantes, mas também os capacita a tomar decisões informadas e éticas em suas vidas pessoais, numa cidadania plena. Percebe-se então, que a abordagem

de temas controversos é uma ferramenta valiosa para fomentar o diálogo e a cooperação em sala de aula. Ademais, como afirma David, Sadler e Zeidler (2018):

“Apresentar aos alunos questões relevantes e controversas, ajudá-los a contextualizar ideias e práticas científicas para a resolução dessas questões e desafiá-los a criar argumentos eficazes, além de avaliar os argumentos de seus colegas, é fundamental para promover o tipo de discurso civil que a democracia exige-.” (David; Sandler; Zeidler, 2018, p. 3, tradução nossa).¹

Portanto, a abordagem de temas controversos enriquece o aprendizado, e promove a cidadania ativa, abarcando a capacidade de análise crítica.

Nota-se, então, que a inclusão de questões controversas não se limita somente ao conteúdo curricular, abrangendo, todavia, a dinâmica da sala de aula. Presley *et al.* (2013) destacam a importância de abordar tópicos polêmicos durante a orientação e instrução formal. Isso permite que professores e alunos estabeleçam um ambiente de aprendizagem no qual todos se sintam seguros e demonstrem respeito mútuo.

Além disso, Allchin (1999) já sugeria que discussões em sala de aula carregadas de valores incluem reflexões sobre tais vieses. Quando os alunos exploram temas controversos, eles tanto adquirem conhecimento quanto desenvolvem uma compreensão mais profunda dos aspectos éticos e sociais envolvidos.

Portanto, conforme afirmado por David, Sadler e Zeidler (2018), a abordagem de questões controversas sociocientíficas em sala de aula contribui para a compreensão dos alunos sobre os conceitos científicos e os capacita a reconhecer e avaliar os componentes sociais envolvidos na resolução dessas questões. Por isso, é fundamental envolver os alunos na negociação ponderada desses temas, promovendo uma abordagem pedagógica que seja útil e eficaz para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos estudantes.

2.2 Concepção sobre educação sexual e educação para sexualidade

Para falarmos de Educação Sexual e compreendermos o que se entende por este termo, se faz necessário entender outros fundamentos teóricos que envolvem

¹ Citação original em inglês: “Introducing students to relevant and contentious issues, helping them contextualize science ideas and practices toward the resolution of those issues, and tasking them with creating effective arguments and evaluating those of their peers is critical for promoting the kind of civil discourse that democracy [...]”

o assunto entre eles, em especial, a Sexualidade. Na opinião de Figueiró (2014), a sexualidade é uma dimensão humana que se expressa de diversos modos por cada pessoa, de acordo com sua cultura e história de vida. Constitui, assim, um fenômeno amplo, complexo, que envolve conjuntamente questões orgânicas, psicológicas, sociais e culturais.

Para Furlani (2007), a sexualidade está envolvida em valores morais e é influenciada por práticas, discursos e pensamentos coletivos. Dentro dessa perspectiva, Nunes (2000) descreve o conceito de sexualidade como uma dimensão ontológica essencial do ser humano. Nesse sentido:

“[...] a palavra e o conceito de ‘sexualidade’ nos remetem imediatamente para o mundo da cultura ou da amplitude cultural histórica da ação humana”. Portanto, a sexualidade “não é uma ‘parte’ ou ‘complemento’ da condição humana”, mas uma característica desenvolvida na condição cultural e histórica da humanidade” (Nunes; Silva, 2000, p. 73).

Portanto, a sexualidade deve ser compreendida em sua totalidade, de forma mais ampla, envolvendo o biológico, mas não se restringindo apenas a ele, sendo uma construção social e dinâmica, que se transforma ao longo dos diferentes momentos históricos, culturais, econômicos, sociais e políticos. É possível perceber, então, diversas formas e posicionamentos a respeito das terminologias e concepções. A terminologia Educação Sexual é utilizada por diversos pesquisadores, dentre eles encontramos Figueiró (2010, p. 3):

“[...] toda ação de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual” (Figueiró, 2010, p. 3).

Além disso, Werebe (1998) sugere que a terminologia Educação Sexual é mais adequada e ela a define como a prática educativa em matéria de sexualidade. A autora também defende que a utilização de outros termos, como orientação sexual, pode levar à confusão de conceitos, “a expressão orientação sexual se presta a ambiguidades, podendo ser interpretada como a orientação que a pessoa imprime à sua sexualidade e que pode ser homossexual, heterossexual, bissexual ou assexual” (Werebe, 1998, p. 217).

Neste sentido, Ribeiro (1990, p. 2), argumenta que as expressões Educação Sexual e Orientação Sexual possuem sentidos semelhantes, “[...] porém cada uma se relaciona a uma situação específica” tornando a distinção entre ambos necessária para evitar confusões.

Nessa perspectiva, Figueiró (2010) mostra, em um panorama atualizado, que diversas publicações vêm utilizando o termo orientação sexual quando se referem a questões de diversidade sexual. Além disso, outros teóricos que são contra a terminologia Educação Sexual criaram outras nomenclaturas, como: Educação em Sexualidade, Educação preventiva em Sexualidade, Educação para a Sexualidade, Educação para a Sexualidade Afetiva, Educação Integral sobre Sexualidade e Educação Sexual e Reprodutiva. Ademais, Figueiró (2010, p. 195), ainda explica que “[...] o adjetivo sexual já comporta em si o afetivo, o integral, o reprodutivo, sendo redundante o acréscimo de cada uma dessas palavras”. Sendo assim, o presente estudo, a partir de agora, utiliza a terminologia “educação sexual”.

Ainda quanto aos argumentos de Figueiró, a autora também defende que a educação sexual pode ser abordada por diferentes perspectivas filosóficas, pedagógicas e políticas. Ainda, apresenta-se quatro dessas abordagens: religiosa (católica tradicional/libertadora e protestante), médica, pedagógica e a política/emancipatória.

De acordo com a pesquisadora, a abordagem religiosa católica tradicional está ligada às normas oficiais da Igreja Católica, tendo como princípios o sexo a serviço do amor e da doação, e a vivência da sexualidade somente dentro do matrimônio, assim como a preservação da virgindade antes deste. Portanto, nessa perspectiva, condenam-se as experiências pré ou extraconjugais, divórcio, métodos não naturais de anticoncepção e aborto. Já na abordagem religiosa católica libertadora, existe maior liberdade para a vivência da sexualidade sem sentimento de culpa ao desacatar as normas oficiais, pois esta abordagem reconhece que a doutrina moral oficial é controladora, repressiva e incoerente com o momento histórico presente. Figueiró (2019) propõe, portanto, a revisão dos pressupostos religiosos que fundamentam as normas sexuais, levando em consideração as contribuições científicas, o momento histórico e a possibilidade de participação do povo nas reformulações.

Sobre a abordagem religiosa protestante, a autora explica que é bastante semelhante à católica, porém guiada pela interpretação da Bíblia, e não pelas normas oficiais da Igreja, podendo variar entre tradicional e libertadora.

Tratando acerca da abordagem médica, a teórica declara que esta tem como foco a transmissão de informações relacionadas à Biologia do sexo e à vivência positiva da sexualidade, com o intuito de assegurar a saúde sexual do indivíduo e da coletividade; portanto, utiliza programas de saúde pública para garantir direitos sexuais e reprodutivos, promover a prevenção ao HIV/AIDS e outras IST, enfatizando, ainda, questões de planejamento familiar e ações terapêuticas.

Já no que diz respeito à abordagem Pedagógica, ela visa ao desenvolvimento sadio da sexualidade, ao bem-estar e à felicidade individual da pessoa, tendo foco no ensino de conteúdos referentes à sexualidade, como a discussão sobre valores, atitudes, tabus, preconceitos, sentimentos e emoções, priorizando os aspectos indicadores, mas também aos formativos.

A abordagem política ou emancipatória, por sua vez, foi proposta por Goldberg (1982), que a denominou de "combativa". Essa autora discute as três principais lutas da Educação Sexual: contra a desigualdade sexual; contra a violência aprendida e contra o preconceito sexual. Segundo Figueiró (2010), a abordagem emancipatória é uma tarefa gigantesca, pois envolve vários compromissos, principalmente a luta pela transformação de normas e valores ligados à sexualidade, o que possibilita a vivência da sexualidade com liberdade e responsabilidade, tanto em nível individual como social.

Furlani (2017) também contribui para o debate com sua organização da Educação Sexual contemporânea em oito abordagens: biológico-higienista, moral-tradicional, terapêutica, de cunho religioso-radical, direitos humanos, direitos sexuais, emancipatória e *queer*. Segundo a autora, essas abordagens estão presentes e repercutem no universo pedagógico brasileiro.

De acordo com a teórica, a abordagem Biológico-Higienista é a mais comum e frequente, de forma que, em alguns casos, acaba prevalecendo como a única forma de abordar o tema. Esta abordagem centraliza o ensino na produção de saúde, reprodução humana, DSTs, gravidez indesejada, entre outros. A autora também argumenta que essa abordagem contribuiu (e ainda contribui) para a naturalização das desigualdades sociais de gênero, mantendo inquestionáveis as diferenças entre homens e mulheres, decorrentes dos atributos corporais de ambos.

Sobre a abordagem moral-tradicional, Furlani (2017) pondera que está atrelada aos princípios moralistas tradicionais. Ela cita vários exemplos desse tipo de abordagem, incluindo um programa chamado "abstinência somente", implantado em

escolas estadunidenses, que defendem a abstinência sexual como forma de evitar a gravidez e o HIV em adolescentes.

Já a abordagem terapêutica, explicada também por Furlani (2017), trata da busca por explicações para vivências sexuais tratadas como “anormais”, e para “problemas sexuais”, afirmando ser capaz de curá-los. Esta abordagem está ligada a instituições religiosas, midiáticas e consultórios psicológicos para aconselhamento e orientações. Como exemplo de utilização dessa abordagem, a autora cita o grupo Êxodos, ligado às igrejas cristãs evangélicas.

Nesse cenário, é importante enfatizar que, no Brasil, tratar a homossexualidade como doença é ilegal. A Resolução CFP nº 001/99, de 22 de março de 1999, emitida pelo Conselho Federal de Psicologia, proíbe explicitamente os psicólogos de exercerem qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas. Portanto, qualquer abordagem terapêutica que tente "curar" a homossexualidade não só é antiética, mas também ilegal, passível de punições profissionais e criminais civis. Sendo assim, essa abordagem não só viola os direitos humanos, mas também contraria a legislação brasileira e as diretrizes éticas da prática psicológica.

A abordagem de cunho religioso-radical, segundo Furlani (2017), baseia-se nas interpretações bíblicas como única fonte de verdade, sendo presente em escolas religiosas, missas e cultos. Já a abordagem dos Direitos Humanos, Furlani (2017) afirma ser “[...] aquela que fala, explicita, problematiza e destrói as representações negativas, socialmente expostas aos sujeitos e às suas identidades ‘excluídas” (Furlani, 2017, p. 26). A autora ainda afirma ser um comprometimento para a construção de uma sociedade igualitária e justa.

Outra abordagem discutida por Furlani (2017) é a dos direitos sexuais, que destaca ser fundamental assegurar que todos tenham acesso às informações e recursos necessários para viver sua sexualidade de forma livre e responsável. Essa abordagem sublinha a importância de reconhecer e respeitar os direitos individuais relacionados à sexualidade, como o direito à informação, à saúde sexual e reprodutiva, além da proteção contra discriminação e violência.

Assim como Figueiró (2010) e Goldberg (1982), Furlani (2017) também estudou a abordagem Emancipatória, que busca capacitar os indivíduos a desenvolverem consciência crítica e autonomia. A autora enfatiza que a educação sexual emancipatória incentiva os indivíduos a questionarem e desafiarem as estruturas de

poder e dominação presentes na sociedade, promovendo uma educação que não se limita a transmitir conhecimento, mas também a fomentar a resistência e a transformação social.

Furlani (2017) apresenta ainda a abordagem *Queer*, que desafia e rompe com as normas tradicionais de gênero e sexualidade. Essa perspectiva promove a inclusão e celebra a diversidade, reconhecendo e valorizando todas as identidades e orientações sexuais. A abordagem *queer* incentiva a reflexão crítica sobre as estruturas de poder e normas sociais que influenciam a sexualidade, promovendo uma educação que acolhe a pluralidade e desafia a heteronormatividade.

Em suma, sabendo que a escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida, e é um dos principais elementos para contatos interpessoais, de acordo com Jardim e Brêtas (2006), é por isso que a escola deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de autorresponsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade. Mediante esse pressuposto, abordamos na seção seguinte a formação de professores para educação sexual.

2.3 A formação inicial e continuada de professores para educação sexual

Antes de adentrarmos no campo da formação de professores, é fundamental compreendermos a sua significância no âmbito educacional. Conforme argumenta Freire (1996, p. 64), “[...] a consciência da inconclusão gera a educabilidade[...]”. Enfatiza-se, assim, que o processo formativo do professor tem início, mas não necessariamente um fim, pois os professores precisam se reconhecer como seres inconclusos, para a educação ser um movimento permanente de crescimento pessoal e profissional que molde os responsáveis por moldar mentes. Nesta jornada, explorarmos os desafios que permeiam a formação de professores, reconhecendo o seu impacto duradouro na sociedade e no avanço humano é necessário.

De acordo com Mirena (*apud* Morin, 2000), os processos educativos buscam contribuir com uma formação libertadora de professores, e por isso devem “ensinar e repensar o pensamento, a des-saber ‘o sabido’ e a duvidar da própria dúvida, está é a única maneira de começarmos a acreditar em alguma coisa” (Mirena *apud* Morin, 2000, p. 23). A autora destaca a necessidade não apenas de transmitir conhecimento, mas também de cultivar uma postura crítica e reflexiva. Ao desafiar os professores a

questionarem suas próprias convicções e a reconsiderarem o que já sabem, os processos educacionais os capacitam a se tornarem agentes de mudança e renovação, tanto para si mesmos quanto para seus alunos e a sociedade em geral.

Atualmente, são feitas muitas discussões sobre as dificuldades enfrentadas por professores em nossa sociedade; uma delas trata acerca da formação docente. Nesse contexto, Santiago e Batista Neto (2011) afirmam que a formação de professores não se limita a um único aspecto, mas é uma categoria de análise, uma área de pesquisa, um conteúdo de política educacional e uma prática pedagógica, o que evidencia a complexidade e a necessidade de um olhar abrangente sobre o processo formativo. Entretanto, Silva e Santos (2011) destacam que a formação inicial de professores apresenta uma deficiência significativa, pois o currículo do curso de licenciatura não inclui um espaço para reflexão sobre temas importantes, como a sexualidade. Por isso, torna-se necessário repensar os processos formativos voltados aos professores de Pedagogia, para que esses possam, efetivamente, refletir sobre as questões relacionadas à sexualidade e à educação sexual.

Além disso, Rodrigues e Salles (2011) apontam que a prática ou discussão sobre sexualidade ainda não ocorre de maneira natural e sistemática, estando entendida como parte das várias dimensões do ser humano, não sendo entendida como sua totalidade. Dessa maneira, essa falta de naturalidade pode ser uma das principais causas de dificuldades dos docentes para se sentirem preparados para abordagem da temática.

Um dos aspectos que ainda representa um limite com relação à formação de professores, segundo Rodrigues e Salles (2011) é a mobilização para o tema. Ou seja, o professor que entende ser importante trabalhar essa temática no âmbito escolar se mobiliza, faz leituras, estuda e pesquisa metodologias que facilitem a abordagem e a discussão do tema, caso contrário, se não houver mobilização, não haverá sensibilização desse profissional.

Nesse contexto, Silva e Neto (2006) defendem que a universidade deve assumir a responsabilidade pela formação dos profissionais do magistério. Para isso, é necessário que os docentes sejam sensibilizados e preparados profissionalmente para lidar com a temática da educação sexual, incluindo aqueles que atuam na Educação Superior e não foram formados para esse trabalho.

Além disso, o papel que o docente exerce na vida das crianças, adolescentes e jovens é extremamente importante, pois orienta os estudantes em diferentes questões

da vida cotidiana, as quais emergem na convivência do ambiente escolar. De acordo com Teles (1992), os professores que lidam com questões da educação sexual na escola precisam ter autenticidade, empatia e respeito, pois a família tem desempenhado um papel muito limitado nesse campo. Isso acaba por ampliar a importância da escola em fornecer informações e colaborar para combater preconceitos, possibilitando debates sobre emoções e valores.

Sendo assim, nota-se que o docente deve estar sempre atento às questões que abrangem o assunto, como afirma Maia *et al.* (2006), muitos educadores apresentam dificuldade em orientar seus alunos, seja por questões pessoais, pela falta de informações voltadas para a sexualidade, ou até mesmo por falta de recursos metodológicos que ajudem os mesmos a realizarem uma orientação adequada.

Portanto, como descreveu Freire (1987, p. 51) "O educador libertador tem uma tarefa muito difícil. É a de lutar contra a opressão dentro e fora da sala de aula. É a de reconhecer nos alunos seus oprimidos e, ao mesmo tempo, seus irmãos." Essa citação ressalta a importância de o professor reconhecer e combater as formas de opressão presentes na sociedade, evitando posturas moralistas e tendenciosas que possam perpetuar a desigualdade e a injustiça. Assim, é fundamental que os professores estejam preparados para lidar com questões sensíveis, como a sexualidade, de maneira aberta, inclusiva e livre de preconceitos. Ao adotar uma postura consciente e comprometida, os educadores podem contribuir para o desenvolvimento integral de seus alunos, promovendo o respeito, a autonomia e a dignidade de cada indivíduo.

Vários autores, como Figueiró (2009), Silva e Neto (2006), Rodrigues e Salles (2011) e Silva e Santos (2011), acreditam que a formação inicial dos professores tem deixado a desejar no que tange à abordagem da temática sexualidade. Eles defendem que é necessária uma formação continuada para que os professores possam abordar a Educação Sexual com segurança em sala de aula. Além disso, os autores acreditam que os cursos de graduação devem abordar esse assunto em disciplinas obrigatórias nas licenciaturas.

Concordando com essas perspectivas, Manchini (2022) destaca a importância da formação inicial dos professores de pedagogia no contexto da Educação Sexual. Ela ressalta que, apesar dos avanços, a sexualidade ainda é um tabu na sociedade, resultando em situações de violência, tragédias e intolerância relacionadas a questões de gênero, orientação sexual e outros fenômenos.

Diante desse cenário, Manchini (2022) opina que é fundamental uma preparação adequada dos educadores desde a formação inicial, para que possam orientar seus alunos e evitar a perpetuação de preconceitos e opressões históricas. Sendo assim, "(...) com a preparação de professores haverá possibilidade, ainda que em longo prazo, de se educar adequadamente as novas gerações na área da sexualidade" (Fagundes, 2020, p. 158).

Figueiró (2014) reforça que a formação de professores necessita incorporar conteúdo específicos que favoreçam uma abordagem emancipatória na Educação Sexual, pois é fundamental evitar práticas que promovam uma visão dicotômica de certo e errado, uma vez que a Educação Sexual busca estimular a reflexão crítica e o questionamento dos padrões estabelecidos. Em vez disso, é importante criar um ambiente educacional que incentive o diálogo aberto, o respeito à diversidade e a construção de saberes compartilhados entre educadores e alunos.

Manchini (2022, p. 22) enfatiza ainda: "a escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos às diferenças". Portanto, é crucial ressaltar a importância da criação de um ambiente seguro para as crianças, adolescentes e jovens, onde estes se sintam confortáveis para expressar suas dúvidas e preocupações sobre sexualidade.

2.4 Oficinas didáticas interdisciplinares

Para o bom entendimento da metodologia da presente pesquisa, se faz necessário discorrer sobre as ODIs. Sobre elas, Jimes, Murillo e Ramírez (2011) definem a oficina didática como um espaço de trabalho em que o processo de ensino e aprendizagem é realizado por meio de atividades práticas e diversas. O objetivo dessas atividades é desenvolver habilidades que permitam aos participantes transformar o conhecimento adquirido, mudando suas perspectivas diante de determinado objeto ou conceito.

De acordo com Mirabent Perozo (1990), o termo "oficina pedagógica" é amplamente utilizado para se referir a uma forma de organização prática e criativa do processo de ensino-aprendizagem, bem como para cursos, seminários e palestras. A autora ainda destaca que é importante considerar a metodologia a ser utilizada para realizar uma oficina pedagógica, caso contrário, o uso do termo pode ser inadequado.

Ela também argumenta que, nas oficinas didáticas, o foco da atividade é o aluno, o qual pode desenvolver seu processo criativo por meio de práticas ou atividades que estimulam o pensamento, a ação, a exploração e a experiência.

Vieira e Volquind (2002) ponderam que, em tais oficinas, é importante as questões científicas e metodológicas serem estudadas a partir da prática, ou seja, deve haver prioridade à ação. No entanto, a teoria não pode ser deixada de lado e precisa ser aprofundada para que os participantes possam compreender melhor os conceitos e ideias apresentados. “Portanto, as oficinas didáticas sugerem um trabalho que integre essas expressões na relação entre teoria e prática” (Silveira, 2020, p. 21).

Silveira (2020) destaca também que é importante trabalhar três expressões humanas nas oficinas didáticas: o pensar, o agir e o sentir. A ausência de qualquer uma dessas expressões compromete a oficina. Sendo assim, observa-se que a razão não é mais o único elemento essencial para que ocorra a aprendizagem. Como diz Freire (1992), não é possível aprender sem a coragem de ter sentimentos.

Betancourt (2007) declara que as oficinas didáticas são capazes de superar as perspectivas epistemológicas, ontológicas e metodológicas da escola tradicional, permitindo que os indivíduos assumam e reflitam sobre sua própria realidade, transformando-se em sujeitos modificadores de suas próprias experiências. Essa citação destaca a importância de uma abordagem pedagógica que valorize a reflexão crítica e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem.

Nessa mesma ótica, Silveira (2020) ratifica que o processo de elaboração de uma ODI começa com a escolha cuidadosa dos problemas e objetivos. Nesse ponto, os problemas selecionados devem ter um contexto problemático bem definido, apresentando mais de uma solução possível, formulados como perguntas, incentivando a exploração de conhecimentos de várias disciplinas. Já quanto aos objetivos, estes devem ser traçados com base nos resultados que o educador espera atingir. Esses objetivos podem incluir aquisição de conhecimento, desenvolvimento de habilidades, mudanças de atitude ou reflexões críticas. Ademais, sobre a quantidade de integrantes na oficina, segundo Barbosa (2023), “O número de integrantes que irão compor o grupo de trabalho depende, portanto, do tipo de oficina, da complexidade da proposta a ser executada e dos recursos disponíveis” (Barbosa, 2023, p. 73).

Abaixo encontra-se um modelo de ODI presente no livro que ilustra como esses processos podem ser estruturados. Nesse modelo, fica evidente que o problema é

formulado como uma pergunta, o que estimula a busca por múltiplas soluções e a exploração de conhecimentos provenientes de diferentes disciplinas. Essa abordagem interdisciplinar é fundamental para enriquecer a experiência de aprendizagem dos estudantes.

Figura 1: Exemplo de uma Oficina Didática Interdisciplinar

Exemplo 1
Situação-problema: Muitas discussões sociais e projetos de lei a respeito do armamento de professores têm ocupado espaço nas agendas públicas. A escola X receberá um deputado estadual que propôs esse projeto de lei para discussão. Sabendo disso, o que vocês sugeririam em termos de ações e reflexões em resposta ao projeto dele?
Contexto de aplicação: 1ª série do Ensino Médio. 20 a 30 estudantes.
Disciplinas envolvidas: Língua Portuguesa (estudo do gênero lei, redação argumentativa, preparação de discurso e réplicas etc.); Química (estudo da combustão e substâncias envolvidas no lançamento do projétil); Física e Matemática (estudo dos fenômenos físicos no disparo da arma, velocidade do projétil, poder de perfuração etc.); Biologia (efeitos biológicos do atingimento da bala, pontos vitais etc.); Sociologia (dados sociais de mortes por arma de fogo no estado, efeitos do armamento e desarmamento nas sociedades), entre outras disciplinas.
Comentário: Destrinchando esse problema de acordo com as orientações que demos, percebemos que o universo/contexto foi dado (Estado, Sociedade, Escola); o problema pode ser resolvido de várias formas por meio de vários tipos e gêneros de posicionamento argumentativo, como relatórios, redações argumentativas, notas técnicas etc.; é uma sentença interrogativa “o que vocês sugeririam em termos de ações e reflexões em resposta ao projeto dele?”; além de permitir o estudo interdisciplinar.

Fonte: SILVEIRA, 2020.

Em resumo, a ODI é uma estratégia pedagógica que transcende os limites das disciplinas isoladas, promovendo uma visão holística do conhecimento e estimulando a curiosidade dos estudantes em relação aos desafios do mundo real. Além disso, a ODI se mostra especialmente relevante por comportar e incentivar o trabalho com os temas controversos, como a sexualidade em sua dimensão biopsicossocial. Essa abordagem integrada e fundamentada na realidade e na prática permite que os

educadores considerem tanto os aspectos biológicos quanto os fatores psicológicos e sociais que influenciam a compreensão e vivência da sexualidade.

Ao promover discussões abertas e reflexões críticas sobre sexualidade, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver uma visão mais ampla e informada, considerando os aspectos físicos, os emocionais, culturais e éticos relacionados a esse tema sensível.

A ODI, ao estimular a colaboração entre diferentes disciplinas, pode proporcionar um ambiente seguro para explorar essas questões complexas, promovendo a compreensão mútua e o respeito pela diversidade de perspectivas. Dessa forma, contribui para uma educação mais abrangente e inclusiva, preparando os estudantes para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. De acordo com Barbosa (2023), as Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODI's), possuem bases teóricas-metodológicas fundamentais para sua construção: Interdisciplinaridade; Dialogicidade; Complexidade; Hermenêutica e Dialética, as quais são discutidas a seguir.

2.4.1 Interdisciplinaridade

Para Fazenda (2008, p. xx), a interdisciplinaridade consiste em “toda interação existente entre duas ou mais disciplinas no âmbito do conhecimento, dos métodos e da aprendizagem das mesmas”. Ou seja, é um conceito que envolve interações significativas entre duas ou mais disciplinas dentro do contexto do conhecimento, dos métodos e do processo de aprendizagem. Em outras palavras, trata-se da colaboração e integração de diferentes áreas de estudo para abordar questões complexas e desafios da sociedade.

Acerca disso, Thiesen (2008) evidencia dois aspectos sobre a interdisciplinaridade. O primeiro é o epistemológico, apresentando conhecimento em perspectiva de produção, construção e socialização. Isso significa que a interdisciplinaridade não se limita a uma única disciplina, mas envolve a integração de diferentes áreas de conhecimento para uma compreensão mais completa e contextualizada. O segundo aspecto é o pedagógico, compreendendo as questões de natureza curricular e dos processos de ensino-aprendizagem escolar. Aqui, a interdisciplinaridade se manifesta na forma dos conteúdos serem abordados, como os alunos aprendem e como os professores promovem conexões significativas entre

diferentes disciplinas. Essa abordagem pedagógica visa não apenas transmitir informações, mas também desenvolver habilidades críticas, criatividade e visão ampliada do mundo.

Silveira (2020) ressalta que a proposta de Oficinas Didáticas Interdisciplinares possibilita a articulação entre as disciplinas e apresenta características interdisciplinares importantes, sendo: “o trabalho planejado; a abertura ao diálogo entre professores e saberes; o reconhecimento da incompletude disciplinar; a tentativa de tornar o ensino mais prático e a resolução de problemas” (Silveira, 2020, p. 31). Dessa maneira, as Oficinas didáticas interdisciplinares são uma alternativa pedagógica que busca integrar diferentes áreas do conhecimento e promover uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Ademais, o mesmo autor certifica ainda que a ODI deve colocar os estudantes em uma posição ativa na construção do conhecimento, e que, para isso, se faz necessário um afastamento dos modelos de ensinos tradicionais, proporcionando dessa forma a reflexão através da prática.

De acordo com Fazenda (2008), a interdisciplinaridade escolar envolve três movimentos essenciais: curricular, didático e pedagógico. No curricular, busca-se estabelecer uma relação de interdependência, convergência e complementaridade entre as diferentes disciplinas escolares. A interdisciplinaridade não se trata apenas de compartilhar conteúdos, mas de integrar perspectivas e abordagens para uma compreensão mais ampla e contextualizada. Já o movimento didático articula o que está prescrito no currículo com a sua aplicação prática nas situações de aprendizagem. Isso implica em selecionar estratégias pedagógicas que promovam a interconexão entre os conhecimentos disciplinares, permitindo que os alunos vejam como esses conhecimentos se relacionam no mundo real. Por fim, no pedagógico, a interdisciplinaridade se manifesta nas ações didáticas em sala de aula. Considera-se o contexto real da aprendizagem, levando em conta os desafios, as diversidades e as necessidades dos alunos. Aqui, os professores desempenham um papel fundamental ao criar ambientes que estimulem a reflexão crítica e a integração de saberes.

Porém, Vasconcelos e Bastos (2011) evidenciam dificuldades para implementação da interdisciplinaridade escolar, as quais estão ligadas à formação do professor e ao não saber realizar um trabalho interdisciplinar. Esses obstáculos podem afetar a prática efetiva da interdisciplinaridade nas escolas. Além disso, Silveira (2020) argumenta que é desafiador colocar em prática a interdisciplinaridade,

pois as disciplinas são estudadas de maneira fragmentada, dificultando a interação entre elas. A superação desses desafios requer esforços contínuos na formação docente e na promoção de estratégias que integrem os saberes disciplinares de forma mais holística.

2.4. A dialogicidade

Cabe também destacar, a importância da dialogicidade nas ODIs, pois ela desempenha um papel crucial, especialmente ao romper com a cultura do silêncio que permeia nas escolas. Segundo Silveira (2020), a dialogicidade assume relevância ao promover o diálogo, a troca de ideias e a construção coletiva de conhecimento entre os participantes das ODIs. Essa abordagem colaborativa e integrativa contribui para um ambiente educacional mais dinâmico e enriquecedor.

Para Freire (2002, p. 69), “Ensinar exige disponibilidade para o diálogo”. Essa afirmação ressalta a importância fundamental da comunicação ativa entre professor e aluno. Quando um educador está verdadeiramente aberto ao diálogo, ele transmite conhecimento, escutando e aprendendo com seus alunos. Essa disponibilidade para o diálogo cria um ambiente de aprendizagem no qual as ideias fluem, as dúvidas são esclarecidas e o conhecimento é construído em conjunto. A disposição para o diálogo é uma característica essencial de um educador comprometido com o crescimento intelectual e humano de seus alunos.

Nas ODIs, a prática e a teoria estão intrinsecamente conectadas. A teoria não existe isoladamente, uma vez que está imersa na prática, e vice-versa. O diálogo desempenha um papel importante nessa interação, porque facilita a reflexão sobre as ações realizadas em um contexto específico, com o objetivo de transformar a realidade (Silveira, 2020). Dessa forma, as ODIs se tornam espaços dinâmicos nos quais o conhecimento é construído e aplicado de maneira colaborativa e dialógica.

Segundo o mesmo autor, o diálogo desempenha um papel fundamental ao possibilitar a reflexão das próprias práticas. Quando exploramos a sexualidade em sua dimensão biopsicossocial, estamos considerando não apenas os aspectos biológicos e fisiológicos, mas também os elementos psicológicos, sociais e culturais que a permeiam. Através desse diálogo crítico, os profissionais de educação podem promover uma compreensão mais ampla e sensível da sexualidade, contribuindo para uma abordagem educacional mais inclusiva e informada. Sendo assim, ao permitir

que os alunos reflitam sobre sua própria realidade e experiências, a ODI pode ajudá-los a desenvolver habilidades importantes, como pensamento crítico, resolução de problemas e tomada de decisões informadas. Além disso, essa abordagem pode ajudar a promover uma aprendizagem mais significativa e contextualizada, que esteja mais alinhada com as necessidades e interesses dos alunos.

Segundo Barbosa (2023), o diálogo desafia os métodos pedagógicos tradicionais e nos leva a reconhecer a necessidade de adotar novas abordagens no ensino e na aprendizagem. A autora destaca que as ODIs se fundamentam na dialogicidade de Freire, apresentando uma dinâmica diferenciada. Nesse contexto, as ODIs têm as seguintes características:

- Participação ativa de todos: Todas as pessoas trazem algum conhecimento para a sala de aula. A diversidade de saberes enriquece o ambiente educacional e promove a troca de experiências.
- Diálogo entre atores: As ODIs geram possibilidades de diálogo entre estudantes e professores. Essa interação é essencial para a construção conjunta do conhecimento.
- Resolução de problemas: O processo educacional nas ODIs começa com uma situação-problema. Em grupo, os estudantes e professores mobilizam diversos saberes para solucionar o problema proposto.
- Compartilhamento de conhecimentos: Alunos e professores transmitem informações, compartilhando conhecimentos, pensamentos, percepções, ideias e sentimentos. Essa troca constante enriquece o aprendizado e promove uma visão mais ampla do mundo.

Portanto, as ODIs representam uma abordagem pedagógica que valoriza o diálogo, a colaboração e a construção coletiva do saber.

2.4.3 Complexidade

Temos também como aspecto importante para as ODIs a complexidade. Segundo Morin (2002), é primordial adotar a complexidade no lugar da linearidade, da fragmentação e da especialização dos saberes, reformando o pensamento. Sendo assim, a complexidade deve estar em toda parte, incluindo no processo de ensino-

aprendizagem, pois a abordagem dela reconhece que a vida e os fenômenos não podem ser reduzidos a partes isoladas, mas devem ser compreendidos em sua totalidade, considerando suas interações e conexões.

Silveira (2020), sobre a complexidade, destaca que:

“A Complexidade que defendemos nas ODIs aspira a um conhecimento multidimensional; um conhecimento que não isola a teoria, que não mostra somente o todo, pronto e acabado. Ao contrário, estamos discutindo um paradigma educativo no qual o conhecimento surge a partir da prática e é refletido pela teoria, que mostra as partes que compõem o todo e volta-se para ele” (Silveira, 2020, p. 51).

Em resumo, a complexidade na educação nos desafia a ir além das respostas prontas, a explorar as nuances, a considerar diferentes perspectivas e reconhecer que o conhecimento é um processo vivo, dinâmico, dependente do tempo, do espaço e de seus sujeitos.

Morin (2008) explica que, para pensarmos complexadamente, precisamos dar conta das articulações entre os campos disciplinares que são repartidos, ou seja, para pensarmos de maneira complexa, é essencial transcender as fronteiras rígidas das disciplinas e reconhecer suas interconexões. Para Silveira (2020), esse pensar complexo fará com que os professores conheçam o mundo e a cultura de seus estudantes. Consequentemente, os estudantes também se abrirão para os professores, tornando o relacionamento mais amigável entre estudantes e professores.

Sendo assim, Morin (2008), propõe que se deve reaprender a pensar por meio de aproximações, convergências e divergências. Compactuando com o mesmo pensamento, Silveira (2020), afirma que as ODI's, além de incentivar uma reforma do processo de ensino aprendizagem, busca também trazer a reforma do pensamento, para que os sujeitos organizem o conhecimento e assim tornem-se cidadão conscientes.

2.4.4 Hermenêutica

É imprescindível para o presente estudo versarmos ligeiramente sobre a Hermenêutica, pois ela é um dos principais aportes teóricos das ODIs, além de necessária ao bom entendimento da análise de dados do presente trabalho, já que é

uma abordagem fundamental para compreender e interpretar textos, discursos e experiências humanas, nos permitindo ir além de palavras, desvendando o oculto.

Nessa ótica, Santiago (2019) declara que a Hermenêutica vem da palavra *Hermeneuin*, que significa interpretar e se divide em dois tipos: a teológica, a qual foi criada com o objetivo de interpretar escritos bíblicos, e a jurídica, encarregada de interpretar a lei. Ademais, ao buscarmos a definição de hermenêutica no dicionário, observamos que esta é entendida como a arte de interpretar leis, códigos e textos sagrados (Priberam, 2017).

Hermann (2002), por sua vez, descreve a Hermenêutica como um processo que vai além da simples interpretação de palavras e textos. Ela busca revelar significados subjacentes, tornando claro o que está oculto. Essa abordagem é essencial tanto na análise de escritos bíblicos quanto na interpretação das leis e códigos jurídicos. A Hermenêutica nos permite acessar camadas mais profundas de significado e compreender contextos complexos, possibilitando a aplicação coerente desses conhecimentos em diferentes áreas da vida.

Além disso, para Gadamer (2012), a Hermenêutica traduz para uma linguagem acessível a todos o que se manifestou de modo incompreensível, ou seja, ela decifra os enigmas e ambiguidades, nos permitindo acessar o âmago das experiências humanas, tornando-as compreensíveis e significativas, viabilizando que todos possam participar do diálogo da interpretação.

Sabendo que a Hermenêutica é uma abordagem interpretativa fundamental, não se pode deixar de enfatizar seu papel essencial na compreensão da sexualidade e sua dimensão biopsicossocial, pois, ao explorar questões relacionadas a sexualidade, não podemos nos limitar apenas a análise superficial das palavras, sendo necessário ir além e desvendar os significados subjacentes, já que a sexualidade é polissêmica, complexa e multifacetada, pois envolve fatores biológicos, psicológicos e sociais.

Como afirma Barbosa (2023), a Hermenêutica também é fundamental para as ODIs, pois, ela “estimula os estudantes e professores a refletirem a teoria através da prática, reinterpretar e transformar o mundo através de uma situação-problema, em um diálogo na busca por respostas” (Barbosa, 2023, p. 70). Sendo assim, percebe-se que a hermenêutica é indispensável para a interpretação textual e cultural. Ela nos convida a adotar uma postura reflexiva e crítica diante dos textos, reconhecendo a

importância de considerar múltiplas perspectivas e estar aberto ao diálogo e à interpretação.

2.4.5 Dialética

A Dialética é uma corrente filosófica que busca explicar o movimento e a transformação das coisas, da realidade e do pensamento. Embora Karl Marx tenha dado uma grande contribuição para essa teoria, sua origem remonta à Grécia Antiga, onde a dialética era usada como um modo particular de argumentação em disputas verbais. Esse método era utilizado para revelar as contradições contidas no raciocínio de um indivíduo, negando a validade de suas argumentações ou proposições e superando-as por outras. Dessa forma, a Dialética era entendida como a arte da conversa.

Segundo Konder (1981, p.7-8), na concepção moderna, “a dialética é o modo de pensar as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação”. Em outras palavras, a dialética é uma ferramenta que nos permite entender a complexidade da realidade e as mudanças que ocorrem nela. A partir dessa concepção, podemos compreender que ela é um método de análise, o qual busca compreender as contradições presentes na realidade, permitindo-nos enxergar além das aparências e compreender as mudanças que ocorrem no mundo.

Em seu livro, Konder (1981) exemplifica as principais leis da dialética, criadas por Engels. São elas: 1- Lei da passagem de quantidade para qualidade; 2- Lei da interpretação dos contrários; 3- Lei da negação da negação. Segundo o autor, a primeira lei da dialética afirma que as mudanças não ocorrem sempre no mesmo ritmo. O processo de transformação pode passar por períodos lentos ou acelerados. Isto é, a mudança pode ocorrer de forma gradual ou repentina, dependendo das condições em que ela se dá.

A segunda lei da dialética afirma que tudo está interligado e os diversos aspectos da realidade se entrelaçam em diferentes níveis, dependendo uns dos outros. Nesse entendimento, as coisas não podem ser compreendidas isoladamente, uma por uma, sem levarmos em conta a conexão que cada uma delas mantém com outras coisas (Konder, 1981). Essa lei nos lembra que a realidade é complexa e é

preciso considerar todos os seus aspectos para compreendê-la de forma mais profunda.

A terceira lei da dialética certifica que o movimento geral da realidade faz sentido e não é absoluto. Ela nos ensina que a realidade não se esgota em contradições irracionais e nem se perde na eterna repetição do conflito entre teses e antíteses, entre afirmações e negações. A negação da negação gera uma síntese superior à tese original, permitindo que a realidade se desenvolva de forma mais complexa e profunda (Konder, 1981).

No mesmo livro, a autora valida que “os dialéticos devem estar sempre dispostos a rever as interpretações em que se baseiam para atuar” (Konder, 1981, p. 81). Sendo assim, percebe-se que a dialética é uma ferramenta útil para examinar temas controversos, pois permite que os indivíduos considerem diferentes perspectivas e argumentos. Através do diálogo, as pessoas podem explorar as contradições e inconsistências em suas próprias crenças e nas dos outros. Isso pode ajudar a promover o pensamento crítico e a compreensão mútua. Alguns exemplos de tópicos controversos incluem questões éticas, políticas, sociais e culturais. Esses tópicos podem ser difíceis de discutir, mas a dialética pode ajudar a tornar essas discussões mais produtivas e esclarecedoras.

Como exemplo de tópico controverso a ser discutido com a ajuda da dialética, podemos citar a sexualidade em sua dimensão biopsicossocial. Pinto (1969) afirma que pensar dialeticamente sobre a sexualidade vai além das contradições, não se trata apenas de identificar opostos, mas sim de pensar por meio de uma totalidade que explora as contradições, mas não se isola somente a elas. Quando aplicamos a dialética à sexualidade, enxergamos além das dualidades superficiais – certo/errado, justo/injusto, santo/profano, etc. Ao pensar dialeticamente, questionamos os preconceitos arraigados, exploramos as nuances e reconhecemos que cada indivíduo é um universo único, e que o tempo e o espaço para dualidades únicas são ultrapassados. A sexualidade não é uma linha reta, mas um emaranhado de caminhos, cada um com suas próprias contradições e possibilidades.

Ademais, o autor Marx (1977, p. 301), afirma: "não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência". Essa citação ilustra como a dialética pode ser usada para examinar temas controversos, pois permite que os indivíduos considerem diferentes perspectivas e argumentos. Através do diálogo, as pessoas podem explorar as

contradições e inconsistências em suas próprias crenças e nas crenças dos outros. Isso pode ajudar a promover o pensamento crítico e a compreensão mútua.

Cabe destacar também que Silveira (2020) evidencia o fato da Dialética contribuir com “o aprofundamento da temática em estudo e a construção de práticas sociais que são frutos de um processo dinâmico de pensamento-ação-reflexão” (Silveira, 2020, p. 44). Sendo assim, como afirma Barbosa (2023), a Dialética contribui no processo de transformação da criticidade dos sujeitos envolvidos na ODIs. Além disso, Silveira (2020) salienta que a Dialética tem destaque nas ODIs porque a aprendizagem vem através da problematização, possibilitando que os estudantes se imponham criticamente.

3 METODOLOGIA

A abordagem escolhida para a presente pesquisa tem cunho qualitativo, que, segundo Gil (2019), proporciona o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno humano, social, psicológico, etc., mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada.

Esse tipo de pesquisa é classificado como participante, pois envolve uma colaboração onde tanto os pesquisadores quanto os participantes trabalham juntos na definição do problema, coleta e análise dos dados, além da interpretação dos resultados (Brandão; Streck, 2006). Os mesmos autores também ressaltam que essa abordagem é uma ferramenta poderosa para promover mudanças sociais, visto que os participantes são ativamente envolvidos no processo de pesquisa, possuindo voz ativa na formulação do problema e na interpretação dos resultados.

Os participantes dessa pesquisa foram 62 discentes do curso de Pedagogia, matriculados na disciplina de Fundamentos das Ciências Naturais, estudantes do 3º período de uma universidade pública em Pernambuco, os quais estudam na modalidade de ensino a distância. Além disso, tivemos o professor da disciplina e dois tutores, que atuaram como mediadores e avaliadores das atividades. Eles foram recrutados através de um convite feito na aula inaugural (1ª aula da disciplina). Durante essa aula, foi informado detalhadamente sobre o estudo, incluindo seus objetivos, procedimentos e a importância da participação. Foram realizadas sessões virtuais de orientação para explicar o estudo e responder a qualquer dúvida.

Os alunos, o professor e os tutores preencheram um formulário de consentimento informado para participar da pesquisa. O recrutamento dos participantes seguiu um cronograma específico, o qual, após a aula inaugural, foi enviado por e-mails institucionais e postagens em grupos de comunicação da turma (WhatsApp), reforçando o convite e os detalhes do estudo.

Belloni (2008), em seu livro “Educação a distância”, afirma, que a EaD tem uma boa indicação para as populações adultas, pois elas têm baixa disponibilidade de frequentar uma instituição de forma presencial, seja pelo pouco tempo disponível, seja pela praticidade de estudar em casa, ou devido à mobilidade reduzida que alguns possuem para dedicar-se aos estudos.

Nesse sentido, Paul (1990) salienta em seus estudos que os estudantes da EaD são a maioria adultos entre 25 e 40 anos, que trabalham e estudam em tempo parcial, bastante reduzido, tendo dificuldades com a organização do tempo.

Somado a isso, Walker (1993) esclarece que o tempo de estudo dos alunos dessa modalidade tende a ser tarde da noite, quando as atividades cotidianas já foram realizadas e há maior tranquilidade no ambiente de estudos. Mesmo que seja uma visão de três décadas atrás “esta imagem é um retrato revelador de uma determinada visão da EAD como algo marginal socialmente e até mesmo na economia doméstica” (Belloni, 2008, p. 40). Por isso, foram excluídos os discentes e tutores que não puderam participar dos encontros síncronos on-line e do encontro presencial nos polos EAD, aqueles que não preencheram o formulário de consentimento informado, e aqueles que decidiram desistir de participar da pesquisa.

Os participantes-tutores que atuaram como mediadores e avaliadores das atividades foram preparados através de duas sessões de orientação e treinamento por meio do *Google Meet*. Essas sessões visavam garantir a compreensão plena do escopo da pesquisa, seus objetivos e os métodos utilizados. Na sessão inicial de orientação, foi feita a apresentação detalhada da pesquisa, incluindo objetivos, metodologia, cronograma e expectativas, bem como a discussão sobre o papel dos tutores e suas responsabilidades durante a pesquisa.

Na segunda sessão, ocorreu o treinamento acerca das Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs), métodos de avaliação, uso de ferramentas digitais (Google Forms, plataformas de videoconferência e o AVA), discutimos sobre estratégias para facilitar a participação dos discentes e lidamos com desafios dos tutores. Além disso, foi feito um grupo no WhatsApp para que ficasse um espaço aberto aos os tutores visando o contato facilitado, caso houvesse dúvidas, preocupações ou necessidade de orientações adicionais durante toda realização da pesquisa.

Em relação ao lugar de pesquisa, como são estudantes do ensino a distância, aconteceu em diferentes ambientes:

1. O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) – foi o espaço formal da disponibilização dos conteúdos, da comunicação formal e da realização das tarefas com os estudantes, bem como um repositório dos arquivos enviados pelo professor formador, tutores e estudantes;
2. WhatsApp – É uma plataforma de comunicação amplamente utilizada que permite a troca instantânea de mensagens de texto, imagens, vídeos e

áudios entre os participantes. No contexto educacional e da pesquisa, o WhatsApp foi utilizado para facilitar a comunicação informal e rápida entre os estudantes, tutores e professores, da mesma forma permitia os registros de dados de maneira organizada em função do tempo e da participação dos sujeitos. Essa ferramenta permitiu a criação de grupo para o envio de lembretes importantes, compartilhamento de recursos e esclarecimento de dúvidas de forma ágil e eficiente, com os registros de tudo isso.

3. Formulários de Autoavaliação - foram instrumentos utilizados para que os estudantes pudessem refletir sobre seu próprio aprendizado e progresso ao longo do curso. Esses formulários foram elaborados utilizando o Google Forms, permitindo uma coleta e análise de dados eficiente. Os alunos puderam avaliar suas competências, identificar áreas de melhoria e definir metas pessoais para o desenvolvimento contínuo. A autoavaliação foi uma prática importante para promover a autonomia e a autorregulação no processo de aprendizagem, bem como permitiu que dados importantes da pesquisa pudessem ser obtidos, uma vez que também aproveitamos esse processo autoavaliativo para verificar concepções e comportamentos que talvez não pudessem ser verificados em outros instrumentos de pesquisa.
4. Encontro presencial- Ocorreu nos polos, com os tutores virtuais ou presenciais e os estudantes para a socialização das oficinas.

Explicitando as etapas de pesquisa, inicialmente, foi realizado a preparação para os tutores que aceitarem participar da pesquisa. Logo com o início da disciplina foi proposto aos discentes participantes, pelo ambiente virtual (AVA), uma atividade, em forma de produção textual de no mínimo 15 linhas com a seguinte temática: Como falar sobre a sexualidade em sua dimensão biopsicossocial com crianças dos anos iniciais do fundamental? Foi orientado para que nessa produção textual, os licenciandos abordassem a importância de fornecer informações precisas e adequadas à idade das crianças e como isso poderia contribuir para o desenvolvimento saudável e seguro das mesmas nas questões que envolvem a sexualidade.

Além disso, eles também deveriam deixar claro em como abordar essa temática de forma aberta e respeitosa com as crianças e como isso poderia ajudá-las a desenvolver uma compreensão saudável e positiva sobre sexualidade. Nos requisitos

dessa tarefa, também foi exigido o olhar interdisciplinar para a sexualidade, justificado pela conscientização dos futuros pedagogos no que tange à própria temática e pela necessidade de um olhar diverso e multifacetado no entendimento e no ensino desses conteúdos, transpondo esses temas de forma articulada para a vida concreta e real dos seus estudantes.

No primeiro encontro, de forma virtual, os estudantes pesquisados foram apresentados aos fundamentos teóricos e metodológicos das Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODI), onde foi explicado o que é uma ODI, como elaborar e mostrar exemplos de como realizá-la. Além desta aula síncrona, também foi disponibilizado diversos recursos como textos, slides, fórum e a gravação da aula síncrona sobre ODI no AVA.

Com isso, os discentes foram desafiados a compreender a urgência da interdisciplinaridade, seus benefícios, limitações e observarão seus desafios na sala de aula. A partir disso, foi proposto para os estudantes, que eles formassem grupos de no máximo 8 pessoas, para que elaborassem um plano de uma ODI. A quantidade de pessoas em cada grupo se deu em função do grande número de discentes na turma da EaD, além da dificuldade de tempo hábil para apresentação das propostas de ODI's, presencialmente nos polos da UAB (Universidade Aberta do Brasil) e também para facilitar o processo de correção dos tutores virtuais e do professor da disciplina.

Após a formação dos grupos, foi marcado um horário com eles para orientar a elaboração dessa oficina didática interdisciplinar; chamamos esses momentos de orientação de Sessões Tutoriais. Ali, os estudantes sanaram suas dúvidas e apresentaram o que já haviam produzido, e foi durante essa discussão com cada grupo, com o professor e os tutores, que o problema da ODI foi criado ou discutido coletivamente, e eles foram ajudados a selecionar propostas metodológicas para suas ODIs. A partir desse encontro de discussão, foi dado um tempo de duas semanas para que fosse finalizado o plano de ODI e postado no AVA. Vale salientar que o processo de tutoria e a orientação do professor estava sempre disponível nesta etapa para sanar qualquer dúvida e proceder a mais orientações.

Uma vez finalizada a ODI e postada no AVA, foi solicitado aos estudantes a criação de uma apresentação desse plano em *slides*, para que fosse apresentado aos tutores nos polos de apoio presencial. Esse encontro presencial, com a mediação dos tutores, consistiu na apresentação dos planos das ODIs elaboradas pelos discentes,

e a demonstração de suas intencionalidades nos momentos interdisciplinares contidos nelas e a discussão de cada plano a partir dos pressupostos da Educação para a sexualidade biopsicossocial e da interdisciplinaridade e controvérsia do tema na prática das escolas da Educação Básica na Educação Infantil. O processo de reflexão teórica e prática desses planos das ODIs foi feito de forma colaborativa, por todos os participantes (tutores e estudantes), e em todos os sentidos, na qual todos eles contribuíram com sugestões, críticas e complementos às ODIs uns dos outros, formando uma rede e de colaboração e reflexão sobre as produções, na qual melhorias e outras possibilidades da prática docente pudessem ser refletidas na formação desses pedagogos.

Por fim, ainda, realizou-se a autoavaliação. Esse momento foi importante para os sujeitos se autojulgarem e avaliarem a própria qualidade da sua aprendizagem, os esforços de seu trabalho, refletindo o que realizaram durante toda a construção de sua ODI; bem como a disciplina, o professor e os tutores de cada polo. A autoavaliação, para nós, significou também olhar para o próprio progresso do estudante e verificar o que ele/ela aprendeu ou ainda poderia aprender. A autoavaliação foi realizada através de um questionário no Google Forms, contendo 15 perguntas (Apêndice-1), na qual os participantes responderam individualmente.

Além disso, foi feito um questionário de avaliação dos tutores, para que eles avaliassem como se deu a apresentação das ODIs e as concepções do processo formativo oferecido pelo trabalho com a temática da sexualidade na disciplina. Esse questionário continha 6 perguntas (Apêndice-2). A escolha de fazer essa autoavaliação dos discentes e dos tutores através do *Google Forms* se deu por conta da praticidade e facilidade de acesso proporcionadas pela plataforma online. Além disso a utilização do *Google Forms* permitiu uma coleta de dados eficiente e organizada. Abaixo (Quadro 1), mostramos um quadro com a síntese desse cronograma da disciplina na primeira coluna, e na segunda, informamos a fonte de dados de cada etapa e na terceira, como essa etapa da disciplina foi utilizada para esta pesquisa.

Quadro 1 Síntese do cronograma da disciplina

ETAPA DA DISCIPLINA	FONTE DE DADOS	APROVEITAMENTO NA PESQUISA
Preparação dos tutores através de uma reunião Google meet	-	Preparação inicial para envolvimento na pesquisa e alinhamento dos tutores ao objetivo geral do curso.

Proposta de atividade pelo AVA	Produções textuais dos discentes	Atingir o Objetivo Específico: Analisar concepções de sexualidade dos participantes a partir de relatos apresentados no processo formativo
Primeiro encontro virtual e disponibilização de recursos sobre ODI	Aula síncrona e disponibilização de textos e slides, e fórum para tirar dúvidas.	Importância para a disciplina: Introduzir os fundamentos teóricos e metodológicos das Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODI).
Formação de grupos para elaboração de plano de ODI	Organização dos grupos no AVA	Facilitar organização das atividades no contexto da EaD.
Discussão de propostas metodológicas para ODI nas Sessões tutoriais	Encontro de orientação com professor e tutores	Ajudar os grupos na finalização da ODI, esclarecendo dúvidas e orientando sobre as propostas metodológicas. Orientá-los sobre os pressupostos teórico-metodológicos sobre a sexualidade humana e sobre as ODIs.
Entrega dos planos de ODI pelo AVA.	Plano de ODI	Atingir o Objetivo Específico: Analisar o uso das Oficinas Didáticas Interdisciplinares como estratégia para o trabalho com temas controversos em sala de aula.
Apresentação dos planos de ODI	Apresentação dos discentes	Auxiliou na pesquisa ao proporcionar discussões pertinentes que foram posteriormente avaliadas no questionário de autoavaliação das propostas.
AUTOAVALIAÇÃO	Autoavaliação dos discentes, tutores e do Professor da disciplina através do Google Forms	Atingir os Objetivos Específicos: Identificar potencialidades e obstáculos encontrados pelos licenciandos em Pedagogia ao lidar com a tarefa de desenvolver Oficinas Didáticas Interdisciplinares sobre a Sexualidade para crianças e Investigar a formação inicial do pedagogo a partir dos princípios do materialismo dialético em um contexto colaborativo de trabalho e prática docente.

Fonte: Autora (2024)

Com a análise do quadro, nota-se que a disciplina ocorreu como palco central da pesquisa, proporcionando um ambiente rico e diversificado onde os dados puderam ser coletados e analisados. Durante o desenvolvimento da disciplina, várias etapas e momentos foram essenciais para a estruturação da pesquisa, ao mesmo tempo em que ocorria o aprendizado dos estudantes. No entanto, é importante ressaltar que nem todas essas etapas e momentos foram utilizados diretamente na pesquisa. Apenas algumas fases específicas, como a produção textual, os planos de

Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODI) e os questionários de autoavaliação dos discentes, tutores e professor, foram selecionadas para análise detalhada, pois essas forneceram os dados mais relevantes para alcançar os objetivos específicos do estudo.

3.1 ANÁLISE DE DADOS – ANÁLISE HERMENÊUTICA-DIALÉTICA.

Na nossa pesquisa, utilizaremos a Análise Hermenêutica Dialética (AHD) como ferramenta para analisar os dados. Essa abordagem, proposta por Minayo (2008), visa compreender os fatos, relatos e observações, permitindo reflexões sobre o contexto histórico e cultural da realidade estudada.

Para a mesma autora, a Hermenêutica é um instrumento fundamental para compreensão, “Compreender implica a possibilidade de interpretar, de estabelecer relações e extrair conclusões em todas as direções. Mas compreender acaba sempre sendo compreender-se” (Minayo, 2008). Sendo assim, a interpretação não se limita apenas ao entendimento do outro, mas também nos leva a uma reflexão interna, permitindo que nos compreendamos melhor no processo.

Sobre a dialética, ela afirma que é um método de abordagem da realidade que busca compreendê-la como um processo histórico, dinâmico e em constante transformação. Seu fundamento reside no reconhecimento do “pensamento vivo” e na natureza inacabada tanto da história quanto da ciência (Minayo, 2008). Em outras palavras, a dialética nos convida a interpretar o mundo considerando sua complexidade e evolução contínua.

Segundo Barbosa (2023) e Silveira (2017), a Análise Hermenêutica Dialética (AHD) não se limita apenas à superfície das palavras, mas mergulha na essência interna do discurso. Ela busca compreender não apenas o que é dito, mas também o porquê e como é dito. Além disso, a AHD considera o contexto histórico específico em que a fala é produzida, reconhecendo que cada mensagem é moldada pelas circunstâncias e influências do momento.

A AHD, proposta por Oliveira (2013) é conduzida em etapas específicas, sendo elas:

- a) **Nível das determinações fundamentais:** Nesta etapa o pesquisador se instala na realidade e no contexto dos atores envolvidos na pesquisa. Isso implica em se inserir nas vivências e crenças desses atores. Para Minayo

(2008), essa etapa representa o exercício da hermenêutica, sendo essencial para compreender tanto o outro quanto a nós mesmos. Em resumo, esta etapa nos convida a mergulhar nas experiências e perspectivas dos participantes, como também a refletir sobre nossa própria posição como pesquisadores.

Sendo assim, nesta etapa mergulharemos nas perspectivas e vivências dos participantes, explorando suas experiências e como eles percebem sua participação no estudo, analisando as produções textuais, planos de ODI's, as suas autoavaliações, assim como também a avaliação dos tutores, pois também consideramos a perspectiva dos mesmos como parte integrante do contexto da pesquisa. Como pesquisadora, inserimo-nos em todas as atividades no AVA, nos grupos do Whatsapp, nas aulas síncronas e demais processos que se realizaram a disciplina e a pesquisa, com o intuito de colaborar e participar dessas experiências e integrar-se às histórias e tradições do grupo.

- b) **Nível do encontro com os fatos empíricos:** Esta etapa representa um momento contínuo de interpretação na pesquisa. Nessa fase, o pesquisador busca se conectar com os dados surgidos durante o trabalho de campo. É um constante exercício da Hermenêutica e Dialética, em uma constância de compreensão e estranhamento.
- c) **Organização e sistematização dos dados em seus blocos de análises e Identificação das categorias de análise:** Agora o pesquisador retoma seus objetivos e agrupa os dados de forma sintética, além de organizar e categorizar os dados coletados. Minayo (2014) destaca que os dados não possuem uma existência independente; eles são modelados pela forma como os questionamos, sendo sempre fundamentados em teorias. Seguindo essa abordagem, a análise dos dados foi conduzida por meio da avaliação de produções textuais, da análise dos planos de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs) e dos questionários de autoavaliação preenchidos pelos discentes e tutores participantes.

Figura 2: Organização dos dados



Fonte: Autoria própria

A figura (Figura-3) a seguir, exhibe uma sistematização sequencial dos dados coletados, dividida em quatro categorias principais. Primeiro, as Produções Textuais são analisadas cuidadosamente, com temas e tópicos recorrentes anotados e agrupados. Os blocos de análises são criados com base nesses agrupamentos documentais, identificando temas recorrentes, congruentes e divergentes a partir da fundamentação teórica, e da articulação com as experiências do investigador e das teorias.

Por outro lado, os Planos de ODI's são analisados, identificando objetivos educacionais e metodologias empregadas, e agrupados conforme as abordagens teórico-metodológicas utilizadas. Blocos de análise são gerados para cada grupo, também identificando congruências e divergências, e ligando às experiências e teorias.

Da mesma forma, a Autoavaliação dos Discentes e as dos tutores e professor são analisadas considerando recorrência, aspectos como desempenho e aprendizado, as concepções sobre as oficinas, interação entre os sujeitos e desafios enfrentados.

Figura 3: Sistematização dos dados



Fonte: Autoria própria

d) **Análise das categorias:** envolve a conexão entre os dados coletados e os referenciais teóricos da pesquisa. O objetivo é encontrar os fundamentos que sustentam as questões e objetivos formulados. Em outras palavras, nessa fase, busca-se compreender como os dados se relacionam com a teoria e como contribuem para responder aos objetivos da pesquisa (Oliveira, 2013). Da mesma forma, esse período de análise é ainda um exercício da compreensão hermenêutica e estudo das dinâmicas das contradições dialéticas, ou seja, é um momento de questionar as realidades postas pelos sujeitos e contexto, no sentido de melhor compreendê-los a partir de suas experiências e das experiências enquanto pesquisador com eles. E também, perceber as divergências e contradições presentes no universo estudado, reconhecer que as dinâmicas podem ser contraditórias, complementares, caóticas, organizadas e co-existentes entre si (Minayo, 2008).

4 DISCUSSÃO DOS DADOS

Levando em conta nossos objetivos específicos que buscam: analisar concepções de sexualidade dos participantes a partir de relatos apresentados no processo formativo; identificar potencialidades e obstáculos encontrados pelos licenciandos em Pedagogia ao lidar com a tarefa de desenvolver Oficinas Didáticas Interdisciplinares sobre a Sexualidade para crianças; analisar o uso das Oficinas Didáticas Interdisciplinares como estratégia para o trabalho com temas controversos em sala de aula; e Investigar a formação inicial do pedagogo a partir dos princípios do trabalho com temas controversos em um contexto colaborativo e interdisciplinar de trabalho, decidimos organizar os dados a partir de quatro categorias de análise: análise das produções textuais dos discentes; análise dos planos de ODI; análise do questionário de autoavaliação dos discentes; e análise do questionário de avaliação dos tutores. Estas categorias proporcionaram reflexões e respostas alinhadas aos nossos objetivos, permitindo uma compreensão mais profunda do objeto de estudo.

4.1 PRODUÇÃO TEXTUAL DOS PEDAGOGOS EM FORMAÇÃO

Nesta etapa, encontramos as seguintes categorias de análise: “concepção da sexualidade”, “métodos e abordagens pedagógicas” e “desafios e dificuldades”. Percebemos que as produções textuais apresentaram muito conteúdo explícito acerca das categorias mencionadas, e também muito conteúdo implícito, uma vez que aquilo que não é dito em termos de sexualidade, formação e didática representa também “algo dito”. Essa situação corrobora com o que Barbosa (2023) e Silveira (2017) compreendem sobre a Análise Hermenêutica Dialética (AHD): compreender não apenas o que é dito, mas também o não-dito e seu “porquê” e “como é dito”.

Ao todo, foram 62 produções textuais entregues e analisadas cuidadosamente a partir das categorias citadas anteriormente (compreensão da sexualidade, métodos e abordagens pedagógicas, desafios e dificuldades). A seguir, iremos explorar a primeira, sobre a concepção de sexualidade dos discentes. Importante ressaltar que o presente estudo teve como um dos principais aportes para o conceito de Sexualidade a UNESCO (2019), que afirma que a sexualidade é uma das dimensões centrais e importantíssimas na vida de todo ser humano e que a mesma deve ser compreendida em sua totalidade, não se restringindo apenas ao biológico.

Das 62 produções textuais, apenas 14 (Quadro 2: Concepções de sexualidade) discentes continham concepções abrangentes sobre sexualidade, isso revela que a maioria dos participantes ainda possui uma compreensão limitada e tradicional sobre o tema, o que pode trazer à tona uma falta de formação mais diversificada e aprofundada sobre a sexualidade humana, e também a persistência de tabus e preconceitos que ainda persistem na sociedade. Essa síntese confirma o que Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) ressaltam sobre as concepções dos professores sobre sexualidade humana, que para eles isso ainda é um tabu, permeado de princípios morais, éticos e religiosos, e isso pode por consequência fazer com que as crianças e os adolescentes não conversem sobre o assunto. Sendo assim, é necessário que haja uma abordagem educacional que explorem dimensões mais amplas e modernas sobre a sexualidade humana e suas dimensões biopsicossociais e vá além desses preconceitos, proporcionando um ambiente seguro e aberto para a discussão.

Quadro 2 Concepções sobre sexualidade

Produção textual	Falas relevantes:
P.1	"De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o conceito de saúde sexual é entendido como um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade."
P.5	"A sexualidade é um impulso presente em todos estágios do desenvolvimento humano."
P.6	"Falar sobre educação sexual não é apenas falar sobre sexo, mas prevenir abuso sexual, doenças e gravidez."
P.8	"Falar sobre sexualidade com crianças é uma parte essencial da educação e do desenvolvimento saudável."
P.13	"Todos têm direito de conhecer o corpo de forma respeitosa e sem preconceitos."
P.17	"A educação sexual adequada contribui para o desenvolvimento saudável e seguro das crianças, ajudando-as a compreender e respeitar a si mesmas e aos outros."
P.19	A educação sexual adequada contribui para o desenvolvimento saudável e seguro das crianças, ajudando-as a entender e lidar com os aspectos físicos e emocionais da sexualidade de forma saudável.
P.22	"A sexualidade é algo natural do ser humano e precisamos passar isso de uma forma certa e adequada para a idade das crianças."
P.23	"A sexualidade é uma parte normal e saudável da vida humana."
P.30	A sexualidade é construída como qualquer conhecimento, a partir das possibilidades do indivíduo e da interação com o meio social e a cultura que o cerca."
P.35	"Falar sobre sexualidade com as crianças engloba o conhecimento ao corpo humano, o respeito a si e ao outro, higiene, privacidade e consentimento."
P.36	"O termo sexualidade diz respeito à identidade, autoestima, afeto, relacionamentos... Portanto, nascemos e morremos seres sexuais, mesmo que nunca pratiquemos o ato sexual."
P.37	"Conversar sobre sexualidade com as crianças também tem a ver com falar sobre autoestima, prevenção a abusos sexuais, gravidez na adolescência, respeito à diversidade ou ainda sobre consentimento."

P.50	"A sexualidade é uma parte natural e inevitável do desenvolvimento humano, e a maneira como falamos sobre esse assunto com crianças pode moldar significativamente suas perspectivas e atitudes."
------	---

Fonte: Autora (2024)

Os trechos acima apresentam concepções sobre sexualidade encontradas nas produções que a destacam como um aspecto natural, como mencionado em P.22: "A sexualidade é algo natural do ser humano" e intrínseco, e conforme apontado em P.1, que traz o conceito da OMS. Os mesmos reconhecem que a educação sexual não se limita apenas ao conhecimento biológico, mas também inclui aspectos emocionais, sociais e culturais, como foi citado em P.30: "A sexualidade é construída como qualquer conhecimento, a partir das possibilidades do indivíduo e da interação com o meio social e a cultura que o cerca", sendo fundamental para a promoção da saúde e do bem-estar.

Entretanto, as produções textuais não refletiram necessariamente a essa diversidade e "naturalidade" na sexualidade humana, pelo contrário, a maioria dos estudantes apresentaram concepções limitadas ao aprofundar suas reflexões a partir do questionamento. Alguns estudantes associaram a sexualidade apenas ao ato sexual ou mostravam uma visão simplista e carregada de tabus. Por exemplo, as produções textuais P.10, P.12, P.53 e P.54 (Quadro 3: Concepções limitadas sobre sexualidade) tendiam a limitar a sexualidade à atividade sexual ou apresentavam visões impregnadas de preconceitos e tabus. Isso recorda a abordagem Biológico-Higienista, proposta por Furlani (2017), que segundo a autora é a mais comum, prevalecendo geralmente como a única forma de abordar o tema. A autora também destaca que essa abordagem tem contribuído (e ainda contribui) para a perpetuação das desigualdades sociais de gênero, mantendo as diferenças entre homens e mulheres baseadas em características corporais como algo inquestionável. Isso representa um desafio tanto para a formação dos estudantes quanto para a formação dos professores, pois evidencia a necessidade de desconstruir visões limitadas e estereotipadas sobre a sexualidade. Para os estudantes, implica na importância de se desenvolver um entendimento mais abrangente e inclusivo sobre o tema, enquanto que para os professores, destaca a necessidade de se capacitar para abordar a sexualidade de forma mais aberta, crítica e livre de preconceitos.

Quadro 3 Concepções limitadas sobre sexualidade

Produção textual	Concepções limitadas sobre sexualidade
P.10	“Falar sobre sexualidade é também falar sobre as 'partes que podem e que não podem', fazendo com que a criança crie um entendimento e saiba diferenciar.”
P.12	“A educação sexual é crucial para o desenvolvimento e afetividade da criança de forma saudável”.
P.53	“Falar sobre sexualidade com crianças é importante para ajudá-las a compreender seus corpos, desenvolver relacionamentos saudáveis e promover o respeito mútuo”.
P.54	“A educação sexual envolve uma série de temáticas que vão desde a prevenção ao abuso sexual infantil, passando por prevenção de gravidez e ISTs”.

Fonte: Autora (2024)

Além disso, essas concepções inadequadas podem gerar obstáculos significativos na abordagem da temática, já que a falta de uma compreensão ampla e correta sobre o tema acarreta dificuldade na abordagem de temas complexos e controversos em sala de aula, como a sexualidade. A preparação adequada dos professores é essencial para superar essas barreiras. Como destaca Fagundes (2020, p. 158), “(...) com a preparação de professores haverá possibilidade, ainda que em longo prazo, de se educar adequadamente as novas gerações na área da sexualidade”. Dessa forma, é fundamental investir na formação inicial e continuada dos pedagogos para garantir que eles estejam capacitados a abordar a sexualidade de maneira informada e sensível, contribuindo para um ambiente educativo mais inclusivo e respeitoso.

Em relação à segunda categoria de análise das produções textuais, que aborda as metodologias, identificamos uma variedade de respostas que categorizamos nas seguintes abordagens: Diálogos Abertos e Francos, Informações Adaptadas à Idade, Atividades Lúdicas e Jogos Educativos, Educação para o Respeito e a Diversidade, Uso de Recursos Multimídia e Métodos Diversificados. Cada uma dessas abordagens oferece uma perspectiva única sobre como a educação sexual pode ser efetivamente implementada, refletindo a diversidade de pensamentos e práticas dos futuros pedagogos.

Na abordagem de Diálogos Abertos e Francos, os discentes afirmam que deve haver respostas diretas às perguntas das crianças, tratando a sexualidade de forma natural e honesta. Um diálogo aberto e franco implica uma comunicação transparente e respeitosa, onde todas as partes sentem-se seguras para expressar suas dúvidas e pensamentos sem medo de julgamento. Esse tipo de interação promove um ambiente

de confiança e facilita o aprendizado mútuo. A dialogicidade proposta nas ODIs e para Freire (1968), baseia-se na premissa de que o conhecimento é construído coletivamente, através do diálogo crítico e da reflexão conjunta. Freire defende que a educação deve ser um processo horizontal, onde professores e estudantes aprendam juntos, questionam e transformam a realidade ao seu redor. Nesse contexto, a sexualidade humana deve ser abordada de forma ampla e inclusiva, quebrando preconceitos e tabus, e permitindo que todos tenham voz.

A importância de se pensar essas estratégias do ponto de vista do desenvolvimento da sexualidade humana e da formação humana é fundamental. Para os estudantes, um diálogo aberto sobre sexualidade promove o desenvolvimento de uma compreensão mais complexa e saudável, livre de preconceitos e desinformação. Isso contribui para a formação de indivíduos mais conscientes e respeitosos em relação à diversidade sexual e de gênero. Para os professores, essas estratégias são igualmente importantes, pois exigem uma formação contínua e reflexiva, capacitando-os a lidar com temas sensíveis de maneira ética e educativa. A capacidade de mediar discussões sobre sexualidade de forma aberta e informada é essencial para a construção de um ambiente educacional inclusivo e transformador. (Figueiró, 2010; Furlani, 2017).

Já na abordagem de Informações Adaptadas à Idade, enfatizam-se a importância de ajustar as informações de acordo com a compreensão e maturidade da criança, refletindo a preocupação dos pedagogos com o processo de adaptação dos recursos e linguagens para a didática na educação infantil. Esses elementos são cruciais, pois demonstram a preocupação do professor não apenas em ser entendido, mas também em respeitar a cognição e o processo de aprendizagem da criança, articulando elementos não só dos conteúdos da ciência, mas também das contribuições da área da psicologia da educação e da aprendizagem. Embora existam equívocos em termos de entendimento do que é a sexualidade biopsicossocial entre os discentes, eles também apresentam outras preocupações importantes na formação dos pedagogos, como as Informações Adaptadas à Idade. Conforme discute Freire (1996), "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Sendo assim, é essencial que os métodos educacionais respeitem o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos, promovendo uma educação que seja ao mesmo tempo compreensível e transformadora.

Na abordagem com a utilização de Atividades Lúdicas e Jogos Educativos, reflete-se sobre a utilização de jogos e brincadeiras para ensinar sobre sexualidade de maneira envolvente e divertida. Segundo Kishimoto (2010), "para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia". Sendo assim, nota-se que o brincar é um elemento importantíssimo ao universo da educação infantil, pois é por meio das brincadeiras que as crianças aprendem, socializam, questionam e desenvolvem sua autonomia crítica. Como afirmam Giacometti, Barcelos e Dias (2013), "não há como negar o benefício dos jogos para o desenvolvimento infantil". Portanto, ao integrar atividades lúdicas no processo educacional, os educadores promovem um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor, onde as crianças podem explorar e compreender o mundo de maneira significativa e prazerosa.

Na abordagem da Educação para o Respeito e a Diversidade, eles focam em conceitos de autoproteção, consentimento, integridade corporal e respeito à diversidade de gênero e orientação sexual. No entanto, há uma controvérsia significativa quando consideramos que muitos pedagogos em formação ainda possuem concepções tradicionais sobre sexualidade. Essa aparente contradição entre as crenças pessoais dos educadores e a necessidade de promover uma educação inclusiva e respeitosa pode ser um desafio. Por um lado, esses educadores valorizam uma educação que proteja as crianças e promova sua integridade, enquanto, por outro lado, podem ter dificuldades em aceitar ou ensinar sobre a diversidade sexual e de gênero de maneira aberta e inclusiva. Isso pode resultar em um ambiente educacional onde certos temas são abordados de maneira superficial ou, em alguns casos (ou na maioria...), evitados.

Essa divergência também destaca a importância da formação continuada dos educadores. É muito importante que os pedagogos sejam capacitados, atualizados e conscientes acerca de abordagens científico-culturais adequadas para os temas que envolvem a sexualidade e diversidade, de forma a adotar práticas pedagógicas mais inclusivas e cientificamente congruente. Essa formação de professores deve incluir discussões abertas e reflexivas sobre esses temas, permitindo que os educadores compreendam a importância e pratiquem abordagens inclusivas e respeitosas. Além disso, é importante que as instituições de ensino incentivem e apoiem seus educadores nesse processo, promovendo um ambiente de aprendizado contínuo e acolhedor.

Aqueles que defendem o uso de Recursos Multimídia incluem a utilização de livros, vídeos e materiais educativos variados para apoiar o ensino da sexualidade. Essa abordagem reconhece que as crianças aprendem de formas diferentes e que a temática exige abordagens pedagógicas diversas. Essa pluralidade metodológica mostra a preocupação recorrente entre os pedagogos em suas produções textuais. Muitos deles já reconhecem a necessidade de metodologias diversificadas para atender às diferentes formas de aprendizagem das crianças. Eles entendem que a inclusão de diferentes recursos e estratégias pedagógicas pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais dinâmico, flexível e acessível (Silva e Neto, 2006).

Por fim, Métodos Diversificados, exemplificados, envolvem historinhas, teatro, atividades de leitura e o envolvimento da família para abordar o tema de forma naturalizada e participativa, como mostra o quadro 4. A utilização de historinhas permite que as crianças se identifiquem com os personagens e situações, facilitando a compreensão de temas complexos de maneira lúdica e acessível. O teatro, por sua vez, incentiva a expressão corporal e emocional, além de promover a empatia ao permitir que as crianças vivenciem diferentes papéis e perspectivas (Silva e Neto, 2006).

As atividades de leitura são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças, proporcionando momentos de reflexão e discussão sobre os temas abordados. O envolvimento da família é crucial, pois reforça os valores e ensinamentos trabalhados na escola, criando um ambiente de aprendizado contínuo e colaborativo. A participação dos pais e responsáveis nas atividades educativas também fortalece o vínculo familiar e mostra às crianças que a educação é um processo compartilhado e valorizado por todos.

Esses métodos diversificados mostram que a educação infantil pode ser rica e dinâmica, atendendo às necessidades e interesses de cada criança. Ao integrar diferentes abordagens pedagógicas, o professor não apenas enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas também promove um ambiente acolhedor e inclusivo, onde a diversidade é valorizada e respeitada. Portanto, ao adotar essa pluralidade metodológica, os educadores estão contribuindo para a formação de indivíduos críticos, autônomos e preparados para viver em uma sociedade plural e democrática.

Quadro 4 Abordagens metodológicas evidenciadas nas produções textuais dos discentes

Abordagem Metodológica	Produções textuais	Descrição
Diálogos Abertos e Francos	P1, P10, P13, P19, P23, P41, P57, P61	Incentivo a responder diretamente às perguntas das crianças, tratando a sexualidade de forma natural e honesta.
Informações Adaptadas à Idade	P3, P8, P14, P27, P28, P31, P42, P50, P55, P62	Adaptação das informações conforme a compreensão e maturidade da criança, com explicações progressivas e adequadas à idade.
Atividades Lúdicas e Jogos Educativos	P4, P21, P24, P30, P46, P49, P51, P53, P56, P58	Utilização de jogos, brincadeiras e atividades lúdicas para ensinar sexualidade de forma envolvente e divertida.
Educação para o Respeito e a Diversidade	P2, P7, P12, P18, P20, P36, P43, P52	Foco em conceitos de autoproteção, consentimento, integridade corporal e respeito à diversidade de gênero e orientação sexual.
Uso de Recursos Multimídia	P17, P25, P37, P56, P60	Utilização de livros, vídeos, histórias ilustradas e outros materiais educativos para apoiar o ensino da sexualidade.
Métodos Diversificados	P25, P26, P40	Utilização de historinhas, teatro, atividades de leitura e envolvimento da família para abordar o tema de forma naturalizada e participativa.

Fonte: Autora (2024)

Relacionando as abordagens encontradas nas produções textuais dos futuros pedagogos com a literatura da presente pesquisa, a abordagem de Diálogos Abertos e Francos pode ser relacionada à abordagem pedagógica descrita por Figueiró (2010). Esta abordagem busca o desenvolvimento saudável da sexualidade e o bem-estar e felicidade individual da pessoa. Ela se concentra no ensino de conteúdos relacionados à sexualidade, incluindo discussões sobre valores, atitudes, tabus, preconceitos, sentimentos e emoções. Ao tratar a sexualidade de forma natural e honesta, a abordagem de Diálogos Abertos e Francos promove um ambiente de aprendizado aberto que prioriza tanto os aspectos informativos quanto os formativos.

Nas propostas que categorizamos como Informações Adaptadas à Idade, percebemos que as abordagens dos Direitos Sexuais e dos Direitos Humanos propostas por Furlani (2017) também consideram a importância de fornecer informações adequadas e compreensíveis para as diferentes idades. A autoria indica que nessas abordagens há a necessidade de garantir que todos, independentemente

da idade, tenham acesso a informações que os capacitem a viver sua sexualidade de forma livre e responsável, o que não implica ocultar ou superficializar tais informações para as crianças, adequando-as às suas características etárias, linguísticas e socioeconômicas.

A utilização de Atividades Lúdicas e Jogos Educativos pode ser relacionada tanto à abordagem pedagógica de Figueiró (2010), quanto à Emancipatória de Goldberg (1982), Figueiró (2010) e Furlani (2017). A abordagem pedagógica visa ao desenvolvimento saudável da sexualidade, abordando valores, atitudes e emoções de forma envolvente e formativa. Já a abordagem emancipatória foca na luta contra a desigualdade sexual, violência e preconceito, promovendo liberdade e autonomia. Ambas as abordagens utilizam métodos participativos que empoderam e envolvem os alunos de maneira dinâmica e educativa, refletindo exatamente como os discentes categorizados nesta abordagem, propõem ensinar sexualidade de forma divertida e inclusiva.

A abordagem que categorizamos como Educação para o Respeito e a Diversidade pode ser relacionada com as abordagens de Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Queer de Furlani (2017). A abordagem de Direitos Humanos visa problematizar e destroi representações negativas associadas a identidades excluídas, comprometendo-se com a construção de uma sociedade igualitária e justa. A abordagem de Direitos Sexuais sublinha a importância de garantir acesso a informações e recursos necessários para uma vivência da sexualidade livre e responsável, reconhecendo e respeitando direitos individuais. A abordagem Queer desafia normas tradicionais de gênero e sexualidade, promovendo inclusão e celebração da diversidade, e incentiva a reflexão crítica sobre estruturas de poder. Dessa forma, nossa categorização de Educação para o Respeito e a Diversidade alinha-se com essas perspectivas ao focar em autoproteção, consentimento, integridade corporal e respeito à diversidade de gênero e orientação sexual.

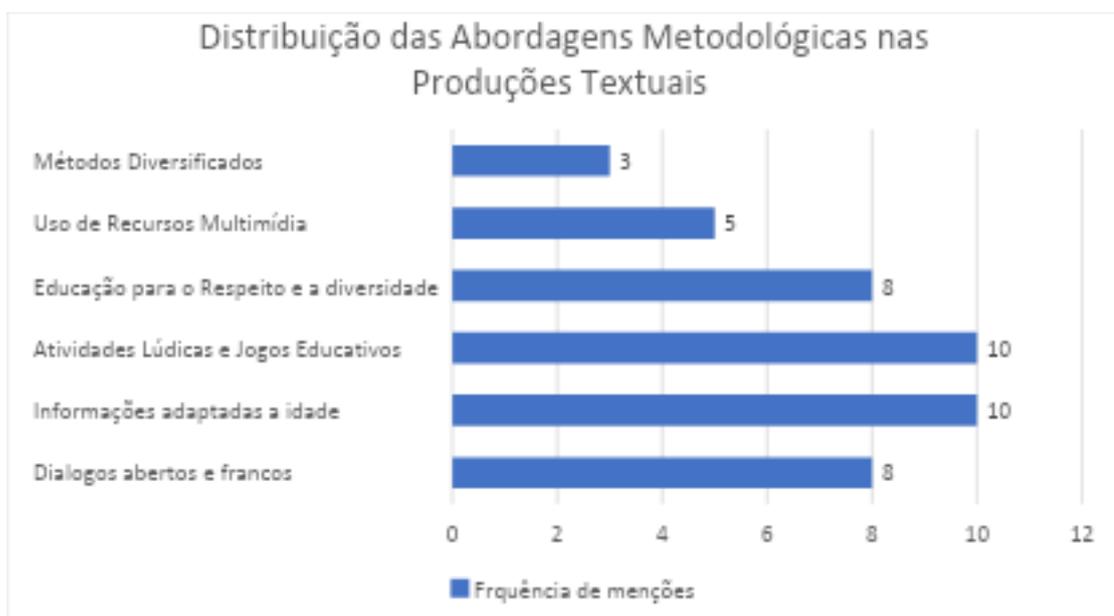
Ainda podemos relacionar a abordagem Pedagógica proposta por Figueiró (2010) com as falas sobre o uso de Recursos Multimídia, pois ao utilizar materiais diversos, como livros, vídeos e outras formas de multimídia, o processo de ensino se enriquece, tornando-o mais dinâmico e acessível. Esses recursos ajudam a criar um ambiente de aprendizado interativo que facilita a discussão de temas complexos de maneira visual e envolvente, promovendo tanto os aspectos informativos quanto

formativos da educação sexual. Sendo assim, a sexualidade se desenvolve de forma saudável, cultivando o bem-estar e a felicidade individual dos estudantes.

Ademais, podemos relacionar a abordagem de Métodos Diversificados também com a abordagem Pedagógica de Figueiró (2010), pois a utilização de historinhas, teatro, atividades de leitura e o envolvimento da família são métodos que se alinham perfeitamente com esse enfoque pedagógico, permitindo uma abordagem inclusiva e participativa. Esses métodos promovem a compreensão de temas relacionados à sexualidade de forma naturalizada, envolvente e educativa, priorizando tanto os aspectos informativos quanto formativos.

Por fim, pode-se notar que as abordagens que mais prevaleceram para abordar a sexualidade com crianças foram: Informações Adaptadas à Idade e Atividades Lúdicas e Jogos Educativos (Figura - 4). Isso reflete uma preferência dos discentes por metodologias que sejam adequadas ao nível de desenvolvimento das crianças e que utilizem a ludicidade como ferramenta principal de ensino. Tais abordagens indicam um compromisso com a criação de um ambiente de aprendizado acessível e envolvente, que respeita a maturidade das crianças e promove o entendimento de temas complexos de maneira interativa e prazerosa. Esse enfoque contribui para o desenvolvimento saudável da sexualidade, bem-estar e felicidade individual, evidenciando a importância de estratégias educacionais inclusivas e dinâmicas na formação dos alunos.

Figura 4: Distribuição das Abordagens Metodológicas nas Produções Textuais



Fonte: Autora (2024)

Além disso, nota-se que as abordagens Religiosas: Católica tradicional/libertadora e Protestante, e Médicas propostas por Figueiró (2010), bem como Moral Tradicional, Terapêutica e Religioso Radical de Furlani (2017), não foram relacionadas a nenhum tipo de metodologia citada pelos discentes. Isso evidencia uma tendência dos futuros pedagogos a se afastarem de abordagens mais tradicionais e normativas, favorecendo metodologias mais inclusivas e contemporâneas. Essa ausência pode indicar uma mudança de paradigma na formação dos educadores, refletindo uma preferência por práticas pedagógicas que promovem a diversidade, a igualdade e o respeito mútuo.

Ainda nesse viés, as abordagens mais frequentemente relacionadas às metodologias propostas pelos discentes foram a Biológico-Higienista de Furlani (2017), a Pedagógica de Figueiró (2010) e a Emancipatória de Goldberg (1982), Figueiró (2010) e Furlani (2017). Portanto, é evidente que há uma busca por estratégias educativas que não apenas informem, mas também formem cidadãos conscientes e preparados para vivenciar sua sexualidade de maneira plena e responsável.

No entanto, surge uma contradição importante: como Licenciandos em Pedagogia que apresentam concepções mais limitadas sobre sexualidade podem pensar em uma formação voltada para a diversidade, igualdade e respeito mútuo para as crianças? Essa contradição destaca a necessidade de uma formação continuada e crítica dos educadores. Percebemos aqui que no arcabouço epistemológico dos professores as concepções divergentes coexistem sem contradições aparentes, é como se não houvesse conflitos entre o que se concebe como sexualidade do ponto de vista individual e subjetivo, para aquilo que deve ser ensinado para as crianças, que aparentemente destoa das concepções do universo pessoal desses professores. Na esteira dessa contradição, Freire (1996) coloca que o ambiente de aprendizagem fica comprometido quando o professor não corresponde o que verdadeiramente pensa com o que ensina. É a máxima “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, que é questionada por Freire, que minimiza e estigmatiza a sexualidade na aprendizagem das crianças e trazendo arbitrariedade ao posicionamento adequado do ponto de vista científico e biopsicossocial da temática.

É urgente que os professores sejam formados para superar concepções tradicionais, excludentes e inadequadas, desenvolvendo uma compreensão mais

abrangente e inclusiva da sexualidade. A formação dos professores deve incluir discussões abertas, democráticas e reflexivas sobre temas de sexualidade, diversidade e direitos humanos, proporcionando um espaço para a desconstrução de preconceitos e estereótipos (Rodrigues e Salles, 2011).

Além disso, é essencial que os programas de formação inicial e continuada incentivem os educadores a adotar práticas pedagógicas que promovam a diversidade, a igualdade e o respeito mútuo. Isso pode ser alcançado por meio da inclusão de conteúdos que abordem a pluralidade de experiências e identidades sexuais, bem como a importância de um ambiente educacional inclusivo e acolhedor. Ao promover uma formação que valorize a diversidade e a igualdade, os educadores estarão melhor preparados para ensinar de maneira que respeite e valorize todas as crianças, independentemente de suas identidades ou orientações sexuais. Dessa forma, a educação pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde o respeito e a valorização da diversidade são princípios fundamentais. (Manchini, 2022; Teles, 1992).

Agora iremos focar na exploração das dificuldades citadas nas produções textuais dos discentes ao abordar a temática da sexualidade com crianças. Essas dificuldades foram categorizadas nas seguintes áreas principais: conservadorismo religioso e preconceito, hora e maneira adequadas para falar sobre sexualidade, desafios de ser professor e abordar a sexualidade na escola, tabus e desconforto sobre o tema, violência e abusos sexuais contra crianças, perguntas difíceis e desconfortáveis feitas por crianças, exposição precoce à sensualidade e influências negativas das redes sociais, falta de diálogo aberto, responsivo e adequado à idade, complexidade do tema e insegurança para abordar a sexualidade, e necessidade de formação continuada e preparação adequada dos educadores, como mostra no quadro abaixo (Quadro 5).

Quadro 5 Dificuldades citada pelos futuros pedagogos na abordagem da Educação Sexual

Dificuldade	Descrição	Produções Textuais
Conservadorismo religioso e preconceito	Dificuldade de abordar a educação sexual nas escolas devido à resistência e preconceitos baseados em valores religiosos e culturais tradicionais.	P1, P5, P11, P29, P35, P52
Hora e maneira adequadas para falar sobre sexualidade	Desafio em identificar o momento certo e a melhor forma de introduzir o tema da sexualidade para crianças e adolescentes, respeitando as fases de crescimento.	P2, P3, P43

Desafios de ser professor e abordar sexualidade na escola	Ser professor e falar sobre sexualidade é um grande desafio, especialmente na educação infantil.	P4, P18, P20, P21, P24, P28
Tabus e desconforto sobre o tema	O tema da sexualidade ainda é visto como um tabu e gera desconforto tanto entre pais, alunos e professores.	P9, P10, P12, P13, P16, P22, P23, P40, P42, P47, P54
Violência e abusos sexuais contra crianças, principalmente no ambiente familiar	Muitos casos de abuso sexual infantil ocorrem dentro do ambiente familiar.	P7, P14, P26, P37
Perguntas difíceis e desconfortáveis feitas por crianças	Crianças podem fazer perguntas difíceis ou desconfortáveis sobre sexualidade.	P8, P41, P49, P50, P62
Exposição precoce à sensualidade e influências negativas das redes sociais	Crianças estão sendo expostas precocemente a conteúdos de sexualidade inadequados através das redes sociais e outros meios de comunicação.	P32, P34, P36, P38
Falta de diálogo aberto, responsivo e adequado à idade	Um diálogo aberto, honesto e adequado à idade das crianças sobre sexualidade é essencial.	P45, P48, P51, P53, P55, P58, P60, P61
Complexidade do tema e insegurança para abordar a sexualidade	A sexualidade é um tema complexo e polêmico, que pode causar insegurança para professores, pais e alunos.	P20, P30, P31, P44
Necessidade de formação continuada e preparação adequada dos educadores	Necessidade de formação continuada para que educadores possam lidar com a temática da educação sexual de forma segura e eficaz.	P56

Fonte: Autora (2024)

A categoria de análise do Conservadorismo religioso e preconceito destaca a resistência ao ensino de educação sexual devido a valores religiosos e culturais tradicionais. Por exemplo, o discente da P1 afirma que "o conservadorismo religioso é contra esse tipo de ensino nas escolas." No entanto, como descrito por Sheid (2018), "a escola é fundamental na construção da sociedade, pois cabe às instituições de ensino promover o pensamento crítico para o exercício da cidadania." Dessa forma, o conservadorismo religioso pode ser um obstáculo para a promoção de uma educação sexual inclusiva e crítica, essencial para a formação de cidadãos conscientes, visto que muitas vezes impõe barreiras significativas à implementação de currículos abrangentes de educação sexual. Tais barreiras podem resultar em omissões ou distorções de informações essenciais sobre saúde sexual e direitos reprodutivos, limitando o desenvolvimento de uma compreensão ampla e informada sobre a sexualidade. Além disso, a falta de educação sexual inclusiva pode perpetuar estereótipos e preconceitos, reforçando a discriminação e a exclusão de indivíduos que não se conformam às normas tradicionais de gênero e sexualidade.

Sobre a categoria de análise da dificuldade Hora e a maneira adequadas para falar sobre sexualidade envolve o desafio de identificar o momento certo e a melhor forma de introduzir o tema. Essa categoria enfatiza a necessidade da preparação dos professores para abordar o tema de forma apropriada. De acordo com Teles (1992), "os professores que lidam com questões da educação sexual, na escola, precisam ter autenticidade, empatia e respeito," destacando a importância de preparar os educadores para lidar com a sexualidade de maneira sensível e adequada.

A categoria de análise dos desafios de ser professor e abordar sexualidade na escola ressalta as dificuldades enfrentadas pelos educadores ao tratar do tema. O discente da P4 relata que "ser professor e falar sobre sexualidade é um grande desafio dentro da escola, principalmente na educação infantil." Esse trecho enfatiza a necessidade de uma formação pautada nas práticas formativas que os licenciandos irão enfrentar e na necessidade de formação continuada. Como afirmam García (1999), "as práticas formativas precisam estar relacionadas com os desafios que serão vividos pelos futuros docentes em seus cotidianos, trabalhando os saberes que serão exigidos para o exercício da profissão." Isso ressalta que a formação adequada e contínua é essencial para preparar os educadores a lidar com a complexidade do ensino da sexualidade, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios diários em sala de aula.

A categoria de análise dos tabus e desconforto sobre o tema mostra como a sexualidade ainda é vista como um tabu, gerando desconforto entre pais, alunos e professores. O discente da P5 exemplifica: "o tema sexualidade é visto com bastante preconceito por muitas pessoas." Esse trecho destaca a necessidade de abordar a sexualidade de maneira aberta e sensível, superando tabus e preconceitos. Sendo assim, é essencial discutir temas que incentivem o debate e expressões significativas sobre a vida em sociedade. De acordo com Bezerra (2018), a inclusão de temas controversos na educação é fundamental para desenvolver habilidades de pensamento crítico e crescimento moral e ético nos estudantes, além de fortalecer suas capacidades discursivas e científicas. Em outras palavras, ao incluir esses temas no currículo escolar, preparamos os alunos para enfrentar desafios do mundo real, promovendo uma sociedade crítica, consciente, plural, tolerante e informada, conectando-os às discussões sociais atuais.

A categoria de análise da violência e abusos sexuais contra crianças, especialmente no ambiente familiar, ressalta a necessidade de educar as crianças

sobre sexualidade e consentimento. O discente da P7 destaca: "sabemos que infelizmente a maioria dos abusos infantis ocorrem dentro de casa." Essa observação enfatiza a importância de abordar a educação sexual como uma forma de proteger as crianças e capacitá-las para reconhecer e denunciar situações de abuso. Ao ensinar sobre consentimento e limites pessoais, as crianças aprendem a identificar comportamentos inadequados e a compreender seus direitos. A formação continuada dos educadores e o envolvimento das famílias são essenciais para criar um ambiente seguro e de apoio, onde as crianças possam falar abertamente sobre suas experiências e buscar ajuda quando necessário (Figueiró, 2014).

A categoria de análise das perguntas difíceis e desconfortáveis feitas por crianças destaca os desafios enfrentados pelos professores ao lidar com questões inesperadas e sensíveis. O discente da P6 comenta: "às vezes, as crianças fazem perguntas que nos pegam desprevenidos e podem causar desconforto." Esse trecho evidencia a necessidade de preparar os educadores para responder de forma apropriada e educativa. De acordo com Manchini (2022), "a escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos às diferenças." Isso reforça a importância de uma formação contínua que capacite os docentes para lidar com tais situações de maneira inclusiva e informada. Dessa forma, é possível criar um ambiente de aprendizado aberto e seguro, onde as crianças se sintam à vontade para fazer perguntas e os professores estejam prontos para fornecer respostas claras e construtivas. Da mesma forma, essa categoria retrata a dificuldade do professor em lidar com o novo, e com uma sala de aula suficientemente aberta para o questionamento livre e para a problematização. Quando o estudante se sente confortável para perguntar, essa ação não deveria ser palco do desconforto e das limitações do professor em tratar as problemáticas. Freire (1998), defende que na "tenra idade", nas infâncias, a curiosidade com a qual as crianças perguntam não devem ser negadas, e que essa retirada da curiosidade resulta na negação da inteireza do ser, do conhecer e da expressividade das relações do sujeito no mundo e com o mundo.

A categoria de análise da exposição precoce à sensualidade e influências negativas das redes sociais destaca os desafios enfrentados pelos educadores ao lidar com os impactos dessas plataformas na vida das crianças. O discente da P8 comenta: "as redes sociais têm um grande impacto na forma como as crianças

percebem a sexualidade e o corpo." Esse trecho evidencia a necessidade de preparar os educadores para abordar esses temas de forma apropriada e educativa.

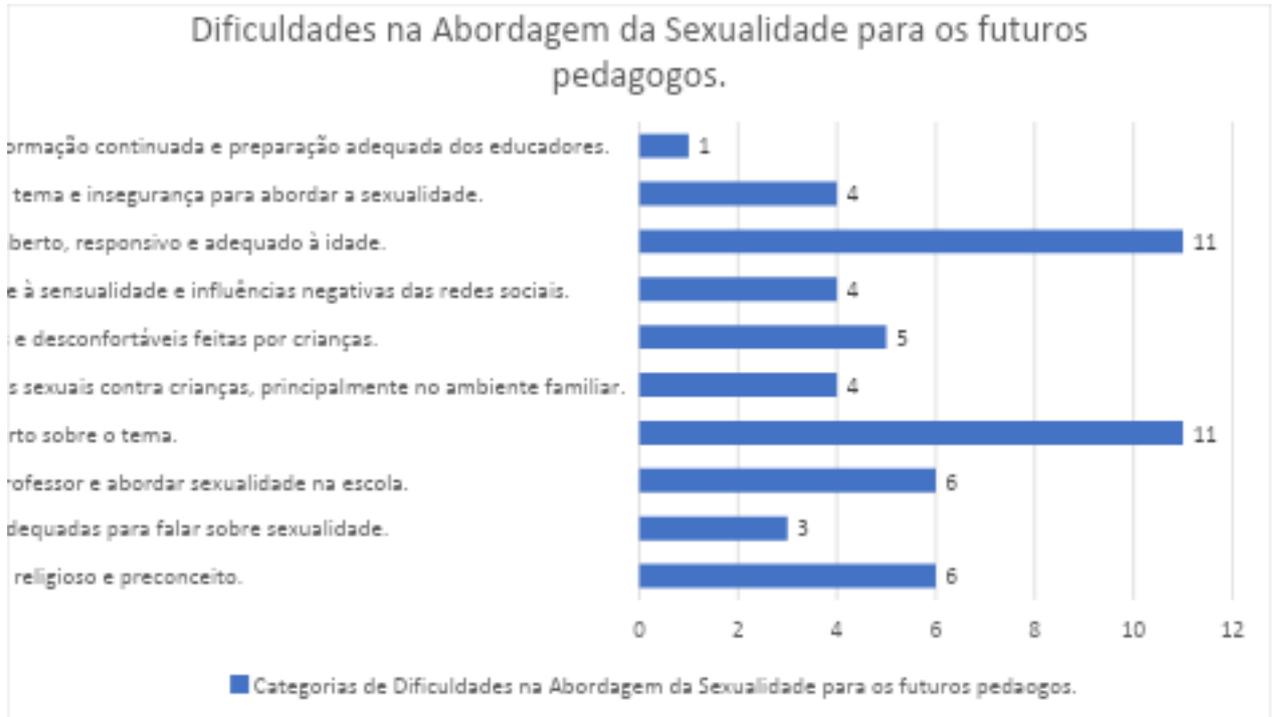
A categoria de análise da falta de diálogo aberto, responsivo e adequado à idade destaca os desafios enfrentados pelos educadores em promover uma comunicação efetiva sobre sexualidade com as crianças. O discente da P9 relata: "muitas vezes, os professores não sabem como abordar a sexualidade de uma maneira que seja compreensível e apropriada para a idade das crianças," enfatizando a necessidade de preparar os educadores para diálogos abertos e adequados às idades dos alunos, de forma responsiva e sensível. Rodrigues e Salles (2011) observam que a discussão sobre sexualidade ainda não é tratada de forma natural e integrada no contexto educacional, sendo percebida apenas como uma dimensão do ser humano e não em sua totalidade. Essa dificuldade em tratar o assunto de maneira natural pode ser uma das principais barreiras para que os docentes se sintam preparados ao abordar essa temática de forma adequada e acolhedora.

A análise da complexidade do tema e da insegurança para abordar a sexualidade enfatiza também a última categoria que fala sobre os desafios enfrentados pelos professores ao tratar de uma questão tão multifacetada. O discente da P10 observa: "a sexualidade é um tema muito complexo e, muitas vezes, os professores não se sentem seguros para abordá-lo." Esta afirmação sublinha a importância de uma preparação contínua e adequada. Maia et al. (2006) destacam que muitos educadores apresentam dificuldade em orientar seus alunos sobre sexualidade, seja por questões pessoais, pela falta de informações específicas, ou pela ausência de recursos metodológicos que os ajudem a realizar uma orientação adequada. Portanto, a formação inicial e continuada é essencial para capacitar os professores a lidarem com essas complexidades e inseguranças, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para tratar do tema de forma adequada e segura.

Além disso, nota-se que as dificuldades mais citadas são os tabus e o desconforto sobre o tema da sexualidade (11) e a falta de diálogo aberto, responsivo e adequado à idade (11) (Figura - 5). Essas dificuldades destacam a necessidade urgente de um ambiente educacional mais aberto e informativo, onde os professores se sintam seguros e preparados para discutir sexualidade de maneira compreensível e apropriada para as diferentes faixas etárias. Sendo assim, é crucial que haja uma formação inicial e continuada dos educadores, para capacitá-los a enfrentar esses

desafios, promovendo um espaço de aprendizado onde temas sensíveis possam ser abordados com naturalidade e eficácia.

Figura 5: Dificuldades na Abordagem da Sexualidade para os futuros pedagogos.



Fonte: Autora (2024)

A análise das dificuldades citadas pelos futuros pedagogos ao abordar a sexualidade nas escolas revela uma série de desafios significativos, como tabus, preconceitos e a falta de diálogo adequado. As dificuldades mais citadas, como os tabus e desconforto sobre o tema da sexualidade e a falta de diálogo aberto, responsivo e adequado à idade, destacam a necessidade de um ambiente educacional mais acolhedor e informativo. É importante investir na formação inicial e continuada dos educadores, capacitando-os a lidar com temas complexos de maneira segura e eficaz. Somente com a devida preparação e apoio, os educadores poderão proporcionar um espaço de aprendizado onde questões sensíveis possam ser discutidas com naturalidade e respeito, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos.

Neste sentido, a análise das produções textuais feitas pelos futuros pedagogos revela a complexidade e a importância de abordar a sexualidade nas escolas de maneira adequada e sensível. Como destaca Fagundes (2020), "a preparação de professores é essencial para a educação adequada das novas gerações na área da sexualidade." Investir na formação inicial e continuada dos educadores é essencial

para capacitá-los a enfrentar os desafios e promover um ambiente educacional inclusivo e informativo, onde a sexualidade possa ser discutida de forma natural e responsável, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos.

4.2 PLANOS DE ODI'S ELABORADOS PELOS FUTUROS PEDAGOGOS

Nesta seção, iremos analisar os planos de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs) desenvolvidos pelos discentes, com ênfase na abordagem da sexualidade para crianças de até os anos iniciais do Ensino Fundamental e, em alguns casos, envolvendo também os pais. A análise considera critérios essenciais para assegurar a eficácia e pertinência dessas oficinas, incluindo a definição clara de problemas contextuais com múltiplas soluções possíveis, a formulação dos problemas como perguntas que incentivem a exploração de várias disciplinas e a adequação das disciplinas abordadas ao currículo do Ensino Infantil e Fundamental.

Além disso, os objetivos das ODIs devem ser claramente definidos, visando a aquisição de conhecimento, o desenvolvimento de habilidades, a mudança de atitudes ou a promoção de reflexões críticas. Com base nesses critérios, identificamos quais planos atendem a essas características e quais necessitam de ajustes, garantindo uma abordagem pedagógica mais inclusiva e informativa sobre a educação sexual.

Sendo assim, foram elaborados pelos discentes 18 planos de ODIs. No entanto, foram excluídos 4 planos, pois os mesmos incluíam disciplinas que não se adequavam para o público-alvo dos anos iniciais do Fundamental. Restaram, portanto, 14 planos de ODIs (Quadro – 5) que atendem aos critérios estabelecidos e serão analisados em detalhes para avaliar suas potencialidades e obstáculos, bem como a eficácia da estratégia pedagógica proposta para abordar a sexualidade de maneira inclusiva e informativa. O quadro a seguir contém o tema de cada ODI, o ponto principal dos objetivos e problemas, público alvo e disciplinas envolvidas.

Quadro 6 Planos de ODIS

TEMA	OBJETIVO	PROBLEMA	PÚBLICO	DISCIPLINAS
Descobrir O Corpo	Desenvolvimento saudável dos alunos	Alunos trocando toques em partes íntimas	5º ano	Ciências, Artes, Geografia, História, Português
Descobrir-se: Uma jornada para	Abordagem biopsicossocial da educação sexual	Como abordar a educação sexual	5º ano	Ciências, Artes, Educação Física,

educar sobre a sexualidade		de forma biopsicossocial?		Língua Portuguesa
Entendendo Meu Corpo, Meus Afetos e as Minhas Relações	Incentivar o autoconhecimento	Quem cuida de mim e do meu corpo?	Pré 1	Ciências, Artes, matemática
Entendendo o Corpo e os Direitos Sobre Ele	Explicar a importância e cuidados com o corpo	Abuso infantil	Pré 1	Ciências, Sociedade, Ética
Gravidez na Adolescência, Meios de Prevenção	Entendimento da educação sexual com ênfase na gravidez na adolescência	Gravidez na adolescência	5º e 6º ano	Português, Ciências, Artes, Geografia
Meu corpinho é meu!	Abordar o tema do abuso sexual	Tabus sobre sexualidade e abuso	3º ano	Ciências, Português, Artes, Educação Física
Meu Corpo, Meu Tesouro	Entender o que é o abuso	História de Joana e o segredo	Pré 1	Ciências, Português, Arte
Meu Tesouro: Conhecimento, Respeito, Proteção!	Compreensão saudável do corpo humano e respeito à diversidade	Tabus e preconceitos sobre educação sexual	Pré 1	Ciências e Matemática
Prevenção do Abuso Sexual	Sensibilizar a comunidade para a proteção das crianças	História de Ana e o tio	4º ano	Ciências, Português, Artes, Educação Física
Prevenir é cuidar	Capacitar as crianças a identificar situações de abuso	João e Marcos na sala de aula	Pré 1	Ciências, Artes, Português
Segurança do Nosso Corpo	Trabalhar conceitos de violência sexual	Identificação de toques permitidos	1º ano EF	Ciências da Natureza, Artes, Geografia, Português
Semáforo do Toque	Familiarizar as crianças com as partes do corpo	Identificação de carinho e violência	1º ano EF	Ciências, Artes
Sexualidade: Conhecendo Seu Corpo e Relações Afetivas	Promover o conhecimento do próprio corpo e relações afetivas	Identificação de toques permitidos	Pré-escola ao 5º ano	Ciências, Língua Portuguesa, Arte
Trabalhando o Abuso Sexual Infantil e Conscientizando de Forma Lúdica	Conscientizar sobre o abuso sexual infantil	Importância da educação sexual nas escolas	Pais e alunos	Ciências, Arte, Língua Portuguesa

Fonte: Autora (2024)

Como vemos, a disciplina mais recorrente, que é citada em todos os planos de ODI é Ciências (Figura - 6). Essa ênfase sugere uma tendência dos discentes em associar a educação sexual principalmente aos conteúdos científicos, como anatomia e fisiologia, bem como “biologizar” as discussões que envolvem a sexualidade,

principalmente no universo infantil. No entanto, conforme apontado por Sarmiento et al. (2018), há uma crítica relevante a essa abordagem, que considera a educação sexual um objeto de trabalho exclusivo dos professores de Ciências ou Biologia.

No entanto, para que aconteça uma abordagem ampla e inclusiva que permita aos alunos desenvolver uma compreensão mais completa e contextualizada da sexualidade, é necessário integrar conhecimentos científicos com reflexões críticas sobre questões psicológicas, sociais, éticas e culturais. Portanto, embora a forte presença da disciplina de Ciências nos planos de ODIs seja importante, é importante garantir que a educação sexual seja tratada de forma interdisciplinar, o que não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove uma educação sexual mais inclusiva e informativa.

Figura 6: Número de Repetições das Disciplinas



Fonte: Autora (2024)

Outra disciplina que se repete com frequência, como vemos na figura acima (Figura-6) é Artes. A inclusão de Artes nos planos de ODIs ressalta a importância de uma abordagem prática para o ensino, onde a experiência e a experimentação estão no centro do processo educativo. Jimes, Murillo e Ramírez (2011) descrevem a oficina didática como um ambiente de trabalho onde o ensino e a aprendizagem ocorrem através de atividades práticas e diversificadas. O principal objetivo dessas atividades é desenvolver competências que permitam aos participantes aplicar o conhecimento

obtido, alterando sua compreensão de um determinado tema ou conceito. Por outro lado, a inclusão da disciplina de Artes também acrescenta às ODIs produzidas elementos subjetivos como: criatividade, autoexpressão, provocações e diversidade estética.

Essa perspectiva é fundamental para a educação sexual, pois atividades práticas e criativas, como as oferecidas pelas Artes, facilitam a assimilação de conteúdos controversos, complexos e sensíveis. As oficinas que possuem as Artes incluíram dramatizações, desenhos, colagens e outras formas de expressão artística que não apenas tornam o aprendizado mais envolvente, mas também permitem que os alunos explorem e reflitam sobre suas experiências e sentimentos em relação à sexualidade, e são muito comuns ao universo infantil (Silveira, 2020).

A utilização da disciplina de Artes é especialmente significativa para o nível de ensino em que as ODIs foram desenvolvidas. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil, as atividades práticas e lúdicas são essenciais para manter o interesse e a motivação das crianças, oferecendo ao grupo de estudantes meios de expressão que é naturalmente acessível e atraente para essa faixa etária, ajudando a concretizar conceitos abstratos de maneira tangível e compreensível. Isso é essencial para desenvolver habilidades cognitivas e emocionais em uma fase tão formativa do desenvolvimento infantil.

Portanto, a repetição da disciplina de Artes nos planos de ODIs indica uma valorização do aprendizado prático e expressivo, alinhando-se com a visão de que as oficinas didáticas devem partir da prática para a teoria, promovendo uma educação sexual mais dinâmica, reflexiva e inclusiva, adequada ao nível de ensino das crianças envolvidas. (Silveira, 2020)

A disciplina de Português é outra que se destaca pela sua frequência nos planos de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs). Essa repetição reflete a importância de desenvolver habilidades comunicativas eficazes, essenciais para a expressão e compreensão de temas complexos como a sexualidade. A inclusão de atividades de leitura, escrita, escuta e fala permite que os alunos articulem suas dúvidas e sentimentos de maneira clara e segura. De acordo com Silveira (2020), nas oficinas didáticas, é crucial integrar as expressões humanas de pensar, agir e sentir. Isso significa que, ao promover atividades de produção textual, interpretação de textos e discussões, a disciplina de Português contribui para uma abordagem integral que não apenas facilita a aquisição de conhecimento, mas também estimula a reflexão

crítica e a empatia. Através dessas práticas, os alunos desenvolvem uma compreensão mais aprofundada e sensível dos conteúdos, enriquecendo seu aprendizado de maneira holística e inclusiva. É importante ressaltarmos que na fase da infância o desenvolvimento da linguagem formal e escrita perpassa por todas as disciplinas; é nesse período que a criança se familiariza e começa a conhecer os signos, códigos e mensagens envolvidas na escrita e sua relação com a fala. Esta é a fase do letramento, que indica o uso das produções escritas e orais em contextos adequados, de acordo com as normas socialmente estabelecidas. (Ichiba; Damiano; Musetti; Silva; Martins, 2021).

Por fim, é importante mencionar as disciplinas que foram menos citadas nos planos de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs), como Geografia, História, Educação Física, Sociedade, Ética e Matemática. Embora menos frequentes, essas disciplinas ainda desempenham um papel vital na construção de uma educação sexual integrada e holística.

Geografia e História, por exemplo, podem trazer diferentes contextos culturais e temporais que poderiam ajudar os alunos a compreender como diferentes sociedades e épocas abordavam a sexualidade. Mirabent Perozo (1990) destaca a importância de uma organização prática e criativa no processo de ensino-aprendizagem, o que pode ser amplamente alcançado através dessas disciplinas, estimulando a reflexão crítica sobre normas sociais e históricas. Paralelamente, não incluir componentes curriculares como esses ainda podem enviesar a aprendizagem, e demonstrar que os conteúdos e temáticas que envolvem a sociedade e os indivíduos são “a-históricos” e não possuem relações comuns e divergentes, a partir de seu local e sua cultura.

Sociedade e Ética, ainda que raramente mencionadas, são essenciais para abordar questões de cidadania, moralidade e convivência social. Embora não apareçam como disciplinas autônomas no currículo da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, esses temas são integrados em outras atividades e disciplinas, promovendo valores como respeito e consentimento. Luckesi (2002) argumenta que a educação para a cidadania e a ética deve ser integrada em todas as disciplinas e atividades escolares, promovendo uma formação integral que considere o desenvolvimento moral e social dos alunos.

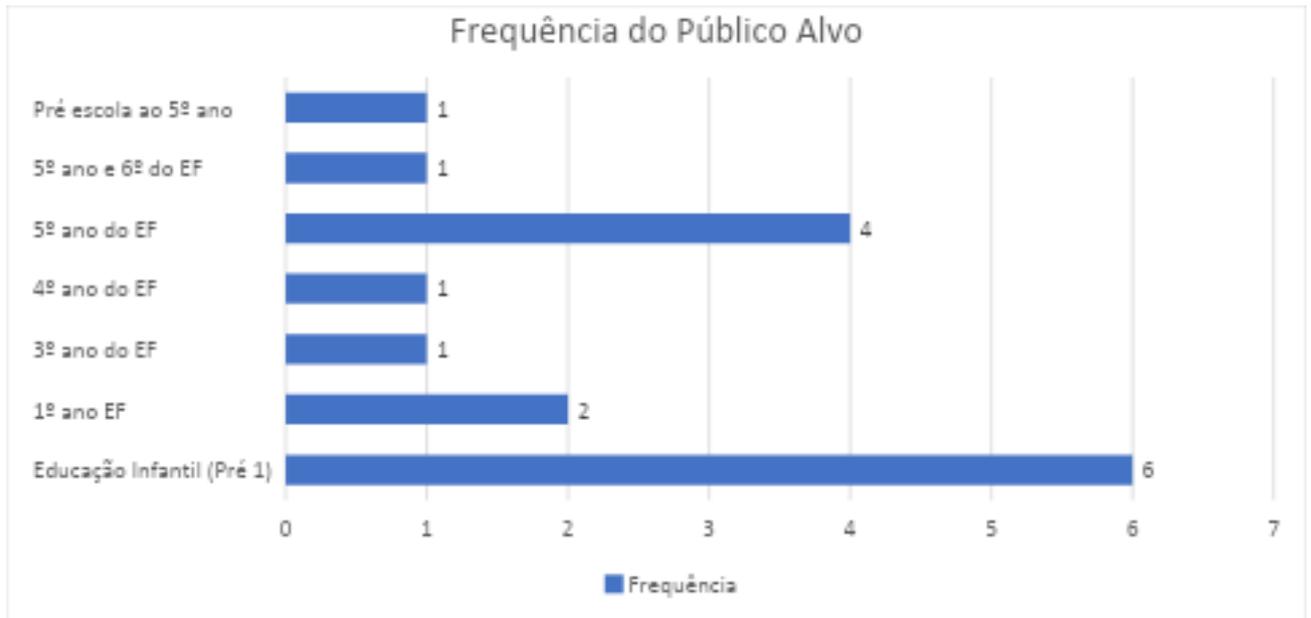
Educação Física, por sua vez, pode ser fundamental para discutir aspectos relacionados ao corpo e à saúde física, integrando atividades práticas que reforcem o

cuidado com o próprio corpo e o respeito aos limites pessoais. Segundo Silveira (2020), as ODIs são espaços privilegiados de trabalho com as dimensões tipicamente humanas, que envolvem a reflexão, o agir e o sentir, o que é facilitado pelas atividades dinâmicas e interativas da Educação Física.

Por fim, a Matemática pode parecer menos intuitiva em discussões de educação sexual, mas pode ser utilizada de maneira criativa para explorar estatísticas e dados sobre saúde sexual, ajudando os alunos a desenvolver habilidades analíticas e interpretar informações relevantes de forma crítica. Silveira (2020) argumenta que a elaboração de ODIs deve começar com a escolha cuidadosa dos problemas, incentivando a exploração de conhecimentos de várias disciplinas, o que pode incluir a Matemática.

A integração dessas disciplinas menos mencionadas pode enriquecer ainda mais as ODIs, oferecendo uma abordagem verdadeiramente interdisciplinar que abrange todos os aspectos da educação sexual. Ao valorizar essas áreas do conhecimento, garantimos uma formação mais completa e significativa para os alunos, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo de maneira informada e ética.

Sobre o nível de ensino mais mencionado, temos a Educação Infantil (Pré 1) como o nível de ensino que mais se destaca nos planos de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (figura-7), com um total de 6 planos. Isso reflete a importância de abordar a educação sexual desde os primeiros anos da educação formal, garantindo que as crianças tenham uma compreensão adequada e informativa sobre o tema desde cedo. A educação sexual nos anos iniciais é fundamental para o desenvolvimento saudável das crianças, pois oferece uma base sólida para a formação de indivíduos mais conscientes e seguros de si. Conforme Ribeiro (1996, p. 40) complementa, “propiciar à criança oportunidade de discutir diversos assuntos relacionados com o próprio corpo, sob diferentes enfoques e utilizando materiais variados, enriquecerá sobremaneira suas experiências”. Isso permite que as crianças aprendam sobre a sexualidade de maneira abrangente, incluindo aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa abordagem educativa não só promove o respeito às diferenças e a prevenção de abusos, mas também forma uma cultura de prevenção e respeito desde cedo no ambiente escolar.

Figura 7: Frequência do Público Alvo

Fonte: Autora (2024)

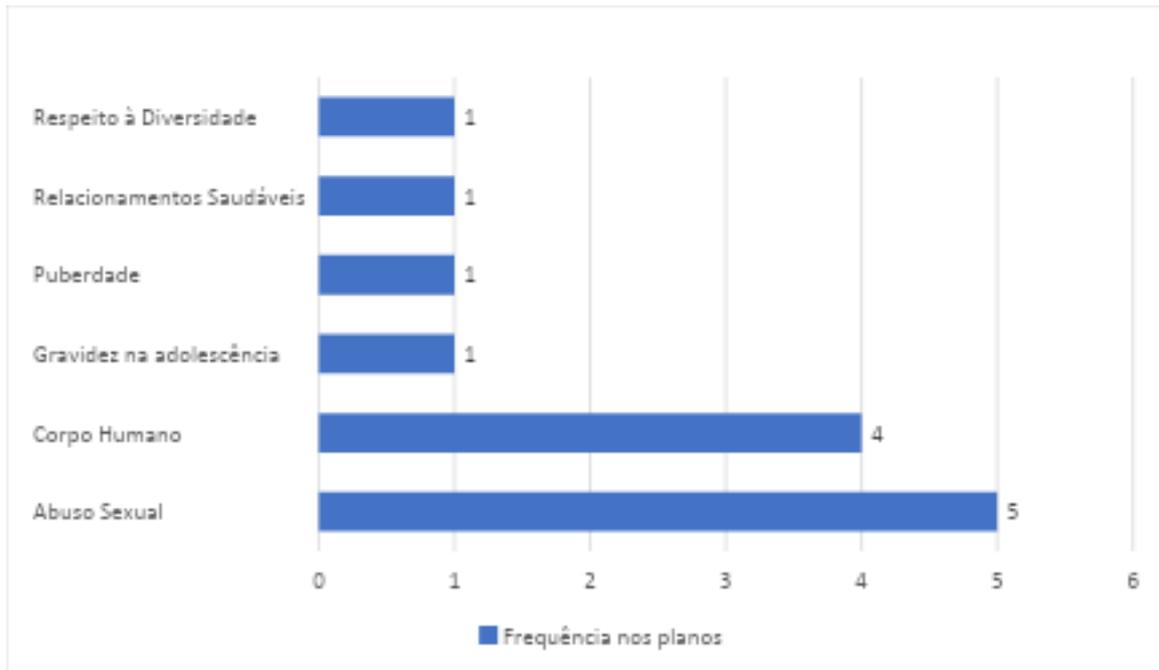
Sobre o segundo nível de ensino mais mencionado nos planos de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs), temos o 5º ano do Ensino Fundamental. Este nível de ensino aparece em 4 planos, os quais incluem discussões sobre puberdade, mudanças corporais, prevenção de abusos, e construção de relacionamentos saudáveis. Por exemplo, o plano que foca na puberdade, aborda as mudanças físicas e emocionais que os alunos começam a vivenciar. Este tema é primordial pois coincide com uma fase de transição importante na vida das crianças, onde dúvidas e inseguranças são comuns. Proporcionar informações claras e científicas sobre essas mudanças ajuda a reduzir a ansiedade e promover uma autoimagem positiva. Nesse plano são realizadas atividades práticas como discussões em grupo sobre as mudanças corporais, identificação das partes do corpo e suas funções, além de atividades de desenho e legenda das transformações corporais. Esses momentos visam promover a compreensão dos aspectos biológicos da educação sexual, permitindo que os alunos desenvolvam uma relação saudável e natural com essas transformações.

Já o que discute sobre a prevenção de abusos é fundamental para empoderar os alunos com conhecimento sobre seus direitos e a importância do consentimento. Isso fortalece sua capacidade de se proteger e buscar ajuda quando necessário, promovendo um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. Além disso, a abordagem

da construção de relacionamentos saudáveis é um tema central, visando ensinar os alunos sobre respeito, empatia e comunicação. Este é um aspecto essencial da educação sexual, pois ajuda a formar uma base ética e social para interações interpessoais saudáveis e respeitadas.

Os planos de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs) revelam que a temática mais frequentemente abordada foi o abuso sexual, presente em 5 dos 14 planos (Figura-8). Esse destaque reflete a gravidade e a urgência da problemática do abuso sexual infantil, em uma realidade que exige atenção e intervenção imediata, pois, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), uma criança ou adolescente sofre violência sexual a cada 15 minutos. A maioria dos agressores, 77%, são pessoas do círculo familiar e de confiança da família e da vítima (IPEA, 2019). A importância disso na formação dos estudantes e dos pedagogos é essencial, pois permite que os alunos adquiram conhecimentos e habilidades essenciais para reconhecer e prevenir abusos, além de desenvolverem uma maior consciência sobre a necessidade de proteção e respeito aos direitos humanos. Para os pedagogos, a capacitação sobre esse tema os prepara para identificar sinais de abuso, oferecer apoio qualificado, legal e adequado às vítimas e promover um ambiente escolar seguro e acolhedor.

Sendo assim, a abordagem dessa temática é de suma importância, pois capacita as crianças a reconhecerem situações de risco, entenderem seus direitos e se protegerem de possíveis abusos. Promover a educação sobre abuso sexual desde os primeiros anos escolares ajuda a construir um ambiente seguro e de confiança, onde as crianças se sentem encorajadas a falar sobre suas experiências e a buscar ajuda quando necessário. Além disso, essa educação preventiva contribui para a formação de uma cultura de respeito e proteção, onde o consentimento é valorizado e as crianças aprendem a importância do autocuidado e do respeito pelo corpo alheio.

Figura 8: Frequência nos planos

Fonte: Autora (2024)

O segundo tema mais abordado nos planos de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs) é o corpo humano, presente em 4 dos 14 planos. Esse destaque demonstra a importância de proporcionar às crianças um entendimento claro e abrangente sobre seus próprios corpos, suas funções e mudanças. Conforme ressaltado por Ribeiro e França Silva (2021) o corpo é visto como um instrumento essencial através do qual a criança experimenta, vivencia, sente, aprende e se transforma. Por meio do corpo, a criança se desenvolve, constrói conexões consigo mesma, com os outros e com o meio, contribuindo para a formação cognitiva, motora e intelectual.

Além disso, a educação sobre o corpo humano é a base para discussões mais amplas sobre sexualidade, puberdade e relações afetivas, preparando as crianças para enfrentar com segurança e confiança as fases subsequentes do seu desenvolvimento. Ao abordar esses temas de maneira integrada e contínua, os planos de ODIs contribuem significativamente para a formação de indivíduos mais informados, seguros e respeitosos em relação a si mesmos e aos outros.

A análise dos planos de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs) revela que, embora haja uma abordagem significativa dos aspectos biológicos da sexualidade, os elementos sociais e psicológicos foram menos explorados. Segundo os conceitos de

Figueiró (2014), Furlani (2007) e Nunes (2000), a sexualidade deve ser compreendida em sua totalidade, de forma mais ampla, envolvendo o biológico, mas não se restringindo apenas a ele. É uma construção social e dinâmica, que se transforma ao longo dos diferentes momentos históricos, culturais, econômicos, sociais e políticos. Essa perspectiva holística é essencial para que a educação sexual seja verdadeiramente efetiva, promovendo um entendimento profundo e inclusivo da sexualidade humana.

Sobre os momentos pedagógicos abordados pelos discentes nos seus planos, iremos analisar por categorias, as quais serão de acordo com os temas abordados: Abuso sexual; Corpo humano; Gravidez na adolescência; Puberdade; Relacionamentos saudáveis e Respeito à diversidade. Essa forma de análise irá focar de forma mais detalhada como cada tema é tratado pedagogicamente, permitindo identificar as estratégias e metodologias utilizadas em cada contexto. Importante salientar que a organização dos planos por categoria se deu com o tema de cada ODI.

Inicialmente, na categoria Abuso Sexual, vamos examinar como os planos tratam a questão da prevenção e identificação de abusos, o desenvolvimento da consciência sobre os direitos das crianças e a importância do consentimento. Vamos analisar as atividades propostas, os materiais utilizados e a abordagem pedagógica para garantir que as crianças compreendam e reconheçam situações de risco. Os planos são: 1- Meu Corpinho é Meu; 2- Prevenção do Abuso Sexual; 3- Prevenir é Cuidar; 4- Segurança do Nosso Corpo; 5- Semáforo do Toque.

Ao analisar os planos de ODI Meu Corpinho é Meu; Prevenir é Cuidar; Segurança do Nosso Corpo e Semáforo do Toque, foi evidente que a metodologia do "Semáforo do Toque" se destacava como uma instigadora e eficaz, comum a esses planos. Essa abordagem visual e prática utiliza cores para sinalizar toques seguros e inseguros, facilitando a compreensão dos limites do corpo de maneira lúdica e clara. Em cada plano, essa metodologia promove a reflexão e o diálogo entre as crianças, permitindo que internalizem conceitos essenciais sobre consentimento e autoproteção (Quadro - 7).

Podemos notar que há um excesso nas menções à utilização da metodologia do "Semáforo do Toque" nos planos de ODIs, o que nos leva a perceber que os pedagogos, em seu trabalho, preferem utilizar metodologias que sejam mais "concretas", "palpáveis" com as crianças, ou seja, preferem metodologias que sejam

tangíveis e envolventes. Utilizar estratégias como o "Semáforo do Toque" permite que os estudantes visualizem as cores chamativas, identifiquem as simbologias presentes nelas, facilitando a compreensão e internalização dos conceitos de toques seguros e inseguros. Essa abordagem lúdica e visual promove a reflexão e o diálogo, permitindo que os alunos desenvolvam uma percepção clara sobre os limites do corpo e o consentimento. No entanto, ela não é a única metodologia disponível para trabalhar essas temáticas, esse uso repetitivo e constante pode levar à desmotivação e à perda do interesse por parte dos estudantes, e o empobrecimento do processo de ensino e aprendizagem pela falta de diversidade de recursos didáticos nas salas. Diversificar as abordagens pedagógicas é essencial para manter a atenção e o engajamento das crianças, garantindo um aprendizado mais holístico e eficaz (Betancourt, 2007).

Quadro 7 Recorte dos planos que incluem a metodologia semáforo

Plano: Meu corpinho é meu: Momento 2
Nome do Momento: Semáforo do toque
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): A professora mostrará um cartaz com as partes do corpo que podem, não podem e devemos estar alerta para o toque. Após reconhecer as partes que podem ser tocadas ou não, os estudantes receberão desenhos impressos de imagens de corpos de meninos e meninas com círculos. As crianças devem pintar os círculos de verde, vermelho ou amarelo nos locais do corpo que podem ou não ser tocados por outras pessoas. O momento será encerrado com um verso musical que trata sobre os limites do toque nos corpos infantis: "O corpo é meu, é meu, é meu Ninguém pode tocar Sem me perguntar Ninguém pode obrigar Se me pedem um beijo, Posso dizer que não Se me pedem um abraço Tudo bem dizer não Por isso sempre, sempre, sempre Tem que perguntar Antes de tocar Meu espaço pessoal.
Plano: Prevenir é cuidar: Momento 3
Nome do Momento: Semáforo - Toques Seguros e Inseguros
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): Discussão sobre toques seguros e inseguros usando exemplos simples. Representar cenários de toques seguros e inseguros para melhor compreensão (dar exemplos de momentos em casa, na escola, banho, brincadeiras, etc). Atividade prática: Será distribuído para as crianças moldes do corpo humano e bolinhas coloridas (verde, amarela e vermelha) para que elas possam sinalizar as partes do corpo que podem ser tocadas ou não, de acordo com suas compreensões prévias. A bolinha verde indicaria que não existem problemas ao tocar, a amarela indica que ele precisa de atenção e a vermelha que não pode tocar de forma alguma. O professor poderá demonstrar em seguida, com um molde maior (feminino e masculino) no quadro e colar as bolinhas de forma correta, explicando para as crianças porque podem deixar tocar e porque não. As crianças nesse momento poderão conferir suas respostas.
Plano: Segurança do nosso corpo: Momento 2
Nome do Momento: Semáforo do toque
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): No primeiro momento da atividade os alunos receberão do professor uma atividade impressa, onde na mesma terá partes do corpo ilustrados de uma menina e de um menino, os alunos irão recortar e colar em seus cadernos de desenho. Após o término da criação dos bonecos, o professor introduzirá o semáforo do toque, fazendo uma ligação com o conceito trabalhado na semana anterior, a semana do trânsito. Porém, explicar que agora será aplicado ao próprio corpo de cada aluno. Neste momento os alunos terão que identificar em seus bonecos de papel, cada parte onde o semáforo indica, e pintar com lápis de cor, suas respectivas cores. Explicar aos alunos que todos terão que escrever também o que cada cor representa em cada local indicado.
Plano: Semáforo do toque: Momento 1

Nome do Momento: O Corpo é Seu.
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): Explicar às crianças que seus corpos são preciosos e pertencem a eles. Falar sobre o toque AGRADÁVEL e o toque NÃO AGRADÁVEL (colocar no quadro – Fig.02). Executar o vídeo explicativo Semáforo do toque disponível em https://youtube.com/watch?v=Wyxhuzq6mA0&feature=shared Ensiná-las a dizer “não” quando algo não as deixa confortáveis e a importância de comunicar seus sentimentos. Usar os bonecos de EVA para mostrar os toques – Fig.03.

Fonte: Autora (2024)

Conforme definido por Jimes, Murillo e Ramírez (2011), uma oficina didática é um espaço de trabalho onde o processo de ensino e aprendizagem é realizado por meio de atividades práticas e diversas. Os planos analisados exemplificam essa definição, utilizando elementos visuais e interativos que são facilmente compreendidos pelas crianças. Assim, não só educam sobre a importância do consentimento, mas também contribuem para a formação integral dos estudantes, promovendo uma sociedade crítica, consciente, plural, tolerante e informada.

Por fim, no plano de ODI Prevenção do Abuso Sexual, que tem como objetivo sensibilizar a comunidade para o compromisso de proteger as crianças e adolescentes, pode-se perceber que o momento que atingiu seu objetivo foi a Roda de Conversa – Conhecendo Nosso Corpo e Prevenindo Abusos (Quadro - 8). Esse momento é importante porque aborda diretamente a educação sexual e a prevenção de abusos, utilizando uma abordagem interativa e informativa.

Quadro 8 Recorte do plano prevenção do abuso Sexual

Plano: Prevenção do Abuso Sexual: Momento 3
Nome do Momento: Roda de conversa – Conhecendo nosso corpo e prevenindo abusos
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): Nesta etapa será introduzida os questionamentos: Quais são as partes do corpo? Quais são as partes íntimas? Por que chamamos partes íntimas? – de que maneira vocês nomeiam os seus órgãos sexuais? Será exibido vídeos sobre a educação sexual e a prevenção de violência sexual. Nesse momento também haverá explicação do corpo humano e observação através de maquetes anatômicas.

Fonte: Autora (2024)

Essa atividade é particularmente interessante porque utiliza questionamentos sobre as partes do corpo e partes íntimas, promovendo a reflexão e o diálogo entre as crianças. A exibição de vídeos educativos sobre educação sexual e prevenção de violência sexual, juntamente com a utilização de maquetes anatômicas, facilita a compreensão dos conceitos de forma visual, diversificada, midiática e prática. Evidenciando o que Bezerra (2018) defende, a inserção de temáticas controversas na educação favorece o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e o

desenvolvimento moral e ético, fortalecendo habilidades discursivas e científicas nos estudantes. Ao abordar questões de violência sexual e autoproteção, o plano Prevenção do Abuso Sexual não só educa sobre consentimento e proteção, mas também contribui para a formação integral dos alunos, preparando-os para enfrentar desafios do mundo real e promovendo uma sociedade crítica, consciente, plural, tolerante e informada.

Agora vamos para a categoria dos planos de ODI que abordam o corpo humano. Vamos examinar como eles tratam do conhecimento do corpo humano, suas funções e mudanças ao longo do crescimento. Vamos analisar as atividades propostas, os materiais utilizados e a abordagem pedagógica para garantir que as crianças compreendam e reconheçam a importância do corpo humano. Observou-se como cada plano integra aspectos biológicos, emocionais e sociais, conforme ressaltado por Ribeiro e França Silva (2021), destacando o corpo como um instrumento essencial através do qual a criança experimenta, vivencia, sente, aprende e se transforma. Os planos são: 1- Descobrindo o Corpo; 2- Entendendo o Corpo e os Direitos Sobre Ele; 3- Meu Corpo, Meu Tesouro; 4- Meu Tesouro: Conheço, Respeito, Protejo.

Ao analisar o plano “Descobrindo o Corpo”, o qual possui três momentos, enfatizamos o Momento 1, onde a atividade prática proposta foi a composição de roupas masculinas e femininas nos devidos gêneros estabelecidos utilizando manequins, conforme a quadro abaixo (Quadro - 9):

Quadro 9 Fragmento do plano de ODI: Descobrindo o corpo

Plano: Descobrindo o Corpo; Momento 1
Nome do Momento: O gênero e a criança
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): 1) expor através de manequim a composição do gênero masculino e feminino. 2) debater em roda de conversa, comportamento masculino/feminino e sua constituição de sua identidade de gênero. 3) Atividade prática: através de Manequins, que irão auxiliar os alunos, para compor as roupas masculina e feminina nos devidos gênero estabelecido.

Fonte: Autora (2024)

No entanto, a ideia de compor roupas masculinas e femininas nos devidos gêneros estabelecidos pode reforçar estereótipos de gênero e limitar a compreensão das crianças sobre a diversidade de identidades de gênero. Conforme destacado por Presley et al. (2013), é importante abordar tópicos polêmicos durante a orientação e instrução formal, permitindo que professores e alunos estabeleçam um ambiente de aprendizagem no qual todos se sintam seguros e demonstrem respeito mútuo. Essa

abordagem pode ser mais inclusiva, promovendo uma discussão aberta sobre identidade de gênero e permitindo que as crianças escolham as roupas que acham mais adequadas para os manequins, independentemente do gênero. Isso enriqueceria o entendimento das crianças sobre diversidade e respeito às diferenças, entretanto, as informações presentes no plano da ODI não davam a entender que uma abordagem mais progressista e fora dos padrões sociais seria utilizada nesse momento.

Ao analisar o plano “Entendendo o Corpo e os Direitos Sobre Ele”, observamos que a situação problema menciona o abuso infantil, mas não foi formulada como uma pergunta (Quadro - 10). Segundo Silveira (2020), o processo de elaboração de uma ODI começa com a escolha cuidadosa dos problemas e objetivos. Os problemas selecionados devem ter um contexto bem definido, mais de uma solução possível e devem ser formulados como perguntas, incentivando a exploração de conhecimentos de várias disciplinas. Portanto, a falta de uma formulação correta do problema pode dificultar a compreensão e o engajamento dos alunos. Além disso, nenhum dos momentos descritos aborda claramente o tema do abuso de forma direta e explícita. Isso é problemático, pois o objetivo do plano é explicar a importância dos cuidados com o corpo e abordar o abuso infantil.

Quadro 10 Fragmento do plano de ODI: Entendendo o corpo de os direitos sobre ele

Plano: Entendendo o Corpo e os Direitos Sobre Ele
Situação Problema: Abuso infantil
Momento 3: Semáforo do toque
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): Explicar o semáforo e o porquê das cores e que cada uma tem o seu significado. Vermelho (pare) - partes íntimas e a boca Amarelo (atenção) - próximo as partes íntimas Verde (aqui pode) – cabeça

Fonte: Autora (2024)

Além disso, as atividades do momento 3: Semáforo do Toque poderiam ser ajustadas para incluir discussões mais explícitas sobre o abuso infantil, o que não foi realizado. Além de explicar o semáforo e o significado das cores, poderia ser adicionada uma atividade de discussão em grupo sobre o que é abuso infantil, como identificá-lo e o que fazer se alguém estiver em uma situação de abuso. Utilizar exemplos e histórias para facilitar a compreensão também poderia ser muito útil, visto que a proposta do semáforo do toque é ensinar, de maneira visual e lúdica, os limites do corpo e a importância do consentimento. Essa abordagem permite que as crianças

compreendam de forma clara quais partes do corpo são seguras para tocar (verde), que precisam de atenção (amarelo) e quais não devem ser tocadas (vermelho), promovendo a conscientização e a autoproteção desde cedo. Isso reforça a necessidade de abordar diretamente o tema do abuso infantil para garantir que as crianças estejam informadas e preparadas para se protegerem em diferentes situações.

O plano “Meu Corpo, Meu Tesouro” aborda de forma clara e simples as partes do corpo, higiene e abuso sexual, o que é coerente com seu tema e objetivo. Seu momento principal que ajudou a responder seu problema de pesquisa foi o Momento 1: Contação de História. Nesse momento, a apresentação da situação problema através da história de Joana permite que as crianças se identifiquem com a personagem e compreendam a importância de cuidar do próprio corpo e reconhecer situações de abuso.

Quadro 11 Fragmento do plano de ODI; Meu corpo, Meu tesouro

Plano: Meu Corpo, Meu Tesouro
Objetivo: Entender de forma simples o que é o Abuso
Situação problema: Era uma vez uma menina chamado JOANA Ela brincava e o mundo explorava , mas do seu corpinho sempre cuidava Na hora de brincar , não tinha costume de machucar , nada de chute, beliscões e puxões, ela amava era a diversão E depois de muito brincar , sempre um banho ia tomar sem apertar, lavava todo o corpinho da cabeça ao pezinho , das partes íntimas não esquecia , aquela que fica embaixo da calcinha E sua mãe sempre falava , nosso corpinho é especial para mexer permissão tem que ter Até que um dia Joana ficou agoniada, alguém segredo lhe pediu segredo segredinho. E ela pensativa ficou algo lhe machucou, alguém que ela confiava no seu corpo tocou e ela não gostou. Ficou triste e chateada e pensativa ela andava, a quem devia contar alguém que sabia que nela sempre iria acreditar. Vamos juntos ajudar ??
Momento 1: Contação de história.
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): Apresentação da situação problema, contando a história de uma menina chamada Joana, utilizando fantoches e para responder o problema iniciar o debate junto às crianças.
Momento 2: Dinâmica do segredo.
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): realizar um sorteio de frases contendo segredos bons e ruins, e solicitar que os alunos identifiquem estes tipos de segredos, através do uso de placas com os símbolos de like e dislike. Ao falar uma determinada frase sorteada, os estudantes irão levantar uma plaquinha de like para segredo bom e dislike para segredo ruim.

Fonte: Autora (2024)

A história de Joana, que enfrenta uma situação de abuso e precisa decidir a quem contar, é uma maneira eficaz de introduzir o tema do abuso infantil de forma sensível e acessível. Isso cria um ambiente seguro para que as crianças possam discutir suas próprias experiências e sentimentos, promovendo a compreensão e a conscientização sobre o abuso. Além disso, a Dinâmica do Segredo no Momento 2

complementa essa abordagem ao ensinar as crianças a identificar segredos bons e ruins, reforçando a importância de comunicar situações desconfortáveis a adultos de confiança. Do ponto de vista ético e dialético, classificar segredos como “bons” ou “ruins” pode ser problemático. A ética procura considerar aspectos intencionais, as consequências e os valores morais envolvidos na manutenção ou revelação desse segredo, sendo, portanto, uma escolha controversa quando se trata de questões criminosas como abuso e violência. Por outro lado, a dialética aborda as contradições internas e inerentes ao tema, e se preocupa em contextualizar o tema de acordo com o tempo e o espaço; se tratando do universo infantil e do abuso sexual, essas questões devem ser tratadas de forma cuidadosa, de forma a deixar os padrões claros e garantir que a segurança da criança venha em primeiro lugar.

O plano “Meu Tesouro: Conheço, Respeito, Protejo” aborda seus três momentos de forma muito atrativa, e escolhemos analisar o primeiro momento (Quadro -12) por ser um diferencial.

Quadro 12 Fragmento do plano de ODI: Meu tesouro: Conheço, respeito, protejo

Plano: Meu Tesouro: Conheço, Respeito, Protejo
Momento: 1 Diferenças entre menino e menina: Percepções Iniciais
<p>Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): Os alunos serão recepcionados inicialmente ao som da música João e Maria de Chico Buarque de Holanda com o objetivo de introduzir a temática trabalhada neste momento. O oficinairo apresenta às crianças, um painel com dois bonecos, um representando uma menina chamada Maria e outro um menino chamado João, que deverá ficar a mostra para todos. Serão disponibilizados em uma cesta, cards com figuras de funções e características normalmente atribuídas aos personagens e estes alunos deverão encaixar no Painel aquilo que consideram “coisas de menino” ou “coisas de menina”, tais como “lavar roupa”, “arrumar a casa”, “chorar”, “depilar as pernas”, “vestir rosa”, “vestir azul”, “brincar de boneca”, “brincar de carrinho”, “jogar futebol”, “fazer balé”, “dirigir caminhão”, “trabalhar com maquiagem e cabelo” e etc. Quando todo o painel estiver construído a partir da percepção dos participantes, o oficinairo distribuirá placas interativas de CONCORDO ou DISCORDO para que os alunos discutam se concordam ou não com a maneira que o painel foi montado, fazendo menção às características e funções destacadas. Durante esta etapa, o oficinairo levantará várias questões a fim de instigar os alunos, como “Por quê? Quem definiu isso? Tem alguma lei dizendo isso? Onde? De onde vem essa afirmação? Já pararam para pensar?”. Ao final, a partir das questões levantadas e debatidas pelos alunos será enfatizado que cada pessoa é única e especial, com características físicas que as diferenciam, mas que as bagagens socioculturais que cada pessoa pode carregar ao longo de sua vida configuram-se sexistas, homofóbicas e excludentes ao atribuir divisões de papéis a partir do gênero.</p>

Fonte: Autora (2024)

Sheid (2018) afirma que a escola é fundamental na construção da sociedade, pois cabe às instituições de ensino promover o pensamento crítico para o exercício da cidadania. Nesse contexto, o primeiro momento do plano promove um pensamento “fora da caixinha” ao desafiar estereótipos de gênero e incentivar as crianças a refletirem sobre os papéis de gênero atribuídos culturalmente. A atividade prática de

construir um painel com características e funções atribuídas aos gêneros, seguida de uma discussão interativa usando placas de CONCORDO ou DISCORDO, ajuda a desconstruir preconceitos e a promover a compreensão da diversidade, colocando as crianças diante de julgamentos importantes às normas sociais às quais estarão sujeitas ao enfrentamento. Ao final, enfatiza-se que cada pessoa é única e especial, com características físicas e bagagens socioculturais que podem ser sexistas, homofóbicas e excludentes, destacando a importância de respeito e inclusão.

No mesmo viés de análise, iremos então para a categoria Gravidez na Adolescência, a qual apresenta apenas um plano de ODI, intitulado como: Gravidez na Adolescência, Meios de Prevenção. Ao analisá-lo, vamos verificar como o plano aborda a temática da gravidez precoce, suas consequências e a importância da prevenção e planejamento familiar. A análise incluirá as estratégias pedagógicas utilizadas para informar e sensibilizar os adolescentes sobre os riscos e responsabilidades, as atividades propostas e os materiais utilizados.

Ao abordar a gravidez precoce, suas consequências e a importância da prevenção e do planejamento familiar, o plano Gravidez na Adolescência, Meios de Prevenção utiliza estratégias pedagógicas eficazes para informar e sensibilizar os adolescentes sobre os riscos e responsabilidades. Um de seus momentos primordiais foi o Momento 2: Compreender a Gravidez na Adolescência, especificamente na Atividade 2: Como reverter esse grande número de adolescentes grávidas? Esse momento é importante porque aborda diretamente os métodos de prevenção e envolve os adolescentes em discussões práticas e dinâmicas sobre contraceptivos e saúde sexual.

Quadro 13 Fragmento do Plano de ODI: Gravidez na Adolescência, Meios de Prevenção

Plano: Gravidez na Adolescência, Meios de Prevenção
Momento 1: Compreender a gravidez na adolescência Objetivos: Identificar as percepções dos alunos sobre a gravidez na adolescência.
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): Atividade 1: O número de adolescentes grávidas tem a ver com estrutura familiar? (25 minutos) Fazer grupo de conversa com os adolescentes, para saber o que os mesmos entendem do conteúdo abordado. Apresentar imagens ilustrativas de adolescentes entre 11 e 13 anos grávidas. Exibir um cartaz com perguntas: O que precisa para diminuir a gravidez na adolescência? Que tipo de ajuda a escola pode oferecer? Ainda em roda de conversa, pedir para eles lerem em voz alta a questão norteadora do cartaz, e permitir que façam outras perguntas, e depois possam partilhar da mesma. Atividade 2: Como reverter esse grande número de adolescentes grávidas? (25 minutos) ●Fazer a divisão dos grupos, para o debate do conteúdo abordado. ● Promover dinâmicas que envolvam o assunto abordado. ● Apresentar os tipos de anticoncepcional para as meninas, e os preservativos para os meninos, com a dinâmica do uso. Levar uma ginecologista para dar orientação para os adolescentes.

Fonte: Autora (2024)

Podemos relacionar essa proposta, a abordagem médica, conforme discutido por Figueiró (2010), que tem como foco a transmissão de informações relacionadas à biologia do sexo e à vivência positiva da sexualidade, com o intuito de assegurar a saúde sexual do indivíduo e da coletividade. Essa abordagem utiliza programas de saúde pública para garantir direitos sexuais e reprodutivos e promover a prevenção ao HIV/AIDS e outras IST, enfatizando, ainda, questões de planejamento familiar e ações terapêuticas.

Neste sentido, a atividade 2 reflete essa abordagem, pois ao fornecer informações práticas sobre os métodos contraceptivos e promover discussões que ajudam os adolescentes a compreender a importância da prevenção e do planejamento familiar. Ao capacitar os adolescentes com conhecimento e habilidades práticas, o plano não só informa sobre os riscos da gravidez precoce, mas também empodera os jovens a tomarem decisões informadas sobre sua saúde sexual e reprodutiva.

Na categoria Puberdade, temos o trabalho “Entendendo Meu Corpo, Meus Afetos e as Minhas Relações”. Nele, vamos analisar como o plano trata as mudanças físicas e emocionais que ocorrem durante a puberdade, incluindo o desenvolvimento da autoestima e a compreensão das transformações corporais. A abordagem pedagógica aqui deve integrar aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

O referido plano aborda seus momentos de forma muito relevante, mas escolhemos analisar o Momento 3: Matemática: Forma, Cores, Espaço, Tempo, Quantidade, Relações e Transformações por ser o único planejamento que utilizou a matemática no ensino da educação sexual.

Quadro 14 Fragmento do plano de ODI; Entendendo Meu Corpo, Meus Afetos e as Minhas Relações

Plano: Entendendo Meu Corpo, Meus Afetos e as Minhas Relações
Momento 3: Matemática: forma, cores, Espaço, tempo, Quantidade, Relações e Transformações
<p>Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): 1. Construir uma amarelinha com recortes de papelão, em formas diversas e pintar em cores diferentes (conforme cores da imagem abaixo imagem abaixo) e no chão fazer a colagem para montagem da amarelinha e numerar de 1 a 10. Proporcionar o estímulo através da coordenação motora aos alunos a desenhar no chão uma amarelinha, pedir para a criança fazer uma sequência numérica do 1 até o 10 e fazer os números nas figuras geométricas. Depois de pronta é só brincar, com o vídeo Pular amarelinha animaguel. (https://www.youtube.com/watch?v=EMuBAOqc3ZU).</p> <p>2. Através do reconhecimento das cores e formas de triângulo, quadrado, círculo e retângulo (conforme desenho abaixo), realizar a pintura do boneco, identificando as partes do corpo humano. Neste momento os professores junto as crianças devem reconhecer que cada parte do corpo humano tem formatos diversos e que se assemelham às formas geométricas previamente</p>

trabalhadas. Importante que neste momento, também seja um momento de auto exploração, onde as próprias crianças identifiquem no seu corpo as diferentes formas apresentadas bem como os movimentos que nosso corpo consegue realizar.

Fonte: Autora (2024)

Esse momento é particularmente interessante porque integra conceitos matemáticos com o conhecimento do corpo humano, promovendo uma aprendizagem interdisciplinar. Para Fazenda (2008), a interdisciplinaridade consiste em “toda interação existente entre duas ou mais disciplinas no âmbito do conhecimento, dos métodos e da aprendizagem das mesmas”. Ou seja, é um conceito que envolve interações significativas entre duas ou mais disciplinas dentro do contexto do conhecimento, dos métodos e do processo de aprendizagem.

Além disso, A construção de uma amarelinha com recortes de papelão e a identificação das partes do corpo humano através de formas geométricas não só estimulam a coordenação motora e o reconhecimento de cores e formas, mas também ajudam as crianças a compreenderem a diversidade dos corpos e a importância do autoconhecimento. Essa abordagem inovadora demonstra como a matemática pode ser uma ferramenta poderosa para ensinar conceitos de educação sexual de maneira lúdica e eficaz.

A categoria Relacionamentos Saudáveis apresenta o plano de ODI intitulado como: Descobrindo-se: Uma jornada para educar sobre a sexualidade (Quadro - 14). Nele, será analisado como o plano promove a construção de relacionamentos saudáveis, o respeito mútuo, a empatia e a comunicação assertiva. Vamos verificar as atividades propostas e as metodologias utilizadas para desenvolver essas competências nos alunos.

O referido plano possui 3 momentos, no entanto, escolhemos analisar o Momento 3: Relações Sociais e Respeito Mútuo, pois ele aborda diretamente as questões sociais, como a discussão sobre estereótipos de gênero e a criação de uma colagem coletiva representando a diversidade de identidades de gênero e orientação sexuais.

Quadro 15 Fragmento do Plano de ODI: Descobrindo-se: Uma jornada para educar sobre a sexualidade

Plano: Descobrindo-se: Uma jornada para educar sobre a sexualidade
Momento 3: Relações Sociais e Respeito Mútuo
Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): Dinâmica de grupo para refletir sobre a importância do respeito mútuo nas relações, discussão sobre estereótipos de gênero, criação de uma colagem coletiva representando a diversidade de identidades de gênero e orientação sexuais.

Fonte: Autora (2024)

Este momento é crucial porque foca na importância do respeito mútuo, da empatia e da comunicação assertiva nas interações sociais. A dinâmica de grupo para refletir sobre esses temas, juntamente com a discussão sobre estereótipos de gênero e a criação de uma colagem coletiva representando a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, promove uma compreensão profunda e inclusiva desses conceitos. Conforme Silveira (2020), uma ODI deve colocar os estudantes em uma posição ativa na construção do conhecimento e, para isso, é necessário afastar-se de modelos tradicionais de ensino, proporcionando a reflexão através da prática. Dessa forma, as atividades propostas neste momento estimulam os alunos a pensar criticamente e a interagir de maneira significativa com os temas abordados.

Por fim, ainda analisaremos o plano Sexualidade: Conhecendo Seu Corpo e Relações Afetivas (Quadro - 15), o qual foi categorizado como: respeito à diversidade. Nele, vamos analisar como o plano aborda o respeito à diversidade, promovendo uma cultura de inclusão e valorização das diferenças. Isso inclui a análise de atividades que incentivem o respeito pelos diferentes modos de vida, crenças e identidades, as estratégias pedagógicas e os materiais utilizados.

O referido plano possui 3 momentos, no entanto, escolhemos analisar o Momento 1: Diferenças do Corpo, pois ele aborda diretamente a questão do respeito à diversidade, promovendo a inclusão e a valorização das diferenças entre os alunos.

Quadro 16 Fragmento do plano de ODI: Conhecendo Seu Corpo e Relações Afetivas

Plano: Conhecendo Seu Corpo e Relações Afetivas
Momento 1: Diferenças do Corpo
<p>Detalhes da(s) atividade(s) prática(s): • Apresentação do tema através do vídeo e música "semáforo do toque". Nessa aula, além da introdução do assunto, os alunos aprenderiam de forma lúdica a importância dos limites que qualquer pessoa tem no toque do seu corpo. • Repetição do vídeo e da música enfatizando a importância de eles terem esse apropriação do que pode e não pode ser feito em seus corpos. Nessa aula, as crianças conheceriam os personagens que farão parte da apresentação de fantoches da próxima aula, para uma "familiarização". E seria conversado com eles que os personagens estariam presentes na próxima aula para contar uma história. • A apresentação da história lúdica por meio dos fantoches. As crianças a princípio seriam estimuladas a se envolver com os personagens já conhecido na aula anterior, em seguida ocorreria a apresentação da história por meio dos fantoches. A história trataria sobre as diferenças entre o corpo da menina e do menino e o cuidado em quem pode tocar no nosso corpo, o que é permitido e o que não. Ao final da aula, mais uma vez o vídeo com a música visto em aulas anteriores para um momento de encerramento.</p>

Fonte: Autora (2024)

Este momento é primordial porque incentiva os alunos a refletirem sobre os diferentes modos de vida, crenças e identidades, promovendo uma cultura de respeito e valorização das diferenças. A discussão em grupo e a utilização de histórias e depoimentos que representam a diversidade ajudam os alunos a compreender e respeitar as experiências dos outros. Assim como Furlani (2017) enfatiza em sua abordagem emancipatória, a educação sexual incentiva os indivíduos a questionarem e desafiarem as estruturas de poder e dominação presentes na sociedade. Dessa forma, a educação não se limita apenas à transmissão de conhecimento, mas também fomenta a resistência e a transformação social, capacitando os alunos a serem agentes de mudança em suas comunidades.

Em conclusão, as análises dos diferentes planos de ODI revelaram uma abordagem abrangente e diversificada para a educação sexual, promovendo o autoconhecimento, o respeito à diversidade e a construção de relacionamentos saudáveis. Alguns planos demonstraram metodologias inovadoras e interativas que não apenas transmitem conhecimento, mas também incentivam a reflexão crítica e a transformação social. A integração de diferentes disciplinas e a abordagem inclusiva destacam-se como elementos fundamentais para o planejamento de algumas dessas oficinas didáticas, capacitando os alunos a serem agentes de mudança em suas comunidades e contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e respeitosa.

4.3 ANÁLISE DA AUTOAVALIAÇÃO DOS DISCENTES

A autoavaliação dos discentes de pedagogia que participaram do estudo sobre a elaboração de Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODI) sobre a sexualidade foi um passo importante para entender as potencialidades e obstáculos enfrentados durante o processo. Esta avaliação ofereceu uma visão mais detalhada das experiências dos licenciandos, permitindo identificar os aspectos que contribuíram para o desenvolvimento de habilidades e valores essenciais, assim como os desafios encontrados ao abordar um tema tão relevante e controverso. Ao investigar a formação inicial do pedagogo a partir dos princípios do trabalho com temas controversos em um contexto colaborativo e interdisciplinar de trabalho., esta autoavaliação nos proporciona insights valiosos sobre a eficácia das metodologias

aplicadas e sobre como preparar futuros educadores para lidar com a educação sexual de maneira inclusiva e crítica.

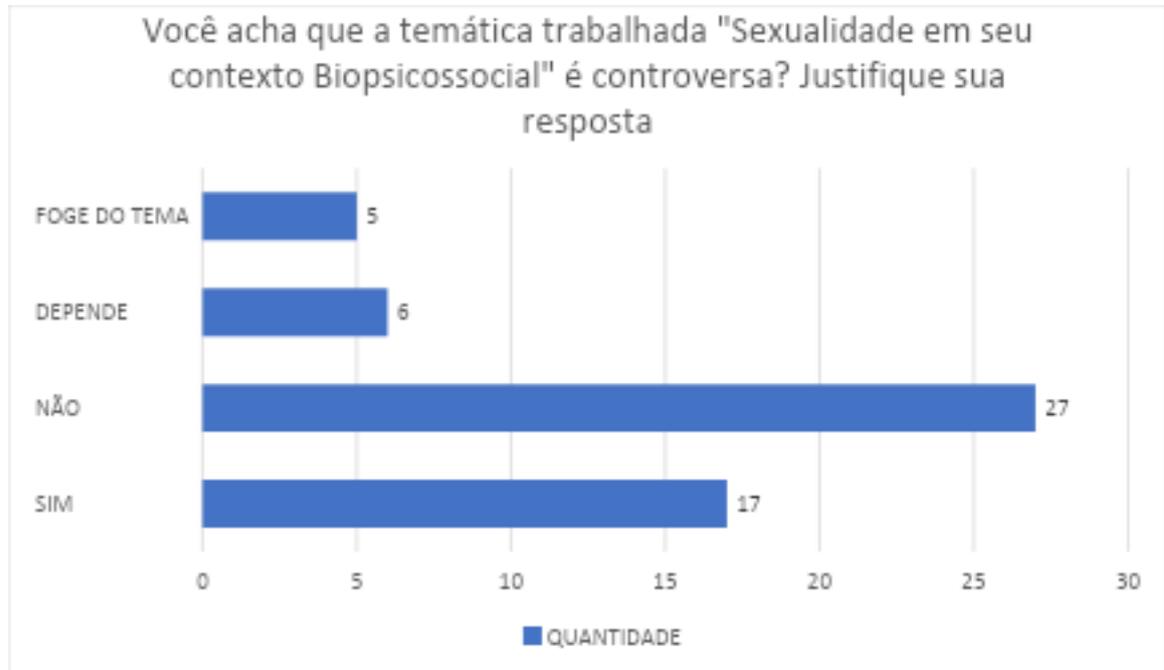
Vamos nos concentrar na análise das respostas do questionário de autoavaliação dos discentes de pedagogia que participaram do estudo. O questionário consistiu de 6 perguntas relevantes para nossa análise. Essas questões foram cuidadosamente selecionadas para cobrir aspectos cruciais da experiência dos discentes ao lidar com a tarefa de desenvolver Oficinas Didáticas Interdisciplinares sobre a Sexualidade, focando nas potencialidades e obstáculos encontrados durante o processo.

As perguntas selecionadas abordam desde a percepção sobre a temática "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" e a experiência de trabalhar com essa temática, até o impacto do trabalho colaborativo na elaboração das ODIs. Também exploram as dificuldades enfrentadas pelos discentes, e o desenvolvimento de atitudes, valores e habilidades essenciais para a prática docente.

Ao analisar as respostas para essas perguntas, buscamos identificar padrões, desafios comuns e os aspectos mais enriquecedores e contraditórios dessa experiência. Essa análise nos permitirá entender melhor como os discentes lidaram com o trabalho envolvendo a educação sexual, quais habilidades e valores foram mobilizados para trabalhá-la e como a colaboração influenciou o processo. Além disso, investigaremos como a formação inicial do pedagogo pode ser aprimorada para enfrentar os desafios da educação sexual em um contexto escolar, sempre buscando uma abordagem inclusiva e crítica.

Ao todo, foram 64 discentes que responderam ao questionário. Na primeira questão selecionada, que perguntava se a temática "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" é controversa, observamos que 27 discentes consideram que a temática não é controversa, acreditando ser um assunto necessário e fundamental para ser abordado nas escolas. Por outro lado, 17 discentes acreditam que a temática é, de fato, controversa, atribuindo essa percepção a tabus culturais, resistências sociais e influências religiosas que dificultam a discussão do tema. Além disso, 6 discentes não responderam de forma direta à pergunta ou condicionaram a controvérsia ao contexto e à maneira como o tema é abordado, evidenciando incertezas ou dependências do ponto de vista. Por fim, 5 discentes fugiram do tema, mencionando aspectos importantes da educação sexual, mas sem responder diretamente à questão (Figura:9).

Figura 9: Resposta à pergunta: Você acha que a temática trabalhada "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" é controversa?



Fonte: Autora (2024)

A figura acima mostra que a maioria dos discentes (27) acredita que a temática "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" não é controversa. Entre as respostas mais relevantes para justificar essa visão, destacam-se aquelas que consideram a temática essencial e necessária no ambiente escolar, pois a sexualidade é uma parte natural da vida humana e deve ser abordada para quebrar tabus e promover o autoconhecimento. Exemplos dessas justificativas incluem: "Não. Acho que não é nada controverso e que é necessário falar sobre isso, afinal sexualidade se refere ao biológico e está presente na sociedade" e "Não. É um assunto muito importante e que deve ser cada vez mais trabalhado em sala de aula."

Ademais, embora 27 discentes tenham indicado que a temática "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" não é controversa, é importante problematizar essa visão à luz das evidências que apontam para a complexidade do tema. A percepção de que a sexualidade não é controversa pode refletir uma visão progressista e a necessidade de abordar o tema de maneira educativa e natural. No entanto, essa perspectiva pode não considerar adequadamente as profundas barreiras culturais e sociais que ainda existem.

Gabarino (2021) ressalta que a controvérsia em torno da educação sexual é alimentada por diferenças culturais, religiosas e ideológicas, que muitas vezes resultam em resistência à introdução do tema nas escolas. Em muitos contextos, a educação sexual é vista como um desafio às normas estabelecidas, o que pode gerar desconforto e oposição. Portanto, mesmo que alguns discentes não percebam a temática como controversa, é essencial reconhecer que essa visão pode não ser universalmente compartilhada e que as resistências ainda precisam ser abordadas para efetivamente integrar a educação sexual nos currículos escolares de maneira inclusiva e sensível às diversas realidades culturais.

O elevado número de discentes que não consideram a sexualidade um tema controverso (27 respostas) pode refletir uma tendência crescente de desmistificação e aceitação de questões antes consideradas tabu ou anormalidades relacionadas à sexualidade nas gerações mais jovens. Essa visão pode estar alinhada com uma percepção mais progressista, na qual a educação sexual é vista como algo essencial e natural dentro do contexto escolar. No entanto, é importante questionar se esse número significativo reflete uma real conscientização ou uma visão idealizada, que não leva em conta a resistência que o tema ainda enfrenta em diversos contextos sociais e culturais. Essa perspectiva pode ser limitada, especialmente em ambientes mais conservadores, como a escola, onde a sexualidade continua sendo um tema “intocável” ou de responsabilidade das famílias, e que suscita debates intensos. Portanto, enquanto para alguns a sexualidade já não é um tema polêmico, é fundamental entender que, em muitos outros contextos, as barreiras culturais, religiosas e sociais continuam a alimentar a problematização em torno do tema.

As 6 respostas que indicaram que a controvérsia depende do contexto ou da abordagem sugerem uma conscientização mais real sobre a complexidade do tema. Esses discentes reconhecem que, apesar de a sexualidade ser um assunto fundamental e relevante, a maneira como ele é abordado nas escolas pode influenciar as condições de trabalho com o tema. A necessidade de uma abordagem cuidadosa, respeitosa e adaptada ao perfil dos alunos pode ser um indicativo de que os discentes estão cientes dos possíveis desafios em lidar com um tema sensível e multifacetado como esse (Figueiró, 2010; Furlani, 2017).

Por outro lado, as 5 respostas que se desvirtuaram do tema e não abordaram diretamente a controvérsia podem indicar falta de clareza, não entendimento da questão ou desconforto em lidar com a sexualidade dentro do contexto educacional.

Essas respostas de maneira sistemática suscitam a complexidade ou a falta de preparação para debater o tema de apropriadamente. Esse número pode revelar uma lacuna na formação dos educadores e no desenvolvimento de espaços de diálogo seguros, onde os estudantes se sintam confortáveis para explorar questões sobre sexualidade. A falta de respostas diretas pode também refletir o temor de se aprofundar em um tema que, ainda hoje, gera receios tanto por parte dos estudantes quanto dos profissionais da educação.

Por outro lado, 17 discentes consideram a temática controversa. As justificativas para essa posição incluem a persistência de tabus culturais, resistências sociais e influências religiosas que dificultam a discussão do tema nas escolas. Um exemplo de justificativa é: "Sim, pois é um tema ainda não muito falado nas escolas, onde nós professores temos que saber como falar na sala para os alunos não interpretarem errado e causar confusão." Essas justificativas revelam as barreiras culturais e sociais que ainda persistem na sociedade e que dificultam a discussão sobre a temática "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" nas escolas. Essa percepção é fundamental para entendermos as diversas perspectivas dos discentes e como essas barreiras influenciam suas opiniões sobre a controvérsia do tema.

Ao analisar as justificativas que mencionam tabus (Quadro - 17), observamos que os discentes reconhecem a existência de barreiras culturais e sociais significativas que dificultam a discussão sobre sexualidade nas escolas. Por exemplo, uma das justificativas afirma: "Sim, é uma temática desafiadora, visto o tabu que ainda temos em nossa sociedade." Essa percepção é corroborada por Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), que identificaram a sexualidade no contexto brasileiro como um tema permeado por princípios morais e preconceitos, resultando em repressão das dúvidas e expectativas de crianças e adolescentes.

Quadro 17: Justificativas que mencionam tabus

JUSTIFICATIVAS QUE MENCIONAM TABUS
Sim, é uma temática desafiadora, visto o tabu que ainda temos em nossa sociedade.
Sim, pois ainda é um tema que tem muitos tabus e nem todas as escolas se abrem para trabalhar esse tema.
Sim, pois lida com diversos assuntos sobre os quais há controvérsias, como por exemplo, a ideologia de gênero.
Sim, é uma temática que tem seus propósitos comumente distorcidos, tendo em vista que fala sobre constrangimentos sociais.
Pode ser controversa em alguns pelo fato de existirem várias diferenças culturais e valores. Pode ser defendida por alguns que acreditam ser uma abordagem mais holística e científica, enquanto outros podem considerar isso controverso por desafiar abordagens tradicionais ou religiosas.

Fonte: Autora (2024)

Outra justificativa destaca: "Sim, pois ainda é um tema que tem muitos tabus e nem todas as escolas se abrem para trabalhar esse tema," refletindo a resistência cultural e institucional em abordar a educação sexual, conforme discutido por Gabarino (2021), que aponta as diferenças culturais, religiosas e ideológicas como fontes de controvérsia e resistência à introdução do tema nas escolas. Essas resistências são ampliadas durante a adolescência, fase em que os jovens experimentam sentimentos conflitantes e inseguranças, como afirmam Nery et al. (2015). Portanto, reconhecer a presença desses tabus e resistências é essencial para desenvolver estratégias pedagógicas eficazes que promovam um ambiente educativo inclusivo e aberto ao diálogo sobre sexualidade, permitindo que os estudantes desenvolvam comportamentos e valores positivos livres de medos e preconceitos.

Ao analisar as justificativas que mencionam resistências culturais (Quadro 18), observamos que os discentes reconhecem a complexidade do tema "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" e os desafios associados às diferenças culturais e valores. Uma justificativa aponta que o tema é "bem complexo e delicado com opiniões diferentes, além da diversidade de valores e crenças na sociedade." Esse entendimento é corroborado por Gabarino (2021), que destaca que a controvérsia pode ser atribuída a diferenças culturais, religiosas e ideológicas.

Quadro 18 Justificativas que mencionam resistências culturais

JUSTIFICATIVAS QUE MENCIONAM RESISTÊNCIAS CULTURAIS
Sim, pois é um tema bem complexo e delicado com opiniões diferentes, além da diversidade de valores e crenças na sociedade.
Pode ser controversa em alguns contextos, dependendo das crenças, valores e perspectivas individuais e culturais. Existem diferentes opiniões e visões sobre a sexualidade, e essas diferenças podem levar a debates e controvérsias.
Pode ser controversa em alguns pelo fato de existirem várias diferenças culturais e valores. Pode ser defendida por alguns que acreditam ser uma abordagem mais holística e científica, enquanto outros podem considerar isso controverso por desafiar abordagens tradicionais ou religiosas.

Fonte: Autora (2024)

As resistências culturais mencionadas pelos discentes indicam que ainda há uma lacuna na abordagem desses temas nas escolas. Reconhecer a controvérsia em torno do tema da sexualidade nas escolas é fundamental para uma abordagem pedagógica crítica e conectada com a realidade. A discussão sobre sexualidade envolve não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também a desconstrução de valores e estigmas que estão profundamente enraizados nas diferentes culturas e contextos sociais. Assim, é necessário que o professor tenha uma formação sólida

que o prepare para lidar com essas divergências, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para todos os estudantes. Como Bezerra (2018) salienta, o enfrentamento de temas polêmicos na educação contribui para a ampliação da visão de mundo dos estudantes, incentivando a construção de argumentos e o respeito pelas diversas opiniões.

Além disso, essa resistência ao tema, como apontado pelos discentes, também revela a persistência de normas sociais conservadoras que ainda influenciam a maneira como a sexualidade é abordada no ambiente escolar. Do ponto de vista dialético, é perfeitamente plausível que haja divergências ao lidar com temáticas controversas, e que para cada dinâmica que avança e se constrói, é salutar a resistência de alguns indivíduos ao movimento. Entretanto, o docente precisa ser capaz de articular diferentes perspectivas de trabalho para explorar o tema de forma sensível, respeitando a diversidade de pensamentos e vivências dos alunos, sem esquecer, obviamente, de tratar a temática também a partir do ponto de vista da ciência e da cultura.

Nesse sentido, Sheid (2018) e Busato (2001) destacam que a escola desempenha um papel essencial na formação crítica dos indivíduos, proporcionando o espaço para que esses temas sejam discutidos sem censura. Portanto, é imprescindível que a formação dos professores inclua qualificação para a gestão de controvérsias e para a criação de uma atmosfera educacional que favoreça o diálogo e a reflexão contínua sobre questões delicadas e relevantes para o desenvolvimento humano.

Além disso, 6 discentes não responderam de forma direta à pergunta ou condicionaram a controvérsia ao contexto e à maneira como o tema é abordado. Essas respostas evidenciam incertezas ou dependências do ponto de vista, como no caso de: "Pode ser considerada controversa em alguns contextos, dependendo das crenças, valores e perspectivas individuais e culturais". Quando o sujeito dá esse tipo de resposta, ele realiza alguns ocultamentos importantes. Primeiramente, evita dar uma resposta direta, possivelmente por receio de julgamento ou para não se comprometer com uma posição específica, além de indicar uma certa insegurança sobre a própria opinião ou a intenção de não polarizar a discussão. Além disso, ao condicionar a controvérsia ao contexto, o sujeito relativiza o tema, evitando uma posição clara e deixando a questão em aberto, mostrando uma consciência da complexidade envolvida.

Da mesma forma, essas falas também revelam que o sujeito reconhece a multiplicidade de fatores que influenciam a controvérsia, como as crenças, valores e perspectivas individuais e culturais. Isso reflete uma compreensão de que a controvérsia não é absoluta e pode variar conforme o contexto. Conforme discutido por Gadamer (2012), toda interpretação é condicionada pelo horizonte histórico e cultural do intérprete. Gadamer argumenta que a interpretação nunca é neutra e sempre reflete os pressupostos e experiências do intérprete. Da mesma forma, Morin (2008) destaca a necessidade de uma abordagem complexa que leve em conta as múltiplas dimensões e interações dos fenômenos, pois a realidade é composta de interconexões e não pode ser entendida isoladamente.

Figueiró (2014) e Nunes (2000) também ressaltam que a sexualidade é um fenômeno amplo e complexo, envolvendo questões orgânicas, psicológicas, sociais e culturais. Figueiró defende que a educação sexual deve abordar essas questões de maneira a considerar as diversas perspectivas, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico. Portanto, reconhecer a dependência do contexto é essencial para uma abordagem educacional que valorize a diversidade de perspectivas e a complexidade das questões humanas.

Por fim, 5 discentes fugiram do tema, mencionando aspectos importantes da educação sexual, mas sem responder diretamente à questão sobre a controvérsia. Esse comportamento pode indicar uma dificuldade em lidar com temas polêmicos ou uma falta de clareza sobre como articular suas opiniões em torno de questões controversas. Conforme observado por Saucedo e Pietrocola (2019), muitos professores e alunos ainda enfrentam dificuldades em abordar temas sensíveis devido à falta de formação adequada e à ausência de um espaço para discussões reflexivas sobre esses assuntos.

Além disso, Gregório (2020) enfatiza que a abordagem de temas controversos na sala de aula ainda não é uma prática comum, muitas vezes devido à ausência de conhecimentos científicos, culturais e didáticos necessários para gerenciar essas discussões de forma eficaz. Essa lacuna na formação inicial e continuada dos professores pode contribuir para a evasão das respostas diretas por parte dos discentes, que podem se sentir despreparados para enfrentar a controvérsia de forma segura e informada. Portanto, para que os discentes se sintam mais confortáveis em abordar questões controversas, é crucial que o currículo educacional inclua a

formação específica dos professores para lidar com esses temas, promovendo um ambiente de aprendizado onde a diversidade de opiniões seja respeitada e valorizada.

Ao analisar a pergunta "Como foi trabalhar essa temática?", identificamos 52 respostas que destacaram aspectos positivos da experiência (Figura:10). Os discentes frequentemente mencionaram termos como "muito bom", "enriquecedor", "significativo" e "desafiador" de maneira positiva, refletindo uma abordagem construtiva e proveitosa ao lidar com a temática "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial".

Figura 10: Experiências dos discentes ao trabalhar com a temática Sexualidade em seu Contexto Biopsicossocial



Fonte: Autora (2024)

Vale ressaltar que, embora a palavra "desafiador" possa ter uma conotação de dificuldade, muitos discentes utilizaram esse termo para descrever uma experiência que, apesar de exigente, foi altamente enriquecedora e proporcionou um crescimento significativo. Termos como "desafiador e instigante" e "desafiador, mas enriquecedor" indicam que os discentes enfrentaram obstáculos, mas também se beneficiaram do processo, adquirindo novas habilidades e conhecimentos. Enfrentar desafios pode ser uma oportunidade para desenvolvimento pessoal e profissional, e muitos discentes reconheceram o valor de superar essas dificuldades ao abordar um tema sensível e

complexo como a sexualidade. Conforme argumenta Freire (1996), a "consciência da inconclusão" gera a educabilidade, enfatizando que o processo formativo é contínuo e jamais finalizado. Assim, ao enfrentar e superar desafios, os estudantes não apenas adquirem conhecimento, mas também desenvolvem uma consciência crítica que é fundamental para seu crescimento integral. Abordar temas como a sexualidade oferece uma oportunidade valiosa para que os discentes ampliem suas perspectivas e se tornem cidadãos mais conscientes e reflexivos.

Por outro lado, apenas 12 respostas apontaram dificuldades ou experiências mais negativas, com referências a desafios relacionados à complexidade do tema e à falta de familiaridade com a temática, como: "Muito desafiador, pois embora importante, a temática demanda sabedoria e metodologias certas para tratar do assunto". Essa resposta destaca a necessidade de preparação adequada e recursos pedagógicos para lidar com temas sensíveis. Sendo assim, nota-se que a maioria dos discentes teve uma experiência positiva e enriquecedora ao trabalhar com a temática, indicando que, apesar dos desafios, o tema foi bem recebido e contribuiu significativamente para o aprendizado e desenvolvimento profissional dos discentes.

Sobre a análise das respostas à pergunta: "O trabalho colaborativo te ajudou de alguma forma na elaboração da ODI? Justifique", podemos identificar vários temas recorrentes, como a troca de ideias, o apoio mútuo e o desenvolvimento de habilidades colaborativas. 62 discentes destacaram aspectos positivos do trabalho colaborativo. Os discentes frequentemente mencionaram que o trabalho em equipe permitiu a troca de diferentes perspectivas e ideias, o que enriqueceu o processo de elaboração.

Comentários como "Sim. Várias cabeças pensam melhor que uma" e "Sim! Muito, pois todos acrescentaram uma nova forma de olhar" refletem a importância de reunir diversas visões para enriquecer o trabalho, ressaltando dessa forma o que Silveira (2020) destaca sobre a dialogicidade nas ODI's, que desempenha um papel crucial, especialmente ao romper com a cultura do silêncio, pois promove o diálogo, a troca de ideias e a construção coletiva de conhecimento entre os participantes das ODI's. Essa abordagem colaborativa e integrativa contribui para um ambiente educacional mais dinâmico e enriquecedor.

Essa colaboração também evidencia o que Freire (2002) resalta sobre a importância da disponibilidade para o diálogo no processo de ensino e aprendizagem. Através do diálogo, os discentes não apenas compartilham conhecimentos, mas

também desenvolvem uma compreensão mútua e se apoiam na resolução de problemas. A dialogicidade é um elemento central na construção de um ambiente educacional mais dinâmico e inclusivo, onde o aprendizado ocorre de forma participativa e colaborativa.

É importante ressaltar que atividades colaborativas como a construção de uma ODI ainda rompe a cultura de trabalho solitária do professor, colocando-o(s) para articular ideias, metodologias, resultados e vivências uns com os outros, de forma a romper com esse isolamento e criar uma cultura de diálogo e construção coletiva com co-docência na escola, desde o período de formação inicial do pedagogo (Barbosa, 2023).

Por outro lado, apenas 2 respostas mencionaram desafios ou experiências menos positivas. Essas respostas destacaram dificuldades em coordenar um grande grupo e divergências de opiniões. Comentários como "Sim, apesar que acho que foram muitas pessoas em único grupo o que dificultou em momentos" e "Fico entre sim e não, já que por ser um assunto 'controverso' acabou que existiu algumas divergências" indicam que, apesar dos benefícios gerais do trabalho colaborativo, houve desafios específicos que precisaram ser superados.

Em resumo, a análise revela que a vasta maioria dos discentes valorizou a experiência colaborativa, destacando a troca de ideias, o apoio mútuo e o desenvolvimento de habilidades essenciais como elementos positivos e enriquecedores do processo. Apesar de alguns desafios mencionados, como a dificuldade de coordenar grandes grupos e lidar com divergências de opiniões, a colaboração mostrou-se eficaz em proporcionar um ambiente de aprendizado dinâmico e inclusivo. A importância da dialogicidade e do trabalho em equipe, conforme enfatizado por diversos estudiosos, evidenciou-se como um fator crucial para a construção coletiva do conhecimento e para a promoção de um ambiente educacional mais rico e diversificado. Dessa forma, o trabalho colaborativo não só foi bem recebido, mas também contribuiu significativamente para o desenvolvimento profissional e pessoal dos discentes, demonstrando o valor de abordagens pedagógicas integrativas e dialogadas.

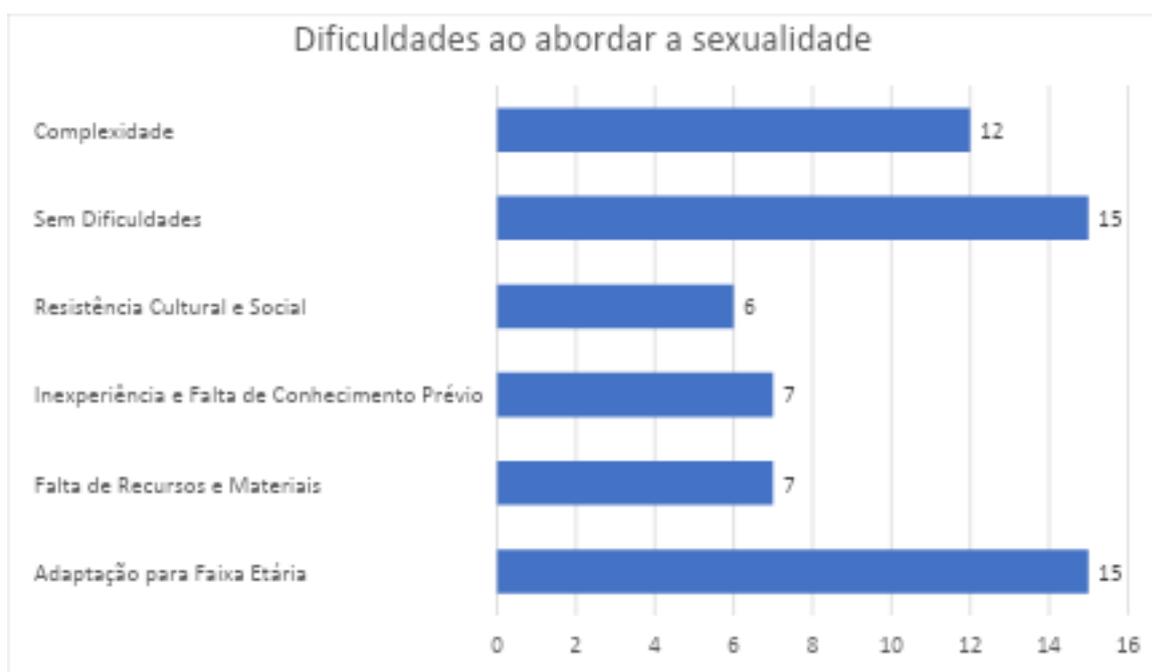
No contexto da formação de professores, Barbosa (2023) resalta a importância do trabalho colaborativo como uma prática essencial. A autora afirma que a formação colaborativa favorece a construção de uma comunidade de prática entre os educadores. Essa abordagem fortalece os laços entre os profissionais, promove a

coesão do grupo e fomenta um sentido de pertencimento e responsabilidade compartilhada, ela também enfatiza que o trabalho colaborativo ajuda a enfrentar os desafios do cotidiano escolar de forma mais eficaz, pois os professores podem contar com o apoio de seus pares para encontrar soluções inovadoras e adaptativas.

Assim, o trabalho colaborativo na formação de professores não só enriquece a prática pedagógica individual, mas também contribui para a criação de uma cultura escolar mais coesa e solidária. Como apontado pela autora, a colaboração entre os docentes é fundamental para o desenvolvimento profissional contínuo e para a implementação de práticas educacionais mais inclusivas e eficazes. Ao encerrar essa discussão, fica evidente que o trabalho colaborativo é uma ferramenta poderosa que potencializa a formação dos professores, promovendo um ambiente de aprendizagem coletiva e de crescimento mútuo.

Ao analisar as respostas da pergunta: “Qual dificuldade você apresentou para abordar a temática na ODI?”, podemos identificar várias dificuldades recorrentes as quais foram agrupadas nas seguintes categorias: Complexidade do Tema; Adaptação para Faixa Etária; Falta de Recursos e Materiais; Inexperiência e Falta de Conhecimento Prévio; Resistência Cultural e Social; Sem Dificuldades (Figura:11).

Figura 11: Dificuldades ao abordar a sexualidade



Fonte: Autora (2024)

Muitos discentes mencionaram a complexidade do tema como uma das principais dificuldades. Comentários como "Achei complexa", "A dificuldade mesmo é quebrar tabus, o tema é bem complexo" e "O tema mesmo, ele precisa ser trabalhado, porém, temos que ver como abordá-lo" indicam que os discentes encontraram desafios ao lidar com a profundidade e a sensibilidade da temática. A complexidade de trabalhar com temas interdisciplinares, especialmente aqueles que envolvem temáticas sociais e culturais, pode ser explicada por vários fatores. Primeiramente, temas interdisciplinares exigem uma integração de conhecimentos de diferentes áreas, o que pode ser desafiador tanto para os alunos quanto para os professores. Conforme discutido por Barbosa (2023), o trabalho colaborativo entre professores de diferentes disciplinas é essencial para enfrentar essas dificuldades e proporcionar uma educação mais holística.

Outro fator é a sensibilidade de temas como a sexualidade, que envolve aspectos culturais, sociais, biológicos e psicológicos. Esses temas muitas vezes são considerados tabus e podem gerar desconforto tanto nos educadores quanto nos alunos. Outro ponto a ser considerado é a racionalidade científica para tratar temas que nem sempre devem ser exclusivamente científicos, para professores de algumas áreas é muito mais difícil abordar temáticas mais subjetivas, cheias de variáveis interdependentes e tecidas de forma sociocoletivas.

Como aponta Freire (1996), a educação deve ser um processo de contínua reflexão e crescimento, e enfrentar esses desafios é parte integrante desse processo. A resistência em abordar temas sensíveis pode refletir a falta de preparação e a necessidade de uma formação contínua e colaborativa entre os educadores.

Além disso, a dificuldade de trabalhar com temas interdisciplinares está relacionada à necessidade de se adaptar a diferentes contextos e perspectivas. Como destaca Morin (2008), a realidade é composta de interconexões e não pode ser entendida de maneira fragmentada. Isso requer uma abordagem educacional que vá além dos limites tradicionais das disciplinas e que seja capaz de integrar múltiplas perspectivas de maneira coerente. Portanto, reconhecer as dificuldades de trabalhar com temas interdisciplinares e sensíveis é crucial para desenvolver estratégias pedagógicas eficazes que abordem essas questões de maneira integrada e reflexiva. Esse reconhecimento também enfatiza a importância da formação contínua e colaborativa dos educadores, para que possam enfrentar esses desafios e proporcionar uma educação mais rica e significativa para seus alunos.

A adequação do tema para diferentes faixas etárias foi outra dificuldade comum. Respostas como "Respeitar a faixa etária", "A dificuldade foi em relação de como trabalhar esse tema com a educação Infantil" e "Encontrar a linguagem adequada para tratar do tema para crianças" mostram que adaptar o conteúdo de forma apropriada para diferentes idades foi um desafio significativo para os discentes. Isso se torna desafiador porque respeitar a faixa etária significa adaptar o conteúdo, a linguagem e as abordagens pedagógicas às capacidades cognitivas, emocionais e sociais dos alunos em diferentes estágios de desenvolvimento.

Essa situação nos remete a ideia de transposição didática, conceito discutido por Chevallard (1991), que se refere ao processo de transformar o conhecimento científico em conhecimento ensinável, adaptado às características dos alunos, do ponto de vista interno e externo à sala de aula. A transposição é um fenômeno natural ao processo de ensino e aprendizagem, uma vez que os professores não irão ensinar o conteúdo (científico, cultural, artístico, controverso, etc.) sem pensar e agir de forma a seus estudantes conseguirem apreender mais e melhor.

Portanto, os futuros pedagogos tocarem nesse tema é importante porque revela que há uma preocupação coletiva na garantia de que o trabalho didático com temas sensíveis e complexos, como a sexualidade, sejam abordados de maneira apropriada e compreensível para diferentes idades na infância.

Na Educação Infantil, conforme indicado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), é fundamental utilizar uma linguagem simples, histórias, jogos e atividades que promovam a compreensão e o respeito pelo próprio corpo e pelo dos outros, sempre de maneira respeitosa e apropriada. Adaptar o conteúdo para diferentes faixas etárias é essencial para garantir uma educação inclusiva e eficaz, que considere as necessidades e características dos alunos em cada estágio de desenvolvimento.

Vários discentes mencionaram a falta de recursos e materiais como uma barreira. Comentários como "O tema tem poucos materiais", "A maior dificuldade foi exercer a criatividade, pela falta de material disponível nesse tema" e "Falta de acesso a escritores que abordam esse assunto para crianças" indicam que a escassez de recursos dificultou a abordagem da temática. Essa falta de recursos se torna um obstáculo significativo, pois criar e adaptar materiais exige tempo, esforço e uma compreensão aprofundada do tema, da sua epistemologia e didática e das necessidades dos alunos.

Além disso, a falta de recursos compromete a pluralidade metodológica, que é fundamental para uma educação inclusiva e eficaz. A pluralidade metodológica refere-se à utilização de diferentes abordagens pedagógicas para atender às diversas necessidades e estilos de aprendizagem dos alunos. Quando não há uma variedade de recursos e materiais disponíveis, os educadores ficam limitados em suas opções pedagógicas, o que pode resultar em um ensino monótono e pouco eficaz (Regner, 1996).

A BNCC enfatiza a importância de utilizar múltiplas metodologias e recursos didáticos para garantir uma aprendizagem significativa e inclusiva. A ausência de recursos variados limita a capacidade dos professores de promover um ensino dinâmico e adaptado às especificidades dos alunos, prejudicando a qualidade do processo educativo e da inclusão (BRASIL, 2017). Portanto, é essencial investir na criação e adaptação de recursos didáticos que sejam apropriados para diferentes faixas etárias e contextos. Isso não apenas facilita o trabalho dos educadores, mas também enriquece a experiência de aprendizagem dos alunos, promovendo uma educação mais diversa, inclusiva e eficaz.

Alguns discentes relataram dificuldades devido à inexperiência ou falta de conhecimento prévio sobre a temática ou sobre a elaboração de ODI's. Respostas como "Eu não tinha ideia do que era ODI, foi daí que veio a dificuldade", "Nunca tinha participado tão ativamente de uma ODI, então, na montagem de assunto e ações foi um pouco complicado" e "A dificuldade foi a falta de base teórica sobre o tema" demonstram que a inexperiência foi um obstáculo para alguns discentes. Entretanto, é fundamental destacar que foram garantidas todas as condições necessárias para que os alunos compreendessem o que é uma ODI e como elaborá-la. Além das aulas, houveram sessões tutoriais, a disponibilização de textos e livros disponíveis sobre o tema, apresentação de exemplos e outros planejamentos de ODIs, bem como abertura para discutir as dúvidas com tutores e professores em espaço assíncrono. Esses recursos proporcionaram um suporte abrangente para que os discentes pudessem se familiarizar e desenvolver suas habilidades na elaboração de ODIs.

A resistência cultural e social também foi mencionada como uma dificuldade. Comentários como "Tabu de tratar a questão da sexualidade, no geral", "A sensibilidade ao tratar dessa temática pela dificuldade social/conservadorista que ainda trata essa temática como se fosse um bicho de sete cabeças" e "Só em relação à família dos alunos porque não entendem muito bem a temática e a escola acabam

amedrontada" indicam que as barreiras culturais e sociais dificultaram a abordagem do tema. Essa resistência é multifacetada e reflete uma série de fatores complexos. O tabu cultural em torno da sexualidade, presente em muitas culturas, cria uma percepção de que discutir abertamente sobre sexo e sexualidade pode ser inadequado, especialmente em ambientes educacionais. Figueiró (2014) destaca que a sexualidade é uma dimensão humana expressada de diversos modos por cada pessoa, de acordo com sua cultura e história de vida, constituindo assim um fenômeno amplo, complexo, que envolve conjuntamente questões orgânicas, psicológicas, sociais e culturais. Essa percepção é reforçada pelo conservadorismo social, que muitas vezes vê a abordagem desse tema sob uma lente conservadora, resultando em resistência por parte de pais, administradores escolares e até mesmo dos próprios alunos.

Além disso, a resistência cultural e social não afeta apenas o ambiente escolar, mas também as famílias dos alunos. Quando os pais não compreendem ou não apoiam a educação sexual, podem criar um ambiente de medo e desconfiança em relação à escola, dificultando a implementação eficaz das ODI's e desestimulando os professores a abordar o tema de maneira completa, o acometimento de contratemplos de ordem comportamental, mental, atitudinal sobre as questões sexuais. Rudduck (1986) explica que temas controversos geram opiniões divergentes associadas a diferentes valores e julgamentos, tornando essencial que a escola promova o debate aberto e informado.

Essas dificuldades ressaltam a necessidade de proporcionar mais suporte, recursos e formação para os discentes, a fim de melhor prepará-los para abordar temas sensíveis e complexos em contextos educacionais. De acordo com Silva e Santos (2011), a formação inicial de professores apresenta uma deficiência, pois o currículo do curso de licenciatura não inclui um espaço para reflexão sobre sexualidade com os/as futuros/as professores/as. Portanto, é importante que os processos formativos incluam discussões e metodologias que permitam aos futuros educadores abordar essa temática de forma adequada e segura.

Além disso, Rodrigues e Salles (2011) afirmam que a prática ou discussão sobre sexualidade ainda não ocorre de maneira natural e sistemática, sendo entendida como parte das várias dimensões do ser humano. A falta de naturalidade pode ser uma das principais causas de dificuldades dos docentes para se sentirem preparados para a abordagem da temática. Portanto, é fundamental uma formação

continuada que capacite os professores a lidar com a educação sexual de maneira integrada e contextualizada.

Com a análise das respostas à pergunta: "A produção de Oficinas Didáticas Interdisciplinares possibilitou desenvolver as seguintes atitudes e valores?", podemos observar que a maioria dos discentes reconheceu o impacto positivo das oficinas em diversas áreas. A produção de Oficinas Didáticas Interdisciplinares ajudou significativamente os discentes a desenvolverem habilidades de ação pessoal e coletiva. A maioria dos discentes, com 29 concordando muito e 35 concordando total, destacou que essas oficinas promoveram tanto a autonomia quanto a colaboração em grupo. Isso demonstra que as oficinas foram eficazes em criar um ambiente onde os discentes puderam se desenvolver individualmente e também aprender a trabalhar em equipe.

A curiosidade foi amplamente estimulada através das oficinas, com 25 discentes concordando muito e 37 concordando total. Apenas 1 discente concordou pouco e 1 não soube opinar, o que indica que a grande maioria encontrou nas oficinas um espaço para explorar e buscar mais conhecimento sobre os temas abordados. Esse resultado evidencia que as oficinas foram bem-sucedidas em despertar o interesse e a curiosidade dos discentes, incentivando-os a aprender de forma ativa e envolvente.

A prática da empatia foi outro valor fortemente reconhecido, com 21 discentes concordando muito e 39 concordando total. Embora 2 discentes tenham concordado pouco e 2 não soubessem opinar, a maioria percebeu um efeito positivo significativo nesse valor. Isso sugere que as oficinas proporcionaram oportunidades para os discentes se colocarem no lugar dos outros e desenvolverem uma compreensão mais profunda dos sentimentos e perspectivas alheias, promovendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo e respeitoso.

O exercício do diálogo e da resolução de conflitos foi amplamente reconhecido, com 26 discentes concordando muito e 36 concordando total. Apenas 1 discente concordou pouco e 1 não soube opinar, indicando que esses elementos foram bem trabalhados nas oficinas. Essas habilidades são essenciais para a construção de um ambiente de aprendizado colaborativo, onde a comunicação eficaz e a resolução de conflitos de maneira construtiva são promovidas.

A cooperação foi outro valor fortemente desenvolvido, com 24 discentes concordando muito e 38 concordando total. Apenas 1 discente concordou pouco e 1

não soube opinar, mostrando que a cooperação foi um aspecto central no processo das oficinas. As oficinas incentivaram o trabalho em equipe e a colaboração entre os discentes, promovendo um ambiente de aprendizado onde todos puderam contribuir e aprender juntos.

Em geral, a produção de Oficinas Didáticas Interdisciplinares foi bem-sucedida em desenvolver várias atitudes e valores entre os discentes. A maioria deles concordou fortemente que as oficinas ajudaram a agir pessoal e coletivamente, desenvolver a curiosidade, praticar a empatia, exercitar o diálogo e a resolução de conflitos, e exercitar a cooperação. Esses resultados mostram que as oficinas proporcionaram um ambiente de aprendizado enriquecedor, promovendo o desenvolvimento pessoal e social dos discentes.

Para Freire (1996, p. 64), "a consciência da inconclusão gera a educabilidade...". Esse princípio de Freire destaca que o reconhecimento de nossa própria inconclusão permite um aprendizado contínuo e um crescimento pessoal e profissional permanente. A efetividade das Oficinas Didáticas Interdisciplinares em promover essas atitudes e valores reflete a visão de Freire sobre a educação como um movimento constante de desenvolvimento e transformação.

Com a pergunta: "O desenvolvimento da ODI possibilitou desenvolver as seguintes habilidades", foi possível perceber que a maioria dos discentes reconheceu melhorias significativas em várias habilidades essenciais. A criatividade foi uma das habilidades mais desenvolvidas, com 18 discentes concordando muito e 41 concordando total. Isso sugere que as oficinas estimularam os discentes a pensar de forma inovadora e a criar soluções criativas para os desafios apresentados. Apenas 1 discente não concordou e 3 concordaram pouco, mostrando que a maioria sentiu um impacto positivo na sua capacidade criativa.

No aspecto da comunicação, todos os discentes concordaram que a ODI ajudou a melhorar essa habilidade, com 22 discentes concordando muito e 42 concordando total. Isso indica que as oficinas proporcionaram muitas oportunidades para os discentes aprimorarem suas capacidades de expressão e diálogo, o que é essencial para a prática pedagógica eficaz.

As habilidades de planejamento também foram amplamente reconhecidas, com 20 discentes concordando muito e 43 concordando total. Apenas 1 discente não soube opinar, mostrando que a maioria sentiu que as oficinas ajudaram a desenvolver uma abordagem organizada e estruturada para suas atividades pedagógicas.

Quanto ao foco nos estudantes, a maioria dos discentes (61 no total) concordou que as oficinas ajudaram a desenvolver essa habilidade, com 23 concordando muito e 38 concordando total. Apenas 3 discentes concordaram pouco, indicando que a maioria percebeu uma melhoria significativa na capacidade de centrar a atenção e os esforços nos estudantes.

A tolerância foi outra habilidade que demonstrou desenvolvimento, com 22 discentes concordando muito e 37 concordando total. No entanto, 3 discentes concordaram pouco, 1 não soube opinar e 1 não concordou. Isso sugere que, embora a tolerância tenha sido amplamente reconhecida como uma habilidade desenvolvida, alguns discentes sentiram que ainda há espaço para melhorias.

O pensamento crítico foi uma habilidade bem trabalhada nas oficinas, com 19 discentes concordando muito e 43 concordando total. Apenas 1 discente não soube opinar e 1 não concordou, indicando que a maioria sentiu que as oficinas os incentivaram a analisar, avaliar e refletir de forma crítica sobre os temas abordados.

Finalmente, a contextualização foi amplamente reconhecida, com 22 discentes concordando muito e 41 concordando total. Apenas 1 discente não soube opinar, mostrando que a habilidade de contextualizar os conteúdos aprendidos com situações práticas e reais foi bem promovida nas oficinas.

Em resumo, a produção de Oficinas Didáticas Interdisciplinares demonstrou ser eficaz em desenvolver várias habilidades essenciais entre os discentes, promovendo um ambiente de aprendizado enriquecedor que contribuiu significativamente para o seu desenvolvimento profissional e pessoal. De acordo com Manchini (2022), a formação inicial dos professores de pedagogia no contexto da Educação Sexual é fundamental para preparar os educadores a orientarem seus alunos e evitarem a perpetuação de preconceitos e opressões históricas. Essa perspectiva confirma a eficácia das Oficinas Didáticas Interdisciplinares em criar um espaço de aprendizado dinâmico e transformador, alinhado com a visão de uma formação contínua e crítica.

4.4 ANÁLISE DA AUTOAVALIAÇÃO DOS TUTORES E PROFESSOR

Agora vamos para a análise das respostas do questionário de autoavaliação fornecidas pelos tutores e pelo professor da disciplina que participaram do estudo. Trazer essas respostas aos resultados desta pesquisa é fundamental para as

potencialidades e desafios enfrentados durante o processo de elaboração das Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODI) sobre a sexualidade.

Esta análise oferece uma visão “do outro lado”, daqueles que fazem, acompanham e observam o processo de ensino e aprendizagem. Os dados analisados, provém das respostas ao questionário de autoavaliação dos tutores e do professor, composto por quatro perguntas, elaboradas para abordar a eficácia das oficinas, a interação com os discentes e verificar as potencialidades e os desafios enfrentados no processo.

O questionário de autoavaliação foi respondido por dois tutores e pelo professor da disciplina, proporcionando uma perspectiva abrangente sobre o processo de elaboração das Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODI) sobre a sexualidade. As perguntas abordaram aspectos essenciais da experiência dos tutores e do professor, incluindo: 1) "Você acha que a temática trabalhada 'Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial' é controversa? Justifique sua resposta", 2) "Para você, como foi a experiência de observar e avaliar os discentes em suas apresentações?", 3) "Você acredita que o trabalho colaborativo dos discentes ajudou para a elaboração da ODI? Justifique", e 4) "Quais dificuldades você conseguiu identificar nos discentes na abordagem da temática?". A análise dessas respostas nos permitirá entender melhor a eficácia das oficinas, a interação com os discentes e as potencialidades e os desafios enfrentados, proporcionando *insights* valiosos para aprimorar a formação dos futuros educadores.

As respostas fornecidas pelos tutores e pelo professor da disciplina sobre a controvérsia da temática "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" revelam diferentes percepções que influenciam a eficácia das oficinas, a interação com os discentes e os desafios enfrentados (Quadro 19).

Quadro 19 Respostas da 1ª pergunta do questionário de autoavaliação dos tutores e Professor

1- Você acha que a temática trabalhada "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" é controversa? Justifique sua resposta
Tutor 1: Não, pois a sexualidade está presente em todas as fases da vida e a abordagem biopsicossocial pode favorecer a qualidade de vida aos indivíduos!
Tutor 2: Não, acho! Na verdade, é muito pertinente.
Professor: Sim. É uma temática que traz em sua essência toda a diversidade e pluralidade da natureza humana, ao mesmo tempo em que articula diversos conteúdos, comportamentos e atitudes que vêm de diferentes disciplinas. Paralelamente, a sexualidade humana consegue envolver ao mesmo tempo, diferentes dimensões humanas, como a psicológica, a biológica e a social, provando que as pessoas vão lidar com a questão de maneiras totalmente diferentes, pois, são estimuladas externamente de jeitos diversos e interpretam subjetivamente essa temática também de maneira diversificada. Ao tratar de controvérsia, é importante dizer que temáticas assim ajudam a perceber como o conteúdo científico também é cultural, e que a ciência não está isolada de elementos humanos e sociais. A sexualidade é controversa também porque é palco de muitas disputas, ela reflete as relações de poder entre os indivíduos na sociedade e também é vivenciada com muita divergência nas diferentes culturas e lugares.

Fonte: Autora (2024)

Ao analisar o quadro de respostas acima, percebe-se que o Tutor 1 acredita que a sexualidade não é controversa, destacando que ela está presente em todas as fases da vida e que a abordagem biopsicossocial pode favorecer a qualidade de vida dos indivíduos. O Tutor 2 também não vê a temática como controversa, achando-a pertinente. Em contraste, o professor considera o tema controverso, sublinhando sua diversidade e pluralidade, além das diferentes interpretações subjetivas que refletem nas relações de poder e nas disputas culturais.

Essa divergência de opiniões sugere que, enquanto os tutores podem enfrentar menos barreiras culturais e sociais ao abordar o tema, o professor pode estar mais preparado para lidar com resistências e promover discussões profundas. A interação durante as oficinas pode ter sido influenciada pela visão dos tutores, que adotaram uma abordagem mais simplificada, facilitando a colaboração e o diálogo. Consequentemente, esses profissionais que são responsáveis por provocar discussões ao longo do processo de ensino e aprendizagem podem ter “deixado passar” potenciais reflexões e discussões por não conceberem a temática de forma

controversa. Por outro lado, a abordagem crítica e detalhada do professor pode ter incentivado reflexões mais complexas entre os discentes. Essas reflexões contraditórias na mesma equipe de ensino também podem refletir nos desafios enfrentados, onde os tutores possivelmente encontraram menos resistência inicial, enquanto o professor, ciente da controvérsia do tema, estava melhor preparado para enfrentar debates acalorados.

As teorias de Figueiró (2014) e Furlani (2007) sobre a complexidade da sexualidade, e de Bezerra (2018) e Gabarino (2021) sobre as controvérsias culturais e sociais, corroboram as observações do professor, que destaca a importância de entender a sexualidade como uma dimensão multifacetada e controversa. Além disso, a abordagem reflexiva e colaborativa promovida pelo professor está alinhada com as teorias de Freire (2002) sobre a importância do diálogo e da troca de ideias no processo educativo. Essas análises destacam a necessidade de preparar os educadores para lidar com a complexidade e a controvérsia da temática da sexualidade de maneira inclusiva e crítica. Além disso, a simplificação da temática nas respostas dos tutores pode ter limitado a profundidade das discussões e a preparação dos discentes para enfrentar resistências reais no campo educacional. A falta de reconhecimento das controvérsias associadas à sexualidade pelos tutores pode indicar a necessidade de uma maior sensibilização e formação contínua para enfrentar temas polêmicos.

Em resumo, a diferença nas percepções sobre a controvérsia da temática da sexualidade entre os tutores e o professor destaca a importância de uma preparação mais abrangente e crítica para abordar temas polêmicos. As respostas do professor, mais alinhadas com as teorias de Freire (2002), Figueiró (2014), Furlani (2007), Bezerra (2018) e Gabarino (2021), ressaltam a necessidade de enfrentar as complexidades e controvérsias da sexualidade de maneira inclusiva e crítica. Essas análises enfatizam a necessidade de preparar os educadores para lidar com a temática da sexualidade de maneira inclusiva e crítica, garantindo que estejam equipados para promover discussões profundas e significativas.

Na segunda questão (Para você, como foi a experiência de observar e avaliar os discentes em suas apresentações?), os tutores e o professor descreveram suas experiências de maneiras diversas. O Tutor 1 considerou a experiência muito satisfatória, destacando o crescente interesse dos discentes pelos temas abordados e a construção significativa de conhecimento. O Tutor 2 avaliou a experiência como

exitosa, ressaltando as trocas de informações relevantes. Por outro lado, o professor descreveu a experiência como rica e envolvente, enfatizando a diversidade de planos apresentados pelos discentes e a articulação entre ciência, cultura, história e humanidade através da temática da sexualidade (Quadro 20).

Quadro 20 Respostas da 2ª pergunta do questionário de autoavaliação dos tutores e Professor

2- Para você, como foi a experiência de observar e avaliar os discentes em suas apresentações?
Tutor 1: Muito satisfatório, pois à medida que os conteúdos iam sendo abordados os discentes iam mostrando seus interesses pelos temas e construindo muito conhecimento.
Tutor 2: Experiência exitosa, com trocas de informações relevantes.
Professor: A experiência foi bastante rica e envolvente. Conseguimos discutir muita coisa já prevista na ementa curricular deste componente formativo, e avançamos no sentido de compreender que os fundamentos das ciências naturais também se articulam com a cultura, com a história, com o humano, tudo isso a partir da temática de sexualidade. Eu identifiquei muitos planos bem diversificados, bem preparados do ponto de vista científico e cultural e que visavam proporcionar experiências educativas muito ricas para os estudantes; mas também, planos um tanto empobrecidos, que refletiam as concepções tradicionalistas e moralmente ultrapassadas que existiam nesses estudantes. No polo que estive, tivemos uma experiência interessante, na qual uma estudante se sentiu confortável e acolhida para relatar uma experiência negativa de abuso, ao passo que transformou essa vivência negativa em um plano de oficina extremamente poderoso para trabalhar o abuso sexual com as crianças. Alguns colegas lidaram com a situação com bastante desconforto, mas estivemos o tempo inteiro provocando esses estudantes a trabalharem a controvérsia do tema com o diálogo, com o conhecimento qualificado e adequado e com o bom senso. Na avaliação, pudemos investigar como a diversidade das escolhas teóricas e metodológicas estavam presentes nos planos e de alguma forma, até já esperávamos isso! A disciplina trouxe muitos debates e reflexões desses estudantes sobre sua própria condição de estudante/professor, e vislumbra como é desafiador trabalhar essa temática numa escola real, com alunos reais e famílias reais, que carregam estereótipos, preconceitos e tradições consigo.

Fonte: Autora (2024)

Essa diferença nas respostas indica que, enquanto os tutores valorizam mais a satisfação e o sucesso das trocas de informações, o professor foca na profundidade das discussões e na interdisciplinaridade dos temas. A interação durante as oficinas pode ter sido facilitada pela abordagem mais direta dos tutores, promovendo um ambiente colaborativo. Em contraste, a crítica proposta pelo professor pode ter estimulado reflexões mais complexas e profundas entre os discentes. A simplificação

da experiência pelos tutores pode ter limitado a profundidade das discussões e a preparação dos discentes para enfrentar desafios reais no contexto educacional. A falta de reconhecimento das nuances e da profundidade das discussões pelos tutores sugere a necessidade de uma formação mais abrangente e contínua para lidar com temas polêmicos.

Outro aspecto a ser observado é a preparação para lidar com situações delicadas e controversas. Os tutores, ao considerarem a experiência satisfatória e exitosa, podem não ter se preparado adequadamente para enfrentar situações mais complexas. Por outro lado, o professor, ao destacar a riqueza e a diversidade das discussões, demonstra estar mais preparado para lidar com resistências e debates acalorados. A abordagem valiosa do professor enfatiza a diversidade e a integração interdisciplinar, a complexidade, que defende a necessidade de uma visão multidimensional do conhecimento, e sobre a hermenêutica, que ressalta a importância de interpretar e entender contextos complexos (Morin, 2002; Gadamer, 2012).

Além disso, a preparação para lidar com situações delicadas e controversas também deve ser observada. Os tutores, ao considerarem a experiência satisfatória e exitosa, podem não ter se preparado adequadamente para enfrentar situações mais complexas. Por outro lado, o professor, ao destacar a riqueza e a diversidade das discussões, notando-se a diferença nas percepções sobre a experiência de observar e avaliar os discentes entre os tutores e o professor, já que o mesmo destaca a importância de uma preparação mais crítica e abrangente para lidar com temas controversos, ressalta a necessidade de enfrentar a complexidade e a controvérsia da sexualidade de maneira inclusiva e crítica. Essas análises enfatizam a importância de preparar educadores para promover discussões profundas e significativas em um ambiente educacional (Freire, 2002; Morin, 2002; Gadamer, 2012).

Na terceira questão (Você acredita que o trabalho colaborativo dos discentes ajudou na elaboração da ODI? Justifique), os tutores e o professor descreveram suas percepções de maneiras diferentes (Quadro - 21). O Tutor 1 afirmou que o trabalho colaborativo foi importante, pois foi possível perceber a evolução em cada atividade realizada. O Tutor 2 destacou que o trabalho em conjunto é sempre eficaz na criação de um desenvolvimento interno, principalmente quando as temáticas trabalhadas são relevantes. Por outro lado, o professor enfatizou a crença no trabalho colaborativo, destacando que a riqueza e diversidade das produções estariam comprometidas se

os estudantes não tivessem trabalhado em conjunto. Além disso, o professor mencionou que, nas sessões tutoriais, os estudantes trouxeram diferentes elementos para cada momento escolhido, refletindo a necessidade de pensar em conjunto e desenvolver um produto que satisfizesse a todos.

Quadro 21 Respostas da 3ª pergunta do questionário de autoavaliação dos tutores e Professor

3- Você acredita que o trabalho colaborativo dos discentes ajudou para a elaboração da ODI? Justifique
Tutor 1: Sim, pois foi possível perceber a evolução em cada atividade realizada.
Tutor 2: Sim, claro. Um trabalho em conjunto é sempre eficaz na criação de um desenvolvendo interno, cujo as temáticas trabalhadas sejam relevantes.
Professor: Como professor da disciplina, eu acredito no trabalho colaborativo! Tenho certeza que a riqueza e diversidade dessas produções estariam comprometidas se esses estudantes não tivessem trabalhado em conjunto. Nas sessões tutoriais pudemos perceber como cada um dos estudantes foi trazendo elementos diferentes para cada momento escolhido, sempre ouvíamos "eu já li isso...", "eu posso trazer isso?", "podemos fazer assim?", entre outras falas que refletiam a necessidade de pensar em conjunto e desenvolver um produto que satisfizesse todo mundo que participou.

Fonte: Autora (2024)

Essa diferença nas respostas revela que, enquanto os tutores valorizam a evolução e a eficácia do trabalho colaborativo, o professor destaca a diversidade e a riqueza das produções resultantes da colaboração. A interação durante as oficinas pode ter sido facilitada pela abordagem dos tutores, que enfatizaram o trabalho em conjunto como meio de desenvolvimento interno. Em contraste, a abordagem do professor pode ter incentivado a criatividade e a troca de ideias diversas, promovendo um ambiente mais enriquecedor.

Vale observar que os tutores, ao simplificarem a experiência colaborativa, podem ter restringido a profundidade das discussões e a preparação dos discentes para enfrentar desafios reais em contextos colaborativos. A ausência de um reconhecimento mais profundo da riqueza e da diversidade das produções indica a necessidade de uma formação contínua e mais abrangente para lidar com temas colaborativos de maneira crítica. A abordagem do professor, que valoriza a diversidade e a integração interdisciplinar, está mais alinhada com as ideias de

Barbosa (2023), sobre os princípios das ODIs, que defendem a importância da colaboração e da troca de conhecimentos para a construção do saber.

Outro ponto a ser destacado é a necessidade de se preparar para desafios mais complexos no trabalho colaborativo. Os tutores, ao considerarem a experiência satisfatória e eficaz, podem não ter desenvolvido estratégias adequadas para enfrentar situações desafiadoras. Por outro lado, o professor, ao valorizar a riqueza e a diversidade das produções, demonstra maior prontidão para lidar com resistências e discussões. Em síntese, a diferença nas percepções sobre a contribuição do trabalho colaborativo dos discentes entre os tutores e o professor destaca a importância de uma preparação mais crítica para lidar com temas colaborativos. As respostas do professor, ressaltam a necessidade de enfrentar a complexidade da colaboração de maneira aberta, inclusiva e crítica. Essas análises sublinham a importância de preparar educadores para promover colaborações profundas e significativas em um ambiente educacional (Barbosa, 2024).

Na última questão (4-Quais dificuldades você conseguiu identificar nos discentes na abordagem da temática?), os tutores e o professor descreveram suas percepções de maneiras diferentes (Quadro - 22). O Tutor 1 afirmou não ter encontrado dificuldades relacionadas à temática, o que pode indicar uma visão simplificada da complexidade envolvida na abordagem da sexualidade. Essa resposta pode refletir uma falta de sensibilidade ou de percepção das dificuldades que os discentes podem estar enfrentando, sugerindo a necessidade de uma formação mais crítica e abrangente para lidar com temas controversos.

Quadro 22 Respostas da 4ª pergunta do questionário de autoavaliação dos tutores e Professor

4 - Quais dificuldades você conseguiu identificar nos discentes na abordagem da temática?
Tutor 1: Não tive dificuldades relacionadas com a temática.
Tutor 2: Pouca Comunicação e a Falta de conhecimento da temática.
Professor: Percebi algumas dificuldades nos discentes com essa abordagem: 1. As concepções antiquadas sobre sexualidade. Isso se refletiu na "mesmice" que os estudantes trataram o tema, focando apenas em questões biológicas e/ou em abuso sexual. Por que as crianças não podem conhecer sobre gênero? Sobre práticas sexuais fora do padrão? Sobre a relação entre aspectos emocionais e o sexo? Penso que muitos temas verdadeiramente poderiam aflorar, se os

estudantes não se sentissem presos a essas concepções adequadas, afinal, a gente oferece sempre o que tem no próprio arcabouço de memórias, experiências e crenças, não é mesmo? 2. Falta de diversidade metodológica. Houve um excesso de "semáforo do toque", e no fim eu fiquei me perguntando se isso refletia a falta de material didático para o professor trabalhar a temática, ou se não houve preparação ou criatividade para lidar com um tema tão instigante e controverso.

Fonte: Autora (2024)

Por outro lado, o Tutor 2 identificou dificuldades na pouca comunicação e na falta de conhecimento da temática por parte dos discentes. Isso evidencia a importância de promover um ambiente de diálogo e de fornecer informações adequadas sobre a sexualidade. A educação deve ser um processo dialógico, no qual o conhecimento é construído coletivamente. A falta de comunicação e conhecimento pode ser superada através da criação de espaços de diálogo e do acesso a informações pertinentes e atualizadas (Freire, 2002).

O professor relatou duas principais dificuldades: concepções antiquadas sobre sexualidade e falta de diversidade metodológica. Em relação às concepções antiquadas, os estudantes trataram o tema de maneira repetitiva e focaram apenas em questões biológicas e/ou em abuso sexual. Isso pode ser resultado de concepções enraizadas e limitadas sobre a sexualidade. Figueiró (2014) e Furlani (2007) ressaltam que a sexualidade é uma dimensão complexa que envolve aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais. A educação sexual deve abordar essa complexidade para superar concepções antiquadas e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da sexualidade.

A falta de diversidade metodológica foi outro ponto destacado pelo professor, que mencionou o excesso de uma única metodologia ("semáforo do toque"), o que pode refletir a falta de material didático adequado ou a ausência de criatividade na abordagem do tema. Silveira (2020) e Barbosa (2023) destacam a importância de utilizar metodologias diversificadas e criativas nas ODIs para engajar os estudantes e promover uma aprendizagem significativa.

Para superar essas dificuldades, é essencial promover um ambiente de diálogo, abordar a complexidade da sexualidade e utilizar metodologias diversificadas nas ODIs. Freire (2002) afirma que "ensinar exige disponibilidade para o diálogo", destacando a importância fundamental da comunicação ativa entre professor e aluno. O diálogo é uma ferramenta poderosa na educação, pois vai além da simples transmissão de conhecimento. Ele envolve a troca mútua de ideias, experiências e

reflexões, criando um ambiente em que todos os participantes se sentem valorizados e ouvidos. Em resumo, a análise das dificuldades identificadas pelos tutores e pelo professor na abordagem da temática destaca a importância de promover um ambiente de diálogo, abordar a complexidade da sexualidade e utilizar metodologias diversificadas nas ODIs.

A análise das respostas dos tutores e do professor ao questionário de autoavaliação revela diferentes percepções e abordagens na elaboração das Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs) sobre a sexualidade. Enquanto os tutores adotaram uma visão mais simplificada e prática, o professor destacou a importância da profundidade, da diversidade e da complexidade na abordagem da temática. Preparar educadores para lidar com temas polêmicos de maneira inclusiva e crítica é fundamental para promover discussões profundas e significativas, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e reflexivos.

A análise das respostas dos discentes revela convergências significativas com as percepções dos tutores e do professor sobre a elaboração ODIs com a temática da sexualidade. Tanto discentes quanto tutores e professor destacaram a importância do trabalho colaborativo no processo de ensino e aprendizagem. Os discentes mencionaram a troca de ideias, o apoio mútuo e o desenvolvimento de habilidades colaborativas como aspectos positivos, refletindo as observações dos tutores sobre a eficácia e a evolução do trabalho conjunto. O professor, por sua vez, enfatizou a riqueza e a diversidade das produções resultantes da colaboração, um ponto que também foi reconhecido pelos discentes. Essa convergência evidencia que a colaboração foi fundamental para criar um ambiente educacional dinâmico e inclusivo, promovendo o desenvolvimento de habilidades essenciais e a construção coletiva do conhecimento.

Por outro lado, as respostas dos discentes sobre a complexidade e controvérsia da temática "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" refletem as observações dos tutores e do professor sobre as barreiras culturais e sociais que dificultam a discussão do tema nas escolas. Discentes que mencionaram tabus culturais e resistências sociais corroboram as percepções dos tutores, enquanto aqueles que destacaram a necessidade de uma abordagem cuidadosa e respeitosa alinham-se com a visão do professor sobre a importância de enfrentar as complexidades e controvérsias de maneira inclusiva e crítica.

Contudo, é preciso criticar a visão de que a resistência cultural é um impedimento insuperável; na verdade, essa resistência deve ser vista como uma oportunidade de engajar em diálogos transformadores e educar sobre a importância de uma abordagem inclusiva da sexualidade. Além disso, a valorização da colaboração, embora positiva, deve ser equilibrada com a necessidade de fomentar autonomia entre os discentes, garantindo que eles desenvolvam independência crítica e não apenas dependam do trabalho em grupo. Essas convergências e críticas reforçam a necessidade de uma formação contínua e abrangente que ajude os educadores a lidar com temas sensíveis de maneira eficaz e significativa (Freire, 1996; Rodrigues; Salles, 2011; Figueiró, 2014; Barbosa, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa foi investigar como se desenvolve a formação dos licenciandos em Pedagogia para abordar com crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental temas controversos como a sexualidade. Para atingir esse objetivo, analisamos o processo formativo dos futuros pedagogos, focando nas concepções de sexualidade, nas potencialidades e obstáculos enfrentados, no uso das Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODIs) e na formação inicial dos pedagogos sob a perspectiva do trabalho didático com temas controversos.

Com a análise das concepções de sexualidade adotadas pelos participantes a partir dos relatos apresentados no processo formativo, revelou-se que apenas 13 discentes, dentre 62, apresentaram concepções abrangentes e adequadas sobre sexualidade. Esses discentes reconheceram a sexualidade como um aspecto natural e intrínseco do desenvolvimento humano, incluindo aspectos emocionais, sociais e culturais. Entretanto, a maioria deles ainda possui uma compreensão limitada, incompleta ou inadequada sobre o tema, frequentemente associando a sexualidade apenas ao ato sexual ou mostrando uma visão simplista e carregada de tabus ou preconceitos. Essas concepções inadequadas evidenciam a necessidade de um investimento contínuo na formação de educadores, conforme apontado por Fagundes (2020), que destaca a preparação de professores como essencial para a educação adequada das novas gerações na área da sexualidade.

No que diz respeito à identificação dos obstáculos e potencialidades encontrados pelos licenciandos em Pedagogia ao lidar com a tarefa de desenvolver para crianças ODIs sobre a Sexualidade, foi perceptível que os discentes enfrentaram diversas dificuldades, vindas da complexidade do tema, da falta de recursos e materiais adequados e da resistência cultural e social. No entanto, foram identificadas potencialidades significativas, como a colaboração em grupo, a abordagem interdisciplinar na Educação Infantil de temas antes considerados apenas das “ciências naturais”, a definição de objetivos claros e a criação de atividades específicas. Esses elementos permitiram que os discentes superassem alguns desafios e desenvolvessem habilidades relevantes para a prática pedagógica, conforme discutido por Santiago e Batista Neto (2011), que afirmam o fato da formação de professores ser uma prática pedagógica que envolve desafios e potencialidades.

Ao analisar o uso das ODIs como estratégia para o trabalho com temas controversos em sala de aula, essas oficinas mostraram-se um bom potencial para o trabalho. Elas promoveram um ambiente de aprendizado dinâmico, colaborativo e enriquecedor, onde os discentes puderam desenvolver habilidades essenciais como criatividade, comunicação, planejamento, interdisciplinaridade, colaboração, manuseio mais adequado de ferramentas tecnológicas, abordagem didática voltada para as crianças, tolerância, pensamento crítico e contextualização. Os resultados destacam a aptidão do trabalho com as oficinas em proporcionar um espaço de desenvolvimento profissional e formação integral, alinhado com as perspectivas educacionais de autores como Manchini (2022), Freire (2002), Morin (2002).

Com a investigação da formação inicial do pedagogo a partir dos princípios do trabalho com temas controversos, percebemos que a formação inicial dos pedagogos ainda carece de uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre temas como a sexualidade. No entanto, o contexto colaborativo de trabalho e a projeção da prática docente fundamentada na crítica e na dinâmica das contradições mostraram-se interessantes para a formação dos licenciandos. A colaboração e o trabalho em grupo permitiram que os futuros pedagogos se engajassem em um processo contínuo de transformação e crescimento, enfatizando a importância da educação como um movimento permanente e coletivo.

Por fim, a análise das respostas dos tutores e do professor ao questionário de autoavaliação revela diferentes percepções e abordagens na elaboração das ODIs sobre a sexualidade. Enquanto os tutores adotaram uma visão mais simplificada e prática, o professor destacou a importância da profundidade, diversidade e complexidade na abordagem da temática. Para superar as dificuldades identificadas, é essencial promover um ambiente de diálogo, abordar a complexidade da sexualidade e utilizar metodologias diversificadas. Preparar educadores para lidar com temas polêmicos de maneira inclusiva e crítica é fundamental para promover discussões profundas e significativas, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e reflexivos.

Portanto, investir na formação inicial e continuada dos pedagogos é essencial para garantir uma educação de qualidade que promova o respeito, a igualdade e a saúde integral das crianças, preparando-as para uma vida consciente e responsável. Essas descobertas reafirmam a importância de uma abordagem educacional crítica e

reflexiva, que capacite os educadores a lidarem com temas controversos de maneira informada e sensível.

Para finalizar, é importante reconhecer algumas limitações desta pesquisa. Primeiramente, o estudo foi realizado com um número limitado de tutores, o que pode ter influenciado a diversidade de percepções e experiências analisadas. Considerando que esses sujeitos interagem mais vezes e com mais profundidade com os estudantes, seria importante tê-los em maior qualidade de participação nesta pesquisa, mas foram apresentados os dados e resultados obtidos para este tempo e contexto, o que reflete a realidade do nosso estudo.

Além disso, o trabalho foi conduzido em uma turma na modalidade EaD, o que pode ter influenciado o processo interativo por suas características particulares (trabalho ora síncrono pelo Google Meet, ora assíncrono pelo uso do AVA, as limitações dos usuários, a interação entre a tríade professor-tutor-estudantes, entre outros), porém, reconhecemos que esses resultados refletem tanto a realidade desta modalidade quanto as peculiaridades desse jeito de fazer e construir o processo de ensino e aprendizagem, mostrados nesta investigação.

Outro ponto relevante é que os discentes não aplicaram as ODIs na prática, o que pode ter limitado a avaliação dos resultados e da eficácia dessas oficinas no contexto real de sala de aula. Essas limitações indicam a necessidade de explorar futuramente a aplicação prática das ODIs e de incluir um maior número de tutores relatando suas experiências, de forma a obter uma visão mais completa dos resultados.

Para aprimorar essas limitações em estudos futuros, recomenda-se aumentar o número de tutores envolvidos, o que pode proporcionar uma maior diversidade de percepções e experiências, enriquecendo a análise dos dados. Além disso, seria importante realizar a aplicação das ODIs pelos discentes no contexto real de sala de aula, o que permitirá uma avaliação mais completa e concreta dos resultados e da eficácia dessas oficinas.

Investir no desenvolvimento e na implementação de programas de formação continuada que abordem a sexualidade de forma integrada e contextualizada, e que também capacitem os educadores a trabalhar com uma variedade de temas controversos, é crucial. É importante também incentivar a colaboração e o diálogo entre educadores e discentes para enfrentar resistências culturais e sociais, transformando-as em oportunidades de aprendizagem e crescimento. Com essas

abordagens, acreditamos que a educação poderá cumprir seu papel de formar cidadãos conscientes, críticos e responsáveis, capazes de lidar com as complexidades do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ALLCHIN, D. Values in science: Aneducational perspective. **Science and Education**, Heidelberg, v. 8, 1-12, 1999.
- BARROSO, Ramon Roberto de Jesus; SILVA, Lana Claudia Macedo da. Gênero e Sexualidade na educação brasileira em tempos de Movimento Escola Sem Partido. **Revista Diversidade e Educação**, v. 8, n. 1, p. 427-451, jan./jun. 2020. Disponível em: [Metadados do item: Gênero e sexualidade na educação brasileira em tempos de movimento escola sem partido](#). Acesso em: 08 set. 2022.
- BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. 5. ed. São Paulo: Editores associados, 2008.
- BETANCOURT, Raúl Fonet. Oficinas didáticas: um espaço para a transformação do conhecimento. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 327-340, maio/ago, 2007.
- BEZERRA. B. H. S. **Abordagem de questões sociocientíficas**: Buscando relações entre diferentes modos de pensar e contextos em estudos sobre farmacos e automedicações no ensino de química. Recife- PE, 2018. 289f. Tese do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Recife, 2018.
- BRANDÃO, C. R; STRECK, D. R (Org). **Pesquisa participante**: O saber da partilha. Aparecida: Ideias& Letras, 2006.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: temas transversais: 5ª a 8ª séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUSATO, I. R. H. **Desenvolvimento de metodologia adequada à disciplina de biologia que permita uma diminuição da visão fragmentada do saber e comtemple uma visão mais integrada e holística**. 154f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, Florianópolis, 2001.
- CAMPOS H. M; SHAMM, V. T; NOGUEIRA, M. J. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: Interloquções com a Pesquisa Nacional de Saúde do escolar (PeNSE). **Saúde debate**. v. 37, n. 97, p 336-346, 2013.
- CARDOSO, ACC, Bispo TCF. **O desafio da atenção a grupos especiais**. 2015

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula: Relações de Gênero, Orientação Sexual e Igualdade Étnico-Racial numa Proposta de Respeito às Diferenças**. São Paulo Autêntica, 2017.

GADAMER, H. Hermenêutica clássica e hermenêutica filosófica. *In*: GRODIN, J (Org). **O pensamento de Gadamer**. Tradução em Ênio Paulo Giachini. São Paulo: Loyola, 2012.

GABARINO, Mariana. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. **Cadernos Pagu**, n. 63, p. e216316, 2021.. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202100630016>. Acesso em: 27 jan. 2025.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Portugal: Porto, 1999.

GIACOMETTI, V. C; BARCELOS, R; DIAS, C. L. **O Jogo Educativo Na Educação Infantil**. São Paulo; Autentica, 2013.

GIL PEREZ, D. Orientações didáticas para a formação continuada de professores de ciências. *In*: MENEZES, L.C. **Formação continuada de professores de ciências: no contexto ibero-americano**. Campinas: Autores Associados, 1996, p. 71-82.

GILL, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDBERG, M.A.A. **Educação Sexual: Uma Proposta, Um Desafio**. São Paulo: Aruanda, 1982. (Coleção Tempo Mulher).

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013.

GREGORIO, A. **Temas controversos socioambientais no contexto da formação continuada**. Maringá- PR, 2020. 177f. . Dissertação do Programa de Pós-graduação em educação para ciência e a matemática, Universidade Estadual de Maringá- UEM, Maringá, 2020.

HERMANN, Eliete. **Hermenêutica filosófica e ensino de filosofia: a caminho de uma metodologia para desenvolver as competências de leitura filosófica no ensino médio**. São Paulo: UFM, 2002.

ICHIBA, R. B; DAMIANO, M; MUSETTI, K. C. P; SILVA, A. F; MARTINS, A. **A importância da leitura para a formação dos alunos no processo educativo**. Amplamente: Inclusão e Ludicidade na Escola, [S.L.], p. 78-87, 2021. Amplamente Cursos e Formação Continuada. Disponível em: [b9c3ab_1ad6122f73a64ddb967c1459e37c25fe.pdf](https://doi.org/10.1590/18094449202100630016). Acesso em: 04 de jan de 2025.

JARDIM, D. P; BRETAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v. 59, n. 2, p. 149-157, abr. 2006.

JIMES, J. A.; MURILLO, J. A. G.; RAMÍREZ, C. A. R. Oficina didática: um espaço para a transformação do conhecimento. **Revista de Investigación Académica**, Ciudad Juárez, v. 53, n. 1, p. 1-12, jan. 2011.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 55-60.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil do Brasil. **Cadernos de Educação de Infância**, n. 90, p. 4-7, maio/ago. 2010

LEIB, J. Teaching controversial topics: iconography and the Confederate Battle. Flag in the South. **Journal of Geography**, Washington, D.C., v. 97, p. 229–240, 1998.

LUCKESI, M. A. **Educação para a cidadania e a ética**. São Paulo: Cortez, 2002.

MAIA, F.J. *et al* Inclusão de fontes de óleo na dieta de cabras em lactação: produção, composição e perfil dos ácidos graxos do leite. **Rev. Bras. Zootec.**, São Paulo, v.35, p.1496-1503, 2006.

MIRABENT, Peroso. C. **Oficina pedagógica**: um espaço para a criatividade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 71, n. 166, p. 5-14, jan./abr. 1990.

MARX, Karl. **Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo, 1977. p. 301.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza.; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. **Pesquisa e Ensino**, Barreiras, v.1, p. 1-24, 2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Europa-América, 2002.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reforma o pensamento. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NERY, Inez Sampaio *et al*. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paul Enferm**, Piauí, v. 28, n. 3, p. 287-92, 2015.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, M. M. **Complexidade, Dialogicidade, Ciclo Hermenêutico no processo de pesquisa e formação de professores**. Recife, UPE, 2014.

OLIVEIRA, M. M. **Sequência didática interativa: no processo de formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2013.

OULTON, C., DILLON, J. e GRACE, M. M. Reconceptualizing the teaching of controversial issues. **International Journal of Science Education**, v. 26, p. 411-423, 2004. Disponível em: [Reconceptualizing the teaching of controversial issues: International Journal of Science Education: Vol 26 , No 4 - Get Access](#) . Acesso em: 27 jan. 2025.

OWENS, D. C.; SADLER, T. D.; e ZEIDLER, D. L. Controversial issues in the science classroom. **Phi Delta Kappan**, Washington, D.C., v. 99, n. 4, p. 45-49, 2018. Disponível em: [Controversial issues in the science classroom - Kappan Online](#) . Acesso em: 27 jan. 2025.

PAUL, R. **“Towards a New Measure of Success: Developing Independent Learners”**, in open Learning. London: Kogan Page. v. 5, n. 1, 1990.

PENIN, S. T S. **A formação de professores e a responsabilidade das universidades**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 29, n. 84, p. 77-89, 2015.

PONTES, A. F. **Sexualidade: vamos conversar sobre isso**. 2011, p.36, Dissertação (Mestrado em Ciências de Saúde Mental) Universidade do Porto, Porto, 2011

PRESLEY, M. L. *et al.* A framework for socio-scientific issues based education. **Science Educator**, cidade, v. 22, n. 1, p. 26-32, 2013.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam, 2024. Disponível em: [Dicionário Priberam da Língua Portuguesa](#). Acesso em: 21 fev. 2024.

REIS, P. R. Ciência e controvérsia. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 35, n. 2, p. 9-15, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4615/1/Ciencia-e-controversia.pdf> . Acesso em: 26 out. 2015.

RIBEIRO, M. **Educação Sexual: Propostas e Métodos**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 40.

RIBEIRO, E. F; FRANÇA SILVA, G. T. **A importância do corpo e o movimento na educação infantil: reflexões sobre o impacto que se dá na aprendizagem, ao ser trabalhado o corpo e o movimento**. Centro Universitário Internacional UNINTER, 2021. Disponível em: [AIMPOR~1.PDF](#) . Acesso em: 27 nov. 2024.

RODRIGUES, C. C.; SALLES, L. M. A. A formação de professores e a educação sexual: reflexões sobre a prática pedagógica. **Revista Eletrônica de Educação**, São Paulo v. 5, n. 1, p. 1-12, 2011. Disponível em: [SciELO Brasil](#). Acesso em: 6 nov. 2023.

REGNER, A. C. K. P. **Feyerabend e o pluralismo metodológico**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 231–247, 1996. Disponível em: [Feyerabend e o pluralismo metodológico | Caderno Brasileiro de Ensino de Física](#). Acesso em: 04 fev. 2025.

RUDDUCK, J. A strategy for handling controversial issues in the secondary school. In: WELLINGTON, J. (Ed.). **Controversial issues in the curriculum**. Oxford: Basil Blackwell, 1986. p. 6-18.

SANTIAGO, E; BATISTA, N. J. Formação de professores e prática pedagógica na perspectiva freireana. **Educação & Realidade**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 63-80, 2011. DOI: 10.1590/0104-4060.47202.

SANTIAGO, L. L. M. **Hermenêutica filosófica e ensino de filosofia**: a caminho de uma metodologia para desenvolver as competências de leitura filosófica no ensino médio. 2019, p.33., Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão. 2019.

SARMENTO, Suede Sheila et al. Estratégias metodológicas nas abordagens sobre IST no Ensino Fundamental. **REVAST**, Petrolina- Pernambuco- Brasil, v.8, n.17, p. 83-99, dez., 2018.

SAUCEDO, K. R. R.; PIETROCOLA, M. Características de pesquisas nacionais e internacionais sobre temas controversos na Educação Científica. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 25, n. 1, p. 215-233, 2019.

SCHEID, N. M. J. História da ciência na educação científica e tecnológica: contribuições e desafios. **Revista brasileira de Ensino, Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 443-458, 2018

SELLES, S.E. Formação continuada e desenvolvimento profissional de professores de ciências: anotações de um projeto. **Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 167-181, jul./dez. 2002.

PENIN, S. T S. **A formação de professores e a responsabilidade das universidades**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 29, n. 84, p. 77-89, 2015.

SILVA, Diana. Gênero e Orientação sexual na Base Nacional Comum Curricular. In: EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, xiv. 2020, São Cristóvão- SE. **Anais**, São Cristóvão: Educon, 2020. p 4-17. Disponível em: [\(PDF\) Gênero e Orientação Sexual Na Base Nacional Comum Curricular](#) . Acesso em: 1 mar. 2023.

SILVA, J. A.; SANTOS, M. A. A. Formação de professores e educação sexual: reflexões sobre a prática pedagógica. **Revista Eletrônica de Educação, Araraquara**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-12, 2011.

SILVEIRA, José Carlos. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Entrevista concedida a José da Silva. *CPERS/Sindicato*, 2019. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/15.-Por-uma-Pedagogia-da-Pergunta.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2025.

SILVEIRA, T. A. **Oficinas Didáticas interdisciplinares: teoria, prática e reflexão.** São Carlos. Pedro e João Editores, 2020.

SILVEIRA, Thiago Araújo da. **Análise das orientações conceituais e metas de formação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência de Ciências.** 2017. 263 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017.

SUPLICY, Marta; SAYÃO, Yara e GTPOS- **Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual** "SEXO SE APRENDE NA ESCOLA", São Paulo. Olho D'Água, 1997.

TELES, Maria Luíza Silveira. **Educação, a revolução necessária.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

THIESEN, J. A Interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 39, set./dez., 2008. Disponível em: [SciELO Brasil - A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem](#) . Acesso em: 17 abr. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1985.

UNESCO. **Orientações Técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências.** Paris, França, UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>. Acesso em: 06 out. 2022.

WALKER, R. "Open Learning and the Media: Transformation of Education in Times of Change". In: EVANS, T; NATION, D., **Reforming Open and Distance Education.** Londres Koogan/ Page, 1993.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política e Educação.** Campinas, São Paulo. Autores: Associados, 1998.

7 APÊNDICES

APÊNDICE 1- FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DOS DISCENTES

AUTOAVALIAÇÃO DAS OFICINAS DIDÁTICAS INTERDISCIPLINARES

Olá! Este formulário tem como objetivo acompanhar como foi a experiência do discente na disciplina de Fundamentos das Ciências da Natureza com relação às "Oficinas Didáticas Interdisciplinares" e, por isso, suas respostas são muito importantes.

* Indica uma pergunta obrigatória

Você faz Licenciatura em? *

Qual seu nome?

Você está em que período? *

Você já tem diploma de outra graduação? Se sim, qual? *

Você já teve ou tem experiência em sala de aula? Se sim, comente qual o nível (Fundamental ou médio) e qual a disciplina lecionou/ leciona? *

Você acha que a temática trabalhada "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" é controversa? Justifique sua resposta *

Como foi trabalhar essa temática? *

O trabalho colaborativo te ajudou de alguma forma na elaboração da ODI? Justifique a sua resposta *

Qual dificuldade você apresentou para abordar a temática na ODI? *

Qual a sua opinião sobre os seguintes itens da disciplina para sua formação? *
 Utilize a escala de 1 a 5, sendo 1 muito ruim e 5 muito bom.

	Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5	Coluna 6
Textos das aulas	<input type="radio"/>					
Chat para discussão	<input type="radio"/>					
Comunicação (grupo no Whatsaap)	<input type="radio"/>					
Vídeos	<input type="radio"/>					
Proposta de avaliação da disciplina	<input type="radio"/>					
Sessões de orientação para realização da ODI.	<input type="radio"/>					

Conte-nos, como foi realizar o planejamento de todas as etapas de uma Oficina Didática Interdisciplinar? *

Conte-nos, como foi a experiência de planejar a situação-problema da oficina? *

A produção de Oficinas Didáticas Interdisciplinares possibilitou desenvolver as seguintes atitudes e valores: *

	Não concordo	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo total	Não sei ou não quero opinar
Agir pessoal e coletivo	<input type="radio"/>				
Desenvolver a curiosidade	<input type="radio"/>				
Praticar a empatia	<input type="radio"/>				
Exercitar o diálogo e a resolução de conflitos	<input type="radio"/>				
Exercitar a cooperação	<input type="radio"/>				

Você gostaria de comentar algum item da questão anterior?

A disciplina Oficinas Didáticas Interdisciplinares possibilitou desenvolver as seguintes habilidades: *

	Não concordo	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente	Não sei ou não quero opinar
Criatividade	<input type="radio"/>				
Comunicação	<input type="radio"/>				
Planejamento	<input type="radio"/>				
Foco nos estudantes	<input type="radio"/>				
Tolerância	<input type="radio"/>				
Pensamento crítico	<input type="radio"/>				
Contextualização	<input type="radio"/>				

Você gostaria de comentar algum item da questão anterior?

Sugestões e Melhorias para disciplina. *

Deixe seu comentário, com três pontos positivos em relação a disciplina. *

APÊNDICE 2- FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DOS TUTORES E DO PROFESSOR

AUTOAVALIAÇÃO DOS TUTORES E DO PROFESSOR

Olá, Tutor/ Tutora da disciplina de Fundamentos das Ciências da Natureza. Este formulário tem como objetivo acompanhar como foi a experiência de tutoria na disciplina de Fundamentos das Ciências da Natureza com relação as "Oficinas Didáticas Interdisciplinares" e por isso, suas respostas são muito importantes.

* Indica uma pergunta obrigatória

Enviar por e-mail*

Qual polo você atuou? *

Você já teve experiência de tutoria outras vezes? *

Sim

Não

Você acha que a temática trabalhada "Sexualidade em seu contexto Biopsicossocial" é controversa? Justifique sua resposta *

Para você, como foi a experiência de observar e avaliar os discentes em suas apresentações? *

Você acredita que o trabalho colaborativo dos discentes colaborou para elaboração da ODI? Justifique *

Quais dificuldades você conseguiu identificar nos discentes na abordagem da temática? *

APÊNDICE 3- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO -
UFRPE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A SEXUALIDADE EM SUA DIMENSÃO BIOPSISSOCIAL: A FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS NOS FUNDAMENTOS DAS CIÊNCIAS NATURAIS A PARTIR DE TEMAS CONTROVERSOS

Pesquisador: KAROLINE BARBOSA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 83728424.5.0000.9547

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.272.922

Apresentação do Projeto:

As informações aqui descritas foram extraídas do arquivo "Projeto_de_mestrado_atualizado.pdf", submetido em 20/11/2024 às 18:07:26 pela pesquisadora na Plataforma Brasil.

"Este estudo analisa o processo formativo de futuros pedagogos na abordagem de temas controversos sobre sexualidade infantil. A sexualidade é amplamente estudada e considerada controversa em muitos contextos sociais, incluindo escolas e famílias, devido a fatores culturais, religiosos e ideológicos. Ainda tratada como tabu, a sexualidade raramente é discutida entre pais e filhos e, nas escolas, a abordagem é limitada ao biológico por receio ou falta de preparo dos professores. Para preencher essa lacuna na formação docente, este trabalho utilizará Oficinas Didáticas Interdisciplinares (ODI_{is}) para preparar os licenciandos a abordar a sexualidade de forma biopsicossocial. A pesquisa será realizada em uma disciplina específica, com coleta de dados por meio de produções textuais, propostas de ODI_{is}, compartilhamento dessas produções e questionários de autoavaliação".

Objetivo da Pesquisa:

As informações aqui descritas foram extraídas do arquivo "Projeto_de_mestrado_atualizado.pdf", submetido em 20/11/2024 às 18:07:26 pela pesquisadora na Plataforma Brasil.

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife **CEP:** 52.171-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 **E-mail:** cep@ufrpe.br

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO -
UFRPE



Continuação do Parecer: 7.272.922

"esse projeto tem como objetivo geral analisar o processo formativo desenvolvido por futuros pedagogos na abordagem de temas controversos relacionados a sexualidade para crianças. Tendo como objetivos específicos:

- ¿ Analisar concepções de sexualidade dos participantes a partir de relatos apresentados no processo formativo;
- ¿ Identificar potencialidades e obstáculos encontrados pelos licenciandos em Pedagogia ao lidar com a tarefa de desenvolver Oficinas Didáticas Interdisciplinares sobre a Sexualidade para crianças;
- ¿ Analisar o uso das Oficinas Didáticas Interdisciplinares como estratégia para o trabalho com temas controversos em sala de aula;
- ¿ Investigar a formação inicial do pedagogo a partir dos princípios do materialismo dialético em um contexto colaborativo de trabalho e prática docente".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As informações aqui descritas foram extraídas do arquivo "TCLE_DISCENTES_alterado_2.pdf", submetido em 28/11/2024 às 18:27:57 pela pesquisadora na Plataforma Brasil.

Possíveis riscos causados pela pesquisa, medidas adotadas para minimização e providências em caso de dano. Ao participar da pesquisa, você poderá experimentar alguns riscos, como:

- ¿ Cansaço Mental: Pode ocorrer devido à concentração necessária para responder aos questionários.
- ¿ Aborrecimento ao Responder Questionários: Responder várias perguntas pode causar aborrecimento.
- ¿ Receio por Sua Voz Estar Sendo Gravada: Pode haver desconforto com a gravação de áudio durante as apresentações.
- ¿ Alterações na Autoestima: As discussões sobre sexualidade podem evocar memórias pessoais e afetar a autoestima.
- ¿ Alterações de Visão de Mundo, Relacionamentos e Comportamentos: Reflexões sobre sexualidade podem influenciar sua visão de mundo e interações sociais.
- ¿ Divisão de Trabalho Familiar e Satisfação Profissional: A reflexão sobre esses temas pode levar a mudanças na percepção de suas responsabilidades familiares e profissionais.
- ¿ Problemas com Internet: Questões técnicas podem exigir mais de um encontro virtual para a conclusão da pesquisa.

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife **CEP:** 52.171-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 **E-mail:** cep@ufrpe.br

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO -
UFRPE



Continuação do Parecer: 7.272.922

Medidas para Minimização dos Riscos:

- ζ Planejamento Flexível: Você poderá combinar com os pesquisadores o momento mais conveniente para entrega de produções textuais, aulas, reuniões, seminários e responder ao questionário.
- ζ Direito de Recusa: Você tem o direito de não responder a uma ou mais perguntas sem precisar explicar a sua decisão.
- ζ Segurança dos Dados: As informações coletadas serão armazenadas em um computador protegido com senha, firewall e antivírus. Cópias de segurança serão realizadas periodicamente. Providências em Caso de Dano:
- ζ Confidencialidade: Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, sem identificação dos voluntários.
- ζ Armazenamento Seguro: Os dados coletados serão armazenados sob a responsabilidade da pesquisadora Karoline Barbosa da Silva, pelo período mínimo de 5 anos.
- ζ Assistência em Caso de Riscos: Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores, oferecendo assistência integral, imediata e gratuita, pelo tempo necessário, em caso de riscos decorrentes desta pesquisa.

ζ Os voluntários serão beneficiados tanto indiretamente quanto diretamente. Ao contribuírem para o enriquecimento dos conhecimentos sobre ζA Sexualidade em sua Dimensão Biopsicossocial: A Formação dos Pedagogos nos Fundamentos das Ciências Naturais a partir de Temas Controversosζ, esse conhecimento poderá ser utilizado na elaboração de ações futuras. Isso promoverá uma compreensão mais ampla e fundamentada sobre a sexualidade e suas implicações na formação pedagógica. Os participantes também terão a oportunidade de refletir sobre a sexualidade em sua dimensão biopsicossocial, sua importância em sala de aula e compreender o desenvolvimento de uma Oficina Didática Interdisciplinar (ODI).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa realizada pela estudante de pós-graduação KAROLINE BARBOSA DA SILVA para obtenção do título de MESTRE do Curso de Pós-Graduação em ENSINO DAS CIÊNCIAS (PPGEC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob a orientação do professor Dr. THIAGO ARAUJO DA SILVEIRA.

Início da pesquisa: 01/10/2024

Previsão de conclusão: 10/02/2025

Início da coleta de dados: Dez/24

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife **CEP:** 52.171-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 **E-mail:** cep@ufrpe.br

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO -
UFRPE



Continuação do Parecer: 7.272.922

Ambiente da coleta: virtual e presencial

Tamanho da amostra: 70

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou pendências e lista de inadequações".

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou pendências e lista de inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os documentos atendem às normas regulamentadoras do sistema CEP/CONEP/CNS/MS.

Considerações Finais a critério do CEP:

- 1) Atentar para o CARTA CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS onde o(a) pesquisador(a) poderá encontrar as Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.
- 2) Ressalta-se que cabe ao(à) pesquisador(a) responsável encaminhar os relatórios de pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Resolução CNS 466/2012, Art. XI.2.d e Resolução CNS 510/2016, Art. 28.V.
- 3) Ressalta-se que cabe ao(à) pesquisador(a) "manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa", conforme Resolução CNS 466/2012, Art. XI.f.
- 4) Em caso de alteração em projeto de pesquisa já aprovado pelo CEP, deve-se anexar na Plataforma Brasil todos os documentos que foram modificados junto com uma carta justificativa contendo a descrição e os motivos para a emenda conforme Resolução CNS 251/1997, Art. III.2.e e Norma Operacional 001/2013, Art. 2.1.h.1.
- 5) Em caso de dúvidas, o(a) pesquisador(a) pode buscar as normas e resoluções emitidas pela CONEP que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos, disponíveis publicamente no site <http://www.cep.ufrpe.br/> (menu > normas e resoluções), assim como contactar o CEP-UFRPE através de e-mail (cep@ufrpe.br) ou telefone (+55-81-3320.6638).

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife **CEP:** 52.171-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 **E-mail:** cep@ufrpe.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO -
UFRPE**



Continuação do Parecer: 7.272.922

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2420803.pdf	28/11/2024 18:32:13		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	_CARTA_DE_ANUENCIA_atualizada_2.pdf	28/11/2024 18:31:27	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TUTORES_alterado.pdf	28/11/2024 18:28:19	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_DISCENTES_alterado_2.pdf	28/11/2024 18:27:57	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_2.pdf	28/11/2024 18:24:24	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.pdf	20/11/2024 18:12:56	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_mestrado_atualizado.pdf	20/11/2024 18:07:26	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_ATUALIZADO.pdf	20/11/2024 17:47:19	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_Karoline_assinado_alterado.pdf	20/11/2024 16:26:25	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
Outros	Lattes_Karoline_Barbosa_da_Silva.pdf	19/09/2024 17:51:58	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
Outros	Lattes_Thiago_Araujo.pdf	19/09/2024 17:51:33	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_E_CONFIDENCIALIDADE.pdf	19/09/2024 17:47:26	KAROLINE BARBOSA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife **CEP:** 52.171-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 **E-mail:** cep@ufrpe.br

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO -
UFRPE



Continuação do Parecer: 7.272.922

RECIFE, 06 de Dezembro de 2024

Assinado por:
MAITE KULESZA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife **CEP:** 52.171-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 **E-mail:** cep@ufrpe.br